

**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado Integrado em Arquitectura**

Dissertação

**A Arquitectura do Bairro dos Alemães, em Beja  
Os Equipamentos Públicos do Plano de 1960**

Catarina Dias Faustino Pinho

Orientador(es) | João Barros Matos

Rui Mendes

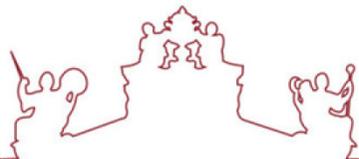
Évora 2021

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitectura

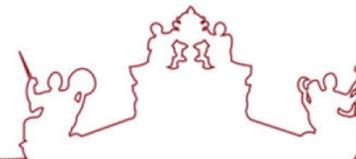
Dissertação

**A Arquitectura do Bairro dos Alemães, em Beja  
Os Equipamentos Públicos do Plano de 1960**

Catarina Dias Faustino Pinho

Orientador(es) | João Barros Matos  
Rui Mendes

Évora 2021



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Sofia Salema (Universidade de Évora)

Vogais | João Barros Matos (Universidade de Évora) (Orientador)  
João Gabriel Soares (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2021

**A ARQUITECTURA DO BAIRRO DOS ALEMÃES, EM BEJA**  
**Os Equipamentos Públicos do Plano de 1960**

Volume I



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
Escola de Artes | Departamento de Arquitectura  
Mestrado Integrado em Arquitectura

**ORIENTAÇÃO**  
Professor Doutor João Barros Matos  
Professor Arquitecto Rui Mendes

**Catarina Pinho**

Évora, 2020

À minha Mãe e à Sara.

À minha família, por tornarem tudo possível.  
Ao Joe, por ser incondicionalmente incansável.  
Aos meus amigos Maisa, Patrícias, Fábio, Joana e Pedro pela  
entregajuda e pelos momentos partilhados durante este percurso.  
À Maria João, pela inabalável amizade, desde sempre.  
Aos meus orientadores João Matos e Rui Mendes pela disponibilidade  
e aprendizagem ao longo do curso.  
E ao Rui Silvestre pelas fantásticas fotografias de drone.

Obrigada!

A presente dissertação de Mestrado foi elaborada segundo a Norma Bibliográfica "Chicago 15th A" e não respeita o Acordo Ortográfico de 1990. Todos os elementos gráficos deste documento foram produzidos pela autora, com base em interpretações provenientes da investigação, bem como cartografia e levantamentos *in situ*. Faz parte desta dissertação o volume "**A Arquitectura do Bairro dos Alemães, em Beja – Os equipamentos do Plano de 1960. Anexos**".

## ÍNDICE

### Volume I

- 1 **1. INTRODUÇÃO**
- 13 **2. ENQUADRAMENTO**
  - 2.1. A cidade de Beja
  - 2.2. O Bairro dos Alemães
- 45 **3. O PLANO DO BAIRRO**
  - 3.1. Estrutura e zoneamento
  - 3.2. Equipamentos
- 159 **4. CASOS DE ESTUDO**
  - 4.1. Olivais Norte
  - 4.2. Olivais Sul
  - 4.3. Bairro de Nova Oeiras
  - 4.4. Hansaviertel
- 189 **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- 197 **6. BIBLIOGRAFIA**

### Volume II

- 7. ENTREVISTAS / CONVERSAS**
  - 7.1. Alberto Reaes Pinto
  - 7.2. Alfredo Campos Matos
  - 7.3. António Guerreiro
  - 7.4. Pedro Botelho
- 8. DESENHOS DE ARQUIVO**
- 9. PUBLICAÇÕES SOBRE O BAIRRO DOS ALEMÃES**



Fig. 1 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

## 1. INTRODUÇÃO

RESUMO / ABSTRACT

OBJECTO DE ESTUDO

OBJECTIVO

METODOLOGIA

MOTIVAÇÃO

ESTADO DA ARTE

## RESUMO

### A ARQUITECTURA DO BAIRRO DOS ALEMÃES, EM BEJA OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DO PLANO DE 1960

Durante a década de 1960, com a finalidade de corresponder aos acordos bilaterais entre Portugal e a República Federal da Alemanha - no sentido de proporcionar facilidades de treino operacional à Força Aérea Alemã -, foi instalada, em Beja, a base aérea n.º 11. Igualmente pertencente à Base, embora integrando a malha urbana da parte Sudoeste da cidade de Beja, foi implantado um bairro composto por equipamentos públicos, habitações, espaços verdes e espaços de lazer, complementados por outras instalações de apoio social – o “Bairro dos Alemães”.

Tanto as instalações comerciais como as escolares e recreativas foram pensadas de modo a serem usufruídas pelos membros contíguos à Base e pela população da cidade, no geral. Fazia ainda parte do plano a construção de campos de jogos, piscina, hospital militar, igreja, cinema, hotel, heliporto e uma mata, que ainda hoje funciona como pulmão da cidade de Beja.

A presente dissertação procura aprofundar o conhecimento sobre o plano de concepção do Bairro Alemão (década de 1960), em Beja, de Manuel Costa Lobo, Francisco Keil do Amaral, Alfredo Campos Matos, João Rosa Mendes, Alberto Reaes Pinto, José Luís Zuquete, Jácome da Costa e José Rafael Botelho; dando especial ênfase aos equipamentos públicos indispensáveis para o funcionamento de um bairro, “estrangeiro” à cidade, analisando os projectos desta categoria - construídos e não construídos, quando possível.

**Palavras-chave:** Arquitectura, Bairro dos Alemães, Beja, Equipamentos Públicos

## ABSTRACT

### THE ARCHITECTURE OF GERMAN NEIGHBOURHOOD IN BEJA PUBLIC EQUIPMENTS OF THE 1960'S PLAN

During the 1960s, in order to correspond to the bilateral agreements between Portugal and the Federal Republic of Germany - in order to provide operational training facilities to the German Air Force - the No. 11 air base was installed in Beja. Also belonging to the base, although integrating the urban network of the southwestern part of the city of Beja, a neighbourhood was set up consisting of public facilities, housing, green spaces and leisure areas, complemented by other social support facilities - “Bairro dos Alemães”.

Commercial, educational and recreational facilities were designed to be enjoyed by members adjacent to the base and the city's population in general. Also, part of the plan was the construction of playing fields, swimming pool, military hospital, church, cinema, hotel, heliport and a forest, which still functions today as the lung of the city of Beja.

The present dissertation seeks to deepen the knowledge about the conception plan of the German neighbourhood (1960's), in Beja, of Manuel Costa Lobo, Francisco Keil do Amaral, Alfredo Campos Matos, João Rosa Mendes, Alberto Reaes Pinto, José Luís Zuquete, Jácome da Costa and José Rafael Botelho; giving special emphasis to the public equipments indispensable for the functioning of a neighbourhood, “foreign” to the city, analyzing the projects of this category - built and not built, when possible.

**Keywords:** Architecture, German Neighbourhood, Beja, Public Equipments

## OBJECTO

É constituído como objecto de estudo a arquitectura dos equipamentos públicos pertencentes ao plano da década de 1960 do Bairro Residencial da Base Aérea n.º 11 - Bairro dos Alemães -, em Beja. Pouco documentado e estudado, concluído na década de 1970, foi concebido para militares alemães, embora os projectos de arquitectura tenham sido elaborados apenas por arquitectos portugueses. No âmbito desta dissertação, os equipamentos construídos e não construídos serão estudados como parte fulcral para a construção de uma cidade, adjacente a outra preexistente com características muito distintas a vários níveis – económico, social, cultural, linguístico e comunicativo.

## OBJECTIVOS

A dissertação tem como objectivo principal aprofundar o conhecimento sobre o plano de concepção do Bairro dos Alemães (década de 1960), em Beja, de Manuel Costa Lobo, Francisco Keil do Amaral, Alfredo Campos Matos, João Rosa Mendes, José Luís Zuquete, Jácome da Costa, Alberto Reaes Pinto e José Rafael Botelho; dando especial ênfase aos equipamentos públicos indispensáveis para o funcionamento de um bairro, “estrangeiro” à cidade, analisando os projectos desta categoria - construídos e não construídos.

Neste âmbito, em primeiro lugar, pretende-se contextualizar, por um lado, a cidade e, por outro, o plano do bairro, com um enquadramento da cidade de Beja, na década de 1960, e após a construção do Bairro (década de 1970 até ao presente). Em segundo lugar, a investigação é direccionada para a descrição e interpretação detalhada do plano da década de 1960 – com a análise da sua estrutura, das diferentes zonas e dos seus equipamentos públicos - através do redesenho de todos os projectos acessíveis em arquivo, com a finalidade de criar uma base gráfica sobre o bairro, compilada num só documento - a primeira monografia sobre o Bairro dos Alemães.

Em paralelo, é desenvolvida uma análise de casos de estudo do mesmo período, pertinentes para o conhecimento e melhor compreensão do conjunto arquitectónico.

## METODOLOGIA

O plano de investigação consiste num trabalho contínuo de pesquisa e interpretação do que, por um lado, existe documentado sobre o bairro e, por outro, dos casos de estudo do mesmo período (em Portugal e na Alemanha) para uma melhor compreensão do plano de 1960 como um conjunto. Esta investigação desenvolve-se da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, a recolha de informação através de fontes primárias - como publicações escritas, livros, relatórios e revistas, fotografias e desenhos - e de fontes secundárias - publicações ou livros onde se refere a existência do bairro. Este processo permite a comparação de elementos escritos e gráficos, assim como perceber qual a dimensão de publicações sobre o Bairro dos Alemães.

Em segundo lugar, a recolha de desenhos de arquivo e respectivos tratamentos gráficos - uma nova base gráfica dos projectos do bairro (fulcral para o seu estudo e divulgação) -, complementados por levantamentos pontuais arquitectónicos e fotográficos, de modo a poder-se fazer uma interpretação mais precisa sobre o Bairro dos Alemães.

Depois, são feitas entrevistas a arquitectos que intervieram no bairro, como tentativa de completar e interligar a informação sobre o bairro. Seguem-se as visitas ao sítio para levantamentos e inspecção visual de todo o bairro, de forma a poder-lo analisar de acordo com a experiência in situ.

Por fim, a análise de casos de estudo semelhantes (em Portugal e na Alemanha), de forma a poder-se estabelecer relações entre eles através da sua estrutura urbana, tipos de equipamentos públicos, zonas e tipos de espaços.

## MOTIVAÇÃO

O interesse para a exploração deste tema surge na sequência do laboratório “Torre para Solteiros”, organizado pelos arquitectos Rui Mendes e Manuel Faião. Este laboratório (para estudantes de arquitectura) aconteceu em Beja, em Junho de 2018 e incidiu, principalmente, no edifício destinado a “solteiros ou a militares em trânsito” - com dez pisos úteis e em estado degradado, actualmente desabitado e em risco de demolição -, com o objectivo de produzir um conjunto de raciocínios, em desenho e em maquetas, para a ocupação temporária ou permanente da torre, a partir de uma reabilitação ou reconversão do edifício. Todo o trabalho de atelier foi desenvolvido num espaço reservado no Bairro dos Alemães - a casa Alemã (antigo ponto de encontro dos militares), onde decorreram as conferências em regime de aula aberta, assim como as apresentações com convidados e a exposição final dos trabalhos. Realizaram-se ainda visitas a obras importantes da cidade (incluindo todo o bairro), acompanhadas por vários arquitectos.

A pertinência da investigação é motivada pela degradação (embora não aparente) e pelo desinteresse neste conjunto arquitectónico no que diz respeito à sua documentação, ocupação e reabilitação.



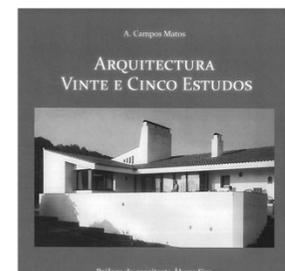
Fig. 2 - Cartaz do Laboratório de Arquitectura “Torre para Solteiros” Beja, 2018

## ESTADO DA ARTE

Durante o desenvolvimento da investigação todas as obras indicadas foram fundamentais. A informação existente e publicada sobre o Bairro dos Alemães, no campo específico que se refere à arquitectura, tema principal desta dissertação, é pouco desenvolvida e muitas vezes vaga, não transparecendo a existência de um conjunto arquitectónico como um todo (incluindo o construído e o não construído – referente ao plano). As obras *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*, de Ana Tostões e João Afonso (et al.); *Keil do Amaral: Arquitecto 1910 – 1975*, de Francisco Keil do Amaral, José Antunes da Silva e Raúl Hestnes Ferreira e *Equipamientos II. Ocio, Deporte, Comercio, Transporte y Turismo, 1925 – 1965*, de Ana Tostões (et al.) apresentam exclusivamente o projecto elaborado por Francisco Keil do Amaral – o hotel (e o restaurante). A publicação de Alfredo Campos Matos, *Arquitectura – Vinte e Cinco Estudos*, apresenta fotografias do período de construção do bairro e refere a existência de um “plano urbanístico e arquitectural da base aérea de Beja”<sup>1</sup>. Contudo, o foco está no centro cívico e comercial, pois foi o projecto que coube ao autor elaborar. Estas são as obras que dispõem alguma informação sobre o bairro, no campo da arquitectura. Estão compiladas as respectivas digitalizações no Volume II deste documento, como prova da pertinência em aprofundar este estudo. (Matos 2017, 37)

No âmbito do Enquadramento, há uma breve introdução ao Alentejo e a Beja e, de seguida, à situação socioeconómica da década de 1960 (e anteriores). O *Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão*, de Fernando P. Amorim (et al.), e as fotografias de Artur Pastor (1922 – 1999), disponibilizadas pelo Arquivo Municipal de Lisboa, e do Arquivo Municipal de Beja, ambas de época, foram a base para a análise da década de 1960 e as anteriores no distrito de Beja. É de salientar que na altura em que se começou a pensar a Base Aérea e, conseqüentemente, o Bairro Residencial da mesma, não havia estudos deste tipo feitos para o distrito de Beja. Toda a investigação foi feita pelos vários profissionais que integravam o gabinete da CANIFA – Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas. Depois, surge, ainda no mesmo capítulo, uma parcela sobre

1. Matos, Alfredo Campos, “Arquitectura – Vinte e Cinco Estudos”. Edição de Autor (2017): 37.



1.



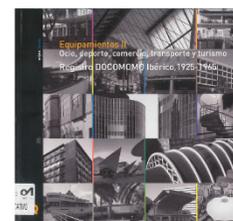
2.



3.



7.



4.



5.



6.

1. *Arquitectura, Vinte e Cinco Estudos* de Alfredo Campos Matos. Edição de autor, 2017.
2. *Keil do Amaral, Arquitecto, 1910 - 1975* de Francisco Keil do Amaral, José Antunes da Silva e Raúl Hestnes Ferreira. Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1992.
3. *A Arquitectura do Bairro dos Alemães*, RM Arquitectura, Edição de Autor, 2018.
4. *Equipamientos II, Ocio, Deporte, Transporte y Turismo, Registro Docomomo Ibérico, 1925 - 1965* de Ana Tostões; et al. Fundacion Caja de Arquitectos, 2011.
5. *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal* de Ana Tostões; et al. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2006.
6. *A Força das Armas: o Apoio da República Federal da Alemanha ao Estado Novo (1958 - 1968)* de Ana Mónica Fonseca. Lisboa: IDI - MNE, 2007.
7. *Dez anos de Relações Luso-Alemãs: 1958 - 1968* de Ana Mónica Fonseca. Instituto Português de Relações Internacionais, 2006.

as relações luso-alemãs. Aqui, *Força das Armas: o Apoio Federal da República Federal da Alemanha ao Estado Novo (1958 – 1968)* e *Dez Anos de Relações Luso-Alemãs: 1958 – 1968*, ambos de Ana Mónica Fonseca, apresentam uma vasta informação sobre as relações entre a RFA (República Federal da Alemanha) e Portugal, como sugerem os títulos, o que permitiu a elaboração e percepção cronológica dos acontecimentos que proporcionaram, por um lado, a construção da Base Aérea e, por outro, a não continuação da construção do bairro residencial e a não renovação do acordo e, assim, o abandono da base pelos militares alemães.

No capítulo sobre o Bairro propriamente dito, “O Plano do Bairro”, o *Plano Director* de Alfredo Campos Matos (*et al.*), elaborado pelos elementos da CANIFA, tal como o relatório acerca das implicações socioeconómicas, referido anteriormente, apresenta todo o estudo detalhado para a estrutura e zoneamento do plano, desde a escolha da sua implantação ao espaço, em metros quadrados ou hectares, que ocuparia cada elemento fundamental ao funcionamento do bairro alemão. Os desenhos elaborados neste capítulo tiveram como base os documentos do Arquivo Municipal de Beja.

Quanto aos Casos de Estudo, existem referências arquitectónicas que reúnem um conjunto de informações significativas para a compreensão do plano da Zona Residencial de Beja (ZRB). O caso dos Bairros de Olivais Norte e de Olivais Sul, em Lisboa, assim como a urbanização de Nova Oeiras, em Oeiras, são fulcrais para a percepção da arquitectura das décadas de 1950 e 1960, tendo semelhanças, por um lado, com o universo alemão da altura e, por outro, com o planeamento, orientado pelo engenheiro e urbanista Manuel Costa Lobo, do Bairro Alemão, em Beja. Há ainda uma referência alemã da mesma época – o Bairro de Hansaviertel, em Berlim -, que apresenta um quadro de arquitectos muito diferenciado, assim como os edifícios, pois foram todos pensados por pessoas distintas – analogia com o objecto de estudo desta investigação. O artigo *Recuperação Urbanística, Paisagística e Arquitectónica do Bairro de Nova Oeiras*, de José Manuel Fernandes; as revistas *Arquitectura* n.º 81, *Olivais Norte*, e a *Boletim QTH, Urbanização de Olivais Sul*, e *A Interbau e a Requalificação Moderna do Oitocentista Hansaviertel em Berlim, 1957*, de Mara Oliveira Eskinazi, são fulcrais para a compreensão do

planeamento e concepção dos diversos casos de estudo, bem como para a execução de desenhos síntese e de análise.

Além das obras em que se aborda o bairro e das referências arquitectónicas fundamentais para o compreender, importa referir que houve um acontecimento, em Junho de 2018, que motivou esta investigação (já referido). Debateu-se a importância do conjunto arquitectónico e pensou-se, durante alguns dias, sobre hipóteses para o futuro da Torre para Solteiros, com uma ocupação nova - temporária ou permanente. Em Considerações Finais (capítulo final) regressa-se ao tema principal do laboratório, desenvolvendo, hipoteticamente, uma estratégia para que o bairro tenha uma dinâmica diferente, visto que os números de habitações desocupadas são abismais naquela zona.



Fig. 3 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

## 2. ENQUADRAMENTO

### 2.1. A CIDADE DE BEJA

#### CIDADE E TERRITÓRIO

O ALENTEJO

BEJA

#### CONTEXTO SOCIOECONÓMICO

O ALGOMERADO URBANO

BEJA E A SUA REGIÃO

A POPULAÇÃO URBANA, AS ACTIVIDADES PROFISSIONAIS E A VIDA ECONÓMICA

### 2.2. O BAIRRO DOS ALEMÃES

#### AS RELAÇÕES LUSO-ALEMÃS

IMPLICAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA BASE AÉREA N.º 11

## A CIDADE DE BEJA

### CIDADE E TERRITÓRIO

#### O ALENTEJO

A paisagem alentejana é essencialmente caracterizada pela dominância de linhas horizontais, com uma extensão de terrenos a perder de vista e de fraca ondulação. De um modo geral, os edifícios são baixos, fortemente agarrados ao chão e com coberturas de declive ligeiro, e as árvores são largas e baixas. Todos estes elementos horizontais contribuem para acentuar a planície, uma vez que os verticais estão ausentes. O “monte” e os assentos de lavoura mostram claramente a poderosa influência do meio, quer pelos materiais mais evidentes utilizados – a cal, a tijoleira e a telha de canudo –, quer pelas soluções construtivas aplicadas – paredes espessas e baixas e telhados com pouco declive.

O Alentejo é um meio onde não escasseia o espaço horizontal, o que dispensa a edificação em pisos sobrepostos, e onde o clima (pela fraca presença de chuvas), por um lado, permite atenuar a inclinação das coberturas, e, por outro, obriga a espessar as paredes e a reduzir os vãos de portas e janelas, como defesa contra temperaturas extremas e intensa luminosidade. Há elementos que permanecem válidos como definidores locais da paisagem: a seara e o olival, o predomínio da horizontalidade, passagens cobertas, extensas fachadas de pequenos vãos e casas caiadas.

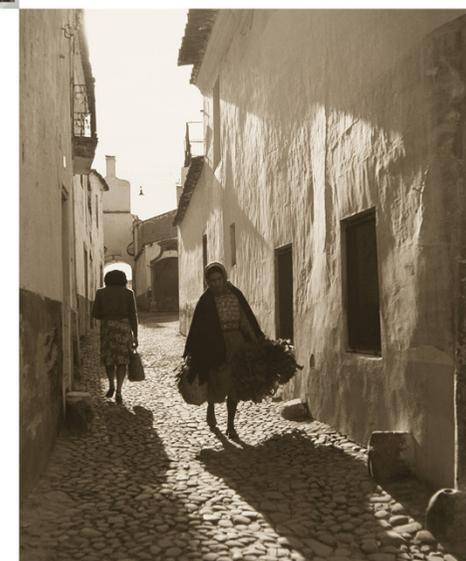


Fig. 4 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR

Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

Fig. 5 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR

Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

## BEJA

A cidade de Beja encontra-se numa elevação, emergindo da vasta planície alentejana e destacando-se com o seu antigo castelo. A sua silhueta continua a ser marcada pela antiga torre de menagem - como o foi pelo depósito de água, até 2017 -, no centro histórico da cidade. O conjunto edificado vale como elemento representativo da sua época, tendo-se adaptado naturalmente ao terreno e à região.

Sob o ponto de vista geológico, pode verificar-se a existência de três tipos fundamentais de terreno – terra viva e argilas superficiais; argila residual de alteração da rocha de base, com impregnação calcária e rocha base, complexo gabro-diorítico (barros pretos)<sup>2</sup>, superficialmente alterado. As temperaturas médias mensais nos meses de Janeiro, Fevereiro e Dezembro são de 11º C e, em Julho e Agosto, de 24º C. A amplitude térmica, nas décadas anteriores à de 1960, foi compreendida entre os 5º C e os 32º C. Assim, conclui-se, pela sua temperatura média anual entre 1930 e 1960 (16º C), que Beja apresentava um clima moderado e do tipo seco quanto à humidade relativa do ar, cujo valor médio anual era de 65%, não ultrapassando os 33% em Julho. Quanto à pluviosidade, não estava longe da classificação “semiárido”. A precipitação era escassa e mal distribuída anualmente. A insolação e a radiação global atingiram valores elevados – em Janeiro ultrapassava os 50% e em Julho e Agosto chegava aos 85%. (Almeida 1970, 118)

Na década de 1960, os principais aspectos sociais e económicos da cidade de Beja eram: a carência de hortas e pomares; a inexistência de zonas florestais e de zonas verdes suficientes em número e qualidade no seu perímetro e à volta da cidade; a deficiência quanto aos locais de repouso e recreio; e uma taxa de natalidade baixa com uma população com tendência para o envelhecimento, num total de 15702 habitantes (dados do censo de 1960).

2. Barros pretos de dioritos e gabros da região de Beja são terrenos de grande potencial agrícola, caracterizados pela existência de extensas zonas planas, sujeitos a muitos anos de cultura arvense e de sequeiro, podendo conter teor de azoto orgânico.

Almeida, Luís A. Valente; Rui Pinto Ricardo; Mireille Rouy, “O azoto orgânico em barros pretos de Beja.” Instituto Superior de Agronomia (ISA) (1970): 118-125.

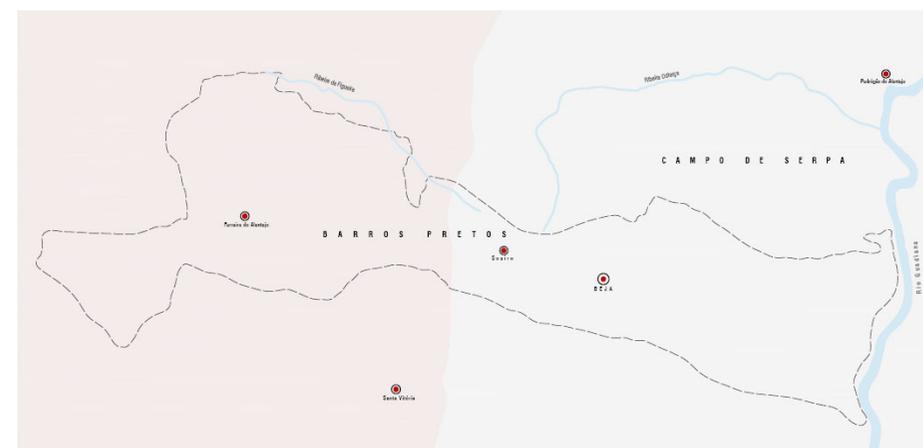


Fig. 6 - Zonas ecológicas

- Iberomediterrânea + Submediterrânea (TM + SM)
  - Nível: Basal
  - Silva Climática: Quercus Suber (sobreiro)  
Quercus Ilex (azínheira)  
Olea Oleaster (zambujeiro)  
Pinus Pinea (pinheiro manso)
- Iberomediterrânea (TM)
  - Nível: Basal
  - Silva Climática: Quercus Ilex (azínheira)  
Olea Oleaster (zambujeiro)

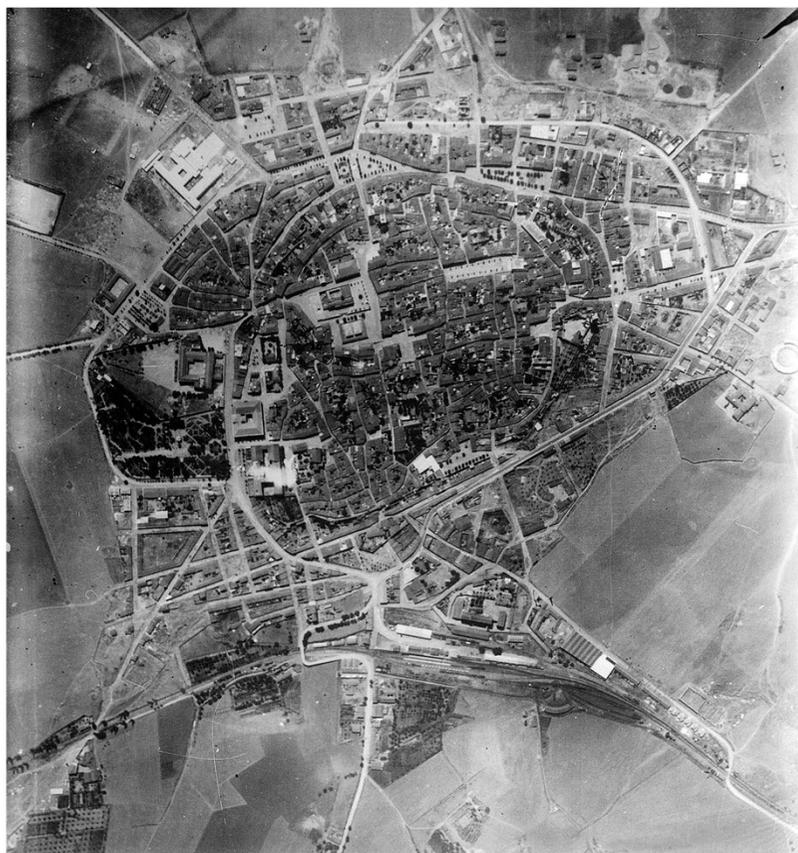


Fig. 7 - Fotografia aérea da década de 1930  
Fonte: Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Beja



Fig. 8 - Ortofotomapa da cidade de Beja, de 2019, com limite da malha urbana relativa à década de 1930

## CONTEXTO SOCIOECONÓMICO

### O AGLOMERADO URBANO

Com a instalação da base aérea n.º 11, em Beja, previa-se a duplicação do agregado urbano da única cidade do distrito, devido à ocupação de alemães e portugueses necessários ao funcionamento da base. De acordo com o "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómica sobre a instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma base", observou-se, numa primeira fase, a situação socioeconómica de Beja na década de 1960, comparando com as décadas imediatamente anteriores, de modo a que se pudesse prever as alterações da instalação da população alemã, que, além de estrangeira, tinha um "nível de vida e cultural superior ao da grande maioria da população portuguesa da cidade"<sup>3</sup>. (Amorim 1965, 1)

Segundo o Censo, em 1960, a população de Beja era de 15702 habitantes, não representando mais do que 5,4% da população total do distrito. A cidade progrediu muito lentamente sob o ponto de vista populacional e não teve um surto de progresso do pós-guerra nem qualquer impacto significativo na sede de distrito. Entre 1950 e 1960, a ocupação primária diminuiu, a secundária cresceu significativamente e a terciária cresceu com pouco ímpeto. A principal actividade era a lavoura, tendo 11% dos habitantes sido forçados a procurar trabalho fora da cidade. A taxa de natalidade era baixa (em relação ao número de adultos, a partir de 1950) e a população apresentava tendência para o envelhecimento – a população com menos de vinte anos correspondia a 33%, o índice de velhice (número de idosos por cada cem indivíduos com menos de vinte anos) a 37,5% e a percentagem de adultos era de 54,4%.

3. Amorim, Francisco P.; et al, "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base." Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas (CANIFA) (1965): 1.

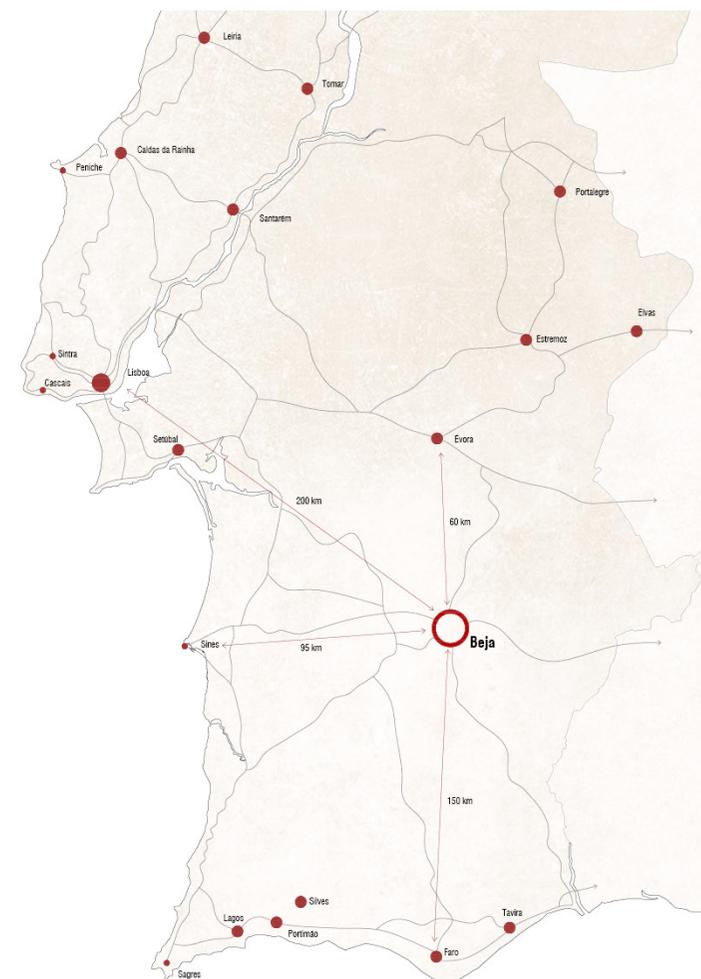


Fig. 9 - Polos de interesse urbano e turístico

## BEJA E A SUA REGIÃO

O distrito de Beja caracterizava-se pela baixa densidade de população por km<sup>2</sup>, pela ausência de indústrias e por uma agricultura que não suportava densidades mais fortes, pois exigia largos espaços para a prática de culturas de baixa densidade. A desarborização da região, provocada pelo abastecimento em carvão vegetal para a cidade de Lisboa (grande consumidora), levou à degradação de uma parte significativa do Alentejo, que resultou, posteriormente, numa alteração do clima e no empobrecimento da terra.

O número total de habitantes do concelho de Beja, em 1960, era de 42 295 – de 25 a 49 habitantes por quilómetro quadrado. Quanto à emigração, o distrito era, a nível nacional, o terceiro com o maior número (oficial), apesar de a emigração clandestina se expressar num número muito superior, fazendo-se sentir a falta de pessoas para alguns trabalhos agrícolas. O Alentejo ocupa, aproximadamente, um terço do país. Porém, não apresentava, na época, mais do que nove por cento da sua população, o que resultou num forte desequilíbrio económico-social, ao contrário dos números do século XV – população alentejana constituída por cerca de 30% da população portuguesa (317 000 habitantes). Os motivos de atracção pelos grandes centros populacionais começaram a sobrepor-se aos da vida no campo e, assim, deu-se o êxodo: um em cada cinco habitantes partiu, o que levou a uma redução da população activa com profissão na década de 1950. Além de se encontrar, no Baixo Alentejo, uma menor densidade de vias de comunicação, existia uma grande dispersão territorial dos desempregados, falta de materiais de construção no mercado local e escassez de empreiteiros devidamente equipados, o que tornou difícil a coordenação do emprego de mão de obra.

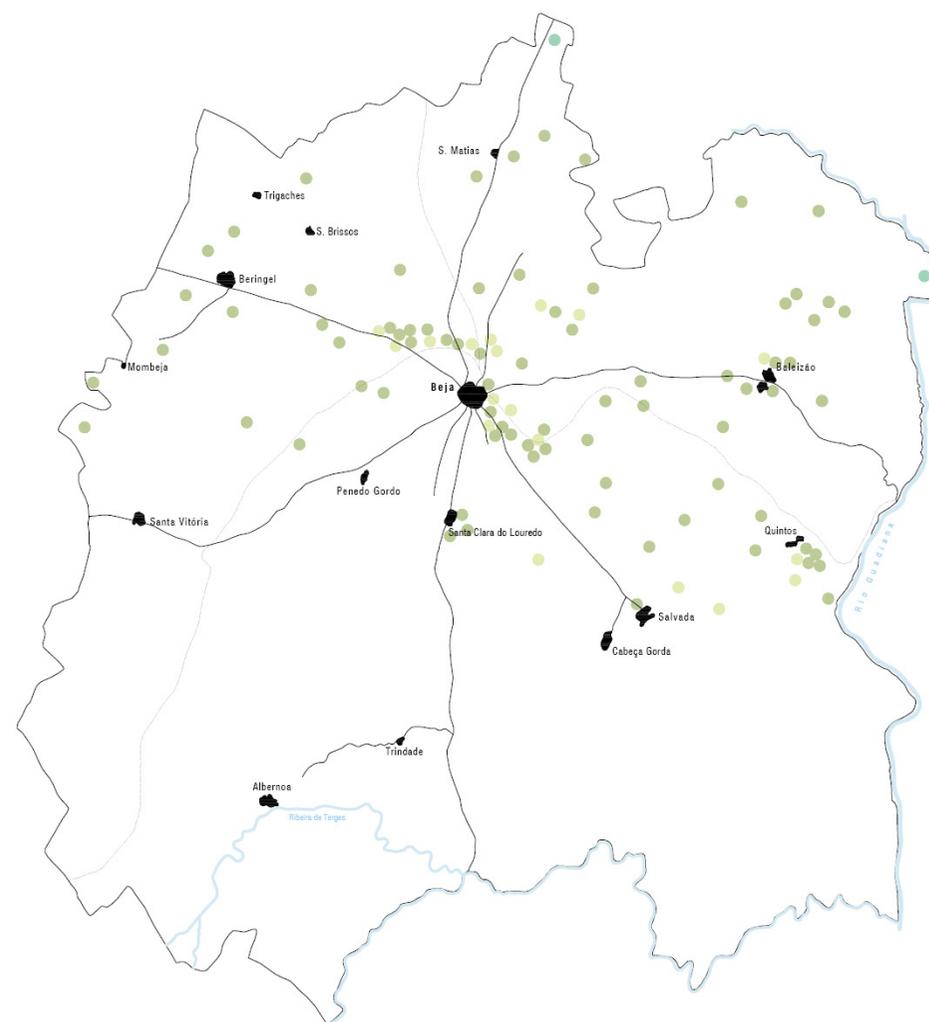


Fig. 10 - Distribuição das qualidades culturais no concelho de Beja

- Horta
- Laranjal
- Eucaliptal

### A POPULAÇÃO URBANA, AS ACTIVIDADES PROFISSIONAIS E A VIDA ECONÓMICA

A cidade de Beja era, como já referido, constituída por 15 702 habitantes, dos quais apenas 5 932 tinham profissão (37,8%). As actividades profissionais mais executadas pela população activa eram os serviços pessoais (25,3%) e as indústrias (22,1%), seguindo-se a agricultura, o comércio e, por fim, a administração (8,7%). Estes dados traduzem a insuficiente diversificação das actividades no centro urbano, bem como o reduzido número e dimensão das indústrias em actividade.

Devido à construção do aeroporto, que teve início em 1963, uma crise de habitação na cidade surgiu e começou a ganhar expressão pelo acréscimo de população e, por conseguinte, pela ocupação descontrolada dos alojamentos disponíveis. De acordo com o Censo de 1960, a média de divisões por alojamento em prédio no distrito, para uma população de 276 895 habitantes, era de 2,9, o que se traduzia em 0,7 divisões por habitante. Já à escala da cidade, para um total de 15 702 habitantes, havia uma média de 3,1 divisões por alojamento em edifício; ou seja, 0,7 divisões por habitante. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, divisão é "o compartimento interior de um fogo ou de um alojamento colectivo que pudesse ser destinado a habitação ou morada de pessoas. (...) Compartimento que tivesse pelo menos o pé direito de adulto e que fosse completamente separado dos outros por paredes ou outras divisórias estáveis que permitissem isolá-lo dos compartimentos que lhes eram contíguos"<sup>4</sup>. Parte substancial da população da cidade vivia em condições de habitação precárias. Nos edifícios antigos e nas moradias raras seriam os fogos com divisões como as consideradas na definição e que, efectivamente, não deveriam ser utilizadas como habitação. (Amorim 1965, 35)

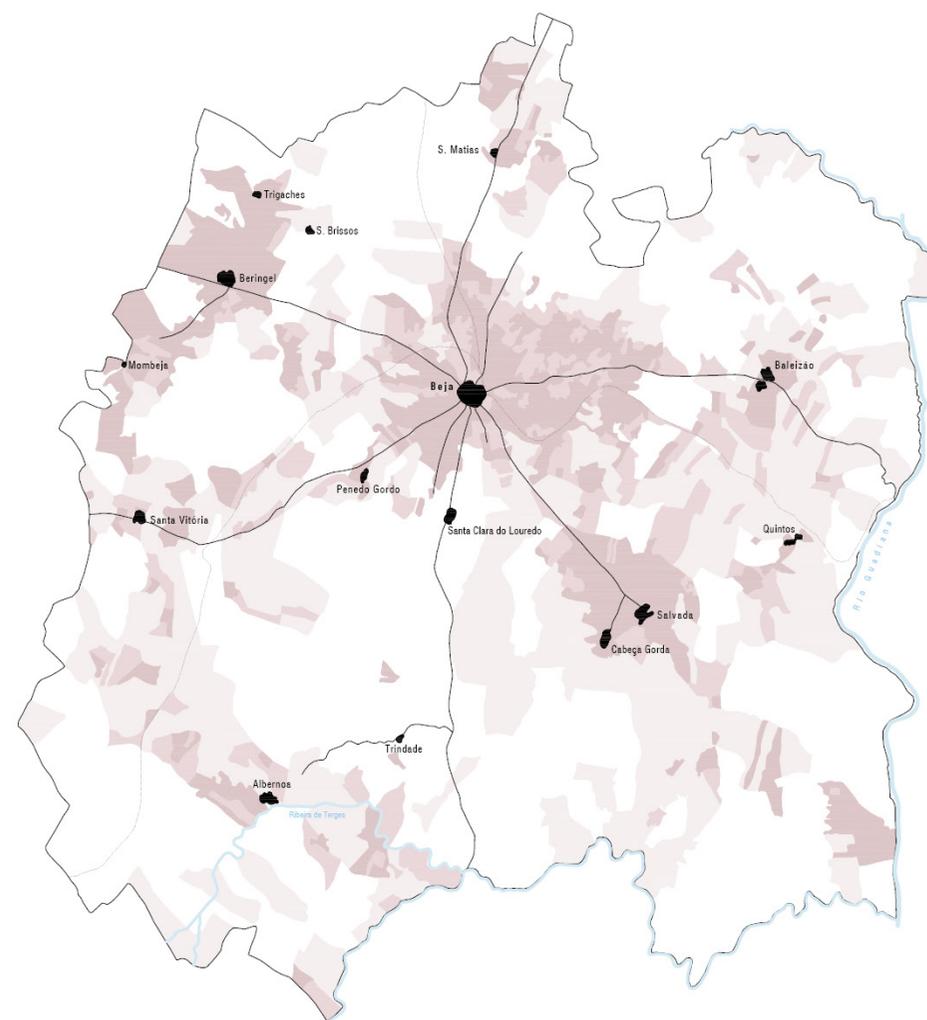


Fig. 11 - Planta da densidade predial no concelho de Beja

- Prédios com área até 10 ha
- Prédios com área de 10 ha a 50 ha
- Prédios com área de 50 ha a 200 ha

4. Amorim, Francisco P.; et al., "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base." CANIFA (1965): 35.

No centro urbano de Beja verificou-se que, dos 434 edifícios não destinados a alojamentos (12,2% do número total de edifícios), 41% eram ocupados pelos serviços (178 edifícios) e 58,9% destinavam-se à agricultura, à indústria, ao comércio e ao transporte, com um total de 256 edifícios. Existia um baixo nível de actividade industrial e comercial. A precária situação socioeconómica do distrito verificava-se, também, no domínio do comércio por grosso e a retalho, existindo, no total, 65 sociedades que empregavam 454 indivíduos, que recebiam uma média anual de remuneração de, aproximadamente, o equivalente a 60 euros (ou mensal de cinco euros). No período compreendido entre 1958 e 1962 o número de sociedades diminuiu, mas o capital social aumentou. O número de empregados, por sua vez, aumentou ligeiramente até 1960, embora tenha decrescido nos anos seguintes.

Até meados da década de 1960, era esta a realidade vivida no âmbito da habitação na cidade de Beja e, devido à construção da base aérea, este tema teve uma grande importância, pois a situação era incomportável tanto para os militares que fossem viver para Beja como para os técnicos e trabalhadores que iriam concretizar a construção de todas as infraestruturas e edifícios necessários ao funcionamento da base aérea, isto é, o número e qualidade de habitações não era suficiente para albergar mais habitantes na cidade.



Fig. 12 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60*. ARTUR PASTOR  
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

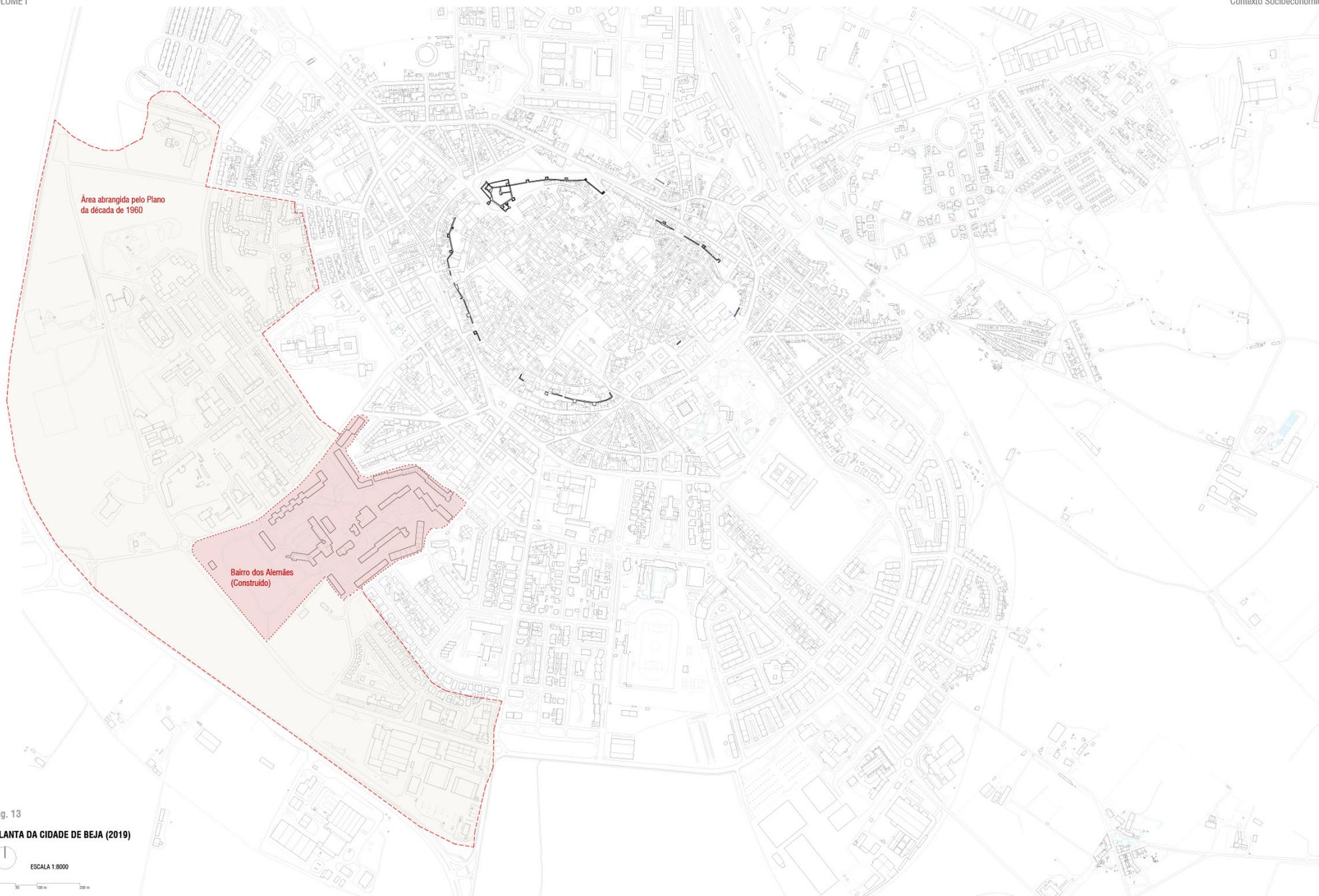


Fig. 13  
PLANTA DA CIDADE DE BEJA (2019)



## O BAIRRO DOS ALEMÃES

### RELAÇÕES LUSO-ALEMÃS

No início da década de 1960, Portugal arriscava-se a acolher um novo alvo em território nacional – o qual se juntaria à já existente base americana das Lajes – e, desse modo, a facilitar um eventual ataque por parte do adversário, as vantagens da concessão da base aérea em Beja acabariam por falar mais alto. Seria, pois, criada uma base que iria contribuir para uma defesa antiaérea mais eficiente de Portugal continental, uma vez que os alemães se envolveriam obrigatoriamente nessa causa, e a defesa de todo o bloco ocidental seria também melhorada. A partir do ano da formação da República Federal da Alemanha (1949) até ao final da década de cinquenta, as relações formais entre o governo português e a República Federal da Alemanha (RFA) eram de cordialidade e bastante favoráveis.

É importante sublinhar que em 1960 realizou-se uma reunião em Bona, nos dias 29 e 30 de Março, onde se discutiram os primeiros pedidos por parte das autoridades alemãs, das quais fazia parte a constituição em Portugal continental de uma “grande base aérea para reparação de aviões e facilidades de instrução de voo rasante”<sup>5</sup>. Este seria um espaço para treinos da companhia alemã Luftwaffe em tempos de paz. (Fonseca 2007, 48)

Celebrado o “Acordo Base”<sup>6</sup>, a 16 de Dezembro de 1960, entre Portugal e a República Federal da Alemanha (RFA), declarou-se que as forças alemãs poderiam tirar proveito das instalações e edificações construídas na base, bem como dos acessos rodoviários e ferroviários que estivessem ao dispor da mesma. Para isso, seria necessário dotar a base aérea de infraestruturas, nomeadamente um bairro residencial, um hospital, zonas de recreio e edifícios administrativos. As despesas, por seu lado, ficariam ao encargo do governo alemão, em troca da assistência pessoal e material por parte dos portugueses para pôr em funcionamento a referida base. (Fonseca 2007, 51)



Fig. 14 - Avião 20 + 99,  
Base Área n.º 11, Beja  
Mühlböck Collection

Fig. 15 - Avião 20 + 99, como  
monumento à entrada da base  
aérea, com pintura cinzenta e  
nariz preto, desde 1993.  
Base Área n.º 11, Beja, 2010.  
Markun Altmann



5. Ana Mónica Fonseca, A Força das Armas: O Apoio Federal da República Federal da Alemanha ao Estado Novo (1958-1968), ed. Coleção Biblioteca Diplomática – Série D, e Ministério dos Negócios Estrangeiros, Portugal. (Lisboa: IDI – MNE, 2007; Europress, Lda), 48.

6. Ibidem, 51.

Não obstante, a questão primordial é: porquê a Base Aérea n.º 11 de Beja? Além de o factor económico estar a favor, a escolha permitia que a Força Aérea Portuguesa tivesse uma base nacional a Sul do rio Tejo e que o pessoal alemão destacado para a base se pudesse concentrar no importante aglomerado urbano que é Beja, única cidade do distrito. Simultaneamente, as autoridades alemãs podiam ver aqui o seu pedido concretizado.

Em 1964, tornou-se perceptível o quão Portugal saiu beneficiado com a cooperação luso-alemã. Ainda que as infraestruturas estivessem já preparadas para pôr a base a funcionar e permitir o seu usufruto pelas forças alemãs, esta acabou por ser raramente utilizada. Neste mesmo ano, o Ministro da Defesa Nacional, Gomes de Araújo, deslocou-se a Bona, onde assinou, a 12 de Junho, o Acordo sobre a Zona Residencial de Beja (ZRB). Com este pacto – que se destinava sobretudo à construção de um bairro residencial para a habitação do pessoal (tanto alemão como português) que iria trabalhar na Base Aérea de Beja – os terrenos adquiridos para construir as habitações e os equipamentos que seriam utilizados ficaram à responsabilidade do governo alemão. Mais tarde, porém, esses terrenos tornaram-se apenas património do Estado português, uma vez que a importância estratégica de Portugal enfraqueceu, enquanto apoio em caso de guerra na Europa.

Nos finais do ano de 1966, a República Federal da Alemanha atravessava uma crise económica que obrigou a reduções orçamentais, principalmente ao nível militar. Houve uma alteração na relevância atribuída a Portugal pela RFA e uma das principais mudanças foi, precisamente, no projecto da Base de Beja, que incluía, inevitavelmente, o bairro residencial.



Fig. 16 - Pormenor de um edifício da Base Aérea n.º 11, Beja. Visita à B.A. n.º 11 no âmbito da investigação do atelier RM Arquitectura, Beja, 2019

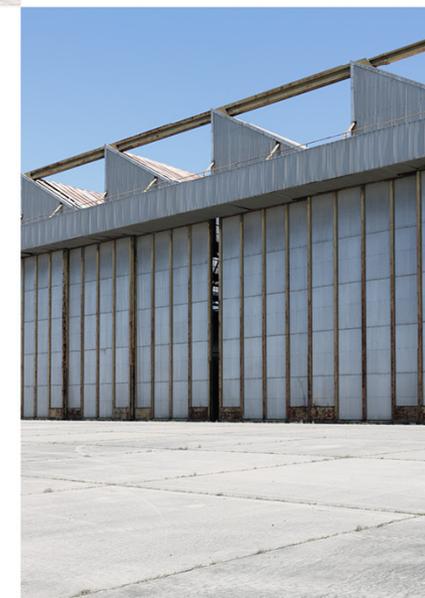


Fig. 17 - Edifício da Base Aérea n.º 11, Beja. Visita à B.A. n.º 11 no âmbito da investigação do atelier RM Arquitectura, Beja, 2019

De acordo com Ana Mónica Fonseca, investigadora no Centro de Estudos Internacionais em relações Luso-Alemãs durante a Guerra Fria, o projecto de Beja “tornou-se muito menos ambicioso” visto que França foi retirada da Estrutura Militar da NATO, em 1966, e, conseqüentemente, dificultou as autorizações de sobrevoo do seu território pelos aviões alemães em trânsito para Portugal. Ainda na década de sessenta, a Alemanha Federal assinou um acordo com os Estados Unidos da América que garantia o treino dos seus pilotos em solo americano<sup>7</sup>. (Telo 1996, 142)

Assim, o projecto da base aérea de Beja e o seu bairro residencial tornou-se menos importante. Em 1968, os acordos relativos aos equipamentos do bairro seriam suspensos, que incluíam o Hospital Militar e todos os equipamentos públicos não construídos até à data (igrejas, cinema, escolas, entre outros). No final da década de 1960, enquanto os fornecimentos de material militar se tornavam cada mais difíceis, as dificuldades económicas cresciam e a NATO decidira alterar o seu conceito defensivo. Deste modo, a utilização da Base Aérea de Beja acabou por ser reduzida a pistas de treino para companhias de aviação como a Lufthansa (alemã) e a TAP (portuguesa) e a maioria das infraestruturas que serviriam a base foram canceladas.



Fig. 18

7. Ana Mónica Fonseca, A Força das Armas: O Apoio Federal da República Federal da Alemanha ao Estado Novo (1958-1968), ed. Coleção Biblioteca Diplomática – Série D, e Ministério dos Negócios Estrangeiros, Portugal. (Lisboa: IDI – MNE, 2007; Europress, Lda), 214. (com base em António Telo, “A Europa e a Questão Alemã”, Política Internacional 1, 13 (1996): 142.)



Fig. 19

Fig. 18 - Vasco Futcher Pereira, embaixador de Bona em 1974, com o Chanceler Willy Brandt

Fig. 19 - Ortofotomapa da cidade de Beja, envolvente e relação com o aeroporto. 2019

CRONOLOGIA

1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993					
Formação da República Federal da Alemanha		18 de Abril Salazar ocupa temporariamente a chafia do Estado até a nova eleição		Início das negociações entre a República Federal e Portugal		1955	Estabelece-se a Embakada Alemã em Lisboa		Acordo luso-alemão assinado	Ratificação do RFA e Portugal	29 e 30 de Março, Bona Reunão onde se discutiram os primeiros pedidos por parte das autoridades alemãs - constituição em Portugal continental de uma base aérea para reparação de aviões e facilidades de instrução de voo rasante	Construção do Muro de Berlim		1963	12 de Junho Assinatura do acordo Zona Residencial de Beja, acordo que traria facilidades relativas à construção de um bairro residencial para alemãs e portugueses que iriam trabalhar na Base Aérea de Beja		Reduzida o projecto a construir do centro cívico - 1ª fase de construção do Bairro Residencial		Acordos relativos à construção de equipamentos do bairro residencial suspensos		1971	Fim da construção do núcleo oentro cívico			25 de Abril Revolução de Abril, em Portugal	Dezembro Mário Soares desloca-se a Bona		1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	24 de Outubro Chanceler da República Federal Alemã, Kurt Kiesinger, visita Portugal	24 de Outubro	Acordo de Schengen		1986	1987	1988	9 de Novembro É derrubado o Muro de Berlim		1991	1992	Não renovação do acordo luso-alemão sobre a utilização da Base Aérea n.º11	1993	Militares alemães abandonam a Base

## IMPLICAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA B.A. N.º11

A instalação dos membros alemães e portugueses fundamentais para o funcionamento da Base Aérea n.º 11 provocou o aumento súbito de população na cidade e, inevitavelmente, profundas transformações de ordem socioeconómica. O empreendimento tinha duas fases: na primeira, seriam construídas as habitações e instalações destinadas aos elementos que ficariam adstritos à Base Aérea e serviços; a segunda já dizia respeito à instalação deste grupo estrangeiro na cidade. Na primeira fase, o aumento de população também se fez sentir devido à instalação dos técnicos e trabalhadores indispensáveis às obras de ampliação da cidade no centro urbano de Beja. Foram necessários de dois a três mil indivíduos, entre dirigentes, técnicos e trabalhadores. Contudo, uma parte substancial dos trabalhadores qualificados poderia ser recrutada no distrito.

Foram mencionadas algumas recomendações relacionadas com os problemas de ordem socioeconómica, nomeadamente:

*. que o recrutamento do pessoal trabalhador e do pessoal especializado (...) seja orientado por intermédio da Delegação do Instituto Nacional do Trabalho de Beja, como identidade que melhores garantias pode dar de um recrutamento que contribua para diminuir a crise provocada pelo excesso de mão-de-obra em certas regiões do distrito, não criando, como tal, problema de escassez de mão-de-obra, onde ela, mercê da emigração, já não é suficiente para os trabalhos agrícolas e outras actividades<sup>8</sup>; (Amorim 1965, 58)*

*. recomenda-se o estudo das disponibilidades em alojamento efectivamente existentes neste momento na cidade de Beja; as possibilidades de um melhor aproveitamento dos existentes, ocupados e desocupados, e o estudo das possibilidades de incremento da construção de novos alojamentos, especialmente para as classes menos favorecidas economicamente<sup>9</sup>; (Amorim 1965, 59)*

*. que através do Ministério das Corporações e das Caixas de Previdência dos diferentes Serviços Públicos se estude a possibilidade destas entidades colaborarem na resolução do problema habitacional dos seus funcionários, elaborando, paralelamente ao plano de construções para o pessoal da Base, um plano de construções para*

8. Amorim, Francisco P.; et al., "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base." CANIFA (1965): 58.

9. Ibidem, 59

*os funcionários. Assim, evitar-se-ia um grave problema para esta classe de indivíduos e libertar-se-ia, ao mesmo tempo, um certo número de habitações, o que iria aumentar a oferta<sup>10</sup>; (Amorim 1965, 59)*

*. que o problema do abastecimento em produtos de horta e pomar seja cuidadosamente estudado pelas autoridades competentes, para que não se criem em Beja (uma vez que a sua população estará substancialmente aumentada) problemas de abastecimento de produtos deste tipo que venham a tornar o custo de vida na cidade incomportável para uma grande parte da população e que, para já, se estude o problema do abastecimento destes produtos para a satisfação das necessidades dos milhares de indivíduos que brevemente iniciarão as obras das futuras instalações do pessoal alemão e português que ficará adstrito à Base<sup>11</sup>; (Amorim 1965, 61)*

*. que o Grémio do Comércio de Beja seja claramente esclarecido sobre o empreendimento acerca do papel que os comerciantes da cidade nele são chamados a desempenhar, das condições em que o devem fazer para que a tempo possam estabelecer os seus planos e equipar-se devidamente para responder cabalmente não só às necessidades, como às condições em que devem satisfazê-las<sup>12</sup>; (Amorim 1965, 62)*

*. que os diferentes Departamentos do Estado de que dependem estes Serviços estudem a tempo o aumento das necessidades resultantes do acréscimo da população para que esta, uma vez instalada, não venha a sofrer os inconvenientes resultantes de pessoal e áreas insuficientes para o normal funcionamento das diferentes actividades a que dizem respeito<sup>13</sup>. (Amorim 1965, 62)*

Além das habitações, o plano albergava áreas específicas para equipamentos públicos, dado que se esperava uma duplicação da população. Tanto as instalações comerciais como as escolares e recreativas foram pensadas de modo a serem usufruídas pelos membros pertencentes à Base e pela população da cidade, no geral (no caso das escolas, pela população escolar portuguesa e alemã).

10. Amorim, Francisco P.; et al., "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base." CANIFA (1965): 59.

11. Ibidem, 61.

12. Ibidem, 62.

13. Ibidem, 62.

Do ponto de vista sociológico, foi cedida a preferência na ocupação das áreas comerciais aos comerciantes da cidade como forma de poder estabelecer-se um meio de bom entendimento entre a população nova e a antiga. O equipamento sanitário não levantou problemas, com a proposta para um hospital novo (para os militares) e a colaboração de serviços entre os dois hospitais de Beja foi aceite. Estava ainda prevista a construção de campos de jogos e de uma piscina, também para a cidade.

Se, por um lado, os problemas eram de ordem socioeconómica, por outro, diziam respeito às relações humanas. Inicialmente, o problema principal era o de distribuir portugueses e alemães pelas habitações do bairro – edifícios destinados exclusivamente quer para uns, quer para outros – ou, pelo contrário e se necessário, reservar em todos os edifícios habitações para ambos. Optou-se por uma solução intermédia devido à tentativa de estabelecer as melhores condições de conveniência entre grupos de população com idioma, cultura, hábitos e nível de vida muito diferentes.

O grupo constituído por portugueses, que se traduzia numa percentagem de 75%, era, na sua maioria, formado por indivíduos com uma condição socioeconómica correspondente à de “operário”, ao contrário do grupo alemão, que apresentava condições superiores. A solução implementada foi dispor a ocupação das habitações de forma a que a população portuguesa confinante à Base ficasse disseminada, em pequenos núcleos, entre a população alemã, distribuindo-a especialmente pelas habitações mais próximas dos centros comercial, escolar e recreativo, ficando, deste modo, em melhores condições de ordem psicológica. No caso particular das instalações previstas destinadas aos solteiros, não houve preocupações sobre alojar alemães juntamente com portugueses, implantando o edifício (Torre para Solteiros) próximo do centro de maior interesse para estes indivíduos – instalações desportivas.

Foram ainda mencionadas outras recomendações (do ponto de vista sociológico), designadamente:

*. que a Comissão Mista Luso-Alemã inclua no seu pessoal a contratar um número suficiente de assistentes sociais que orientem e deem a assistência necessária aos agregados familiares de mais baixo nível socioprofissional<sup>14</sup>; (Amorim 1965, 70)*

*. que se obtenha da Embaixada alemã a criação imediata de um Instituto Alemão na cidade de Beja, ainda que funcionando, provisoriamente, em edifício existente, ligeiramente adaptado para o efeito<sup>15</sup>; (Amorim 1965, 71)*

*. recomenda-se a criação imediata, na cidade de Beja, de um centro de turismo que satisfaça os requisitos apontados<sup>16</sup> - de modo a representar um interesse para a população Alemã, desde terras a monumentos a visitar, até aos produtos de artesanato local; sentido de descoberta e valorização destes produtos de forma a ter interesse local e turístico, não só pelo facto da futura existência de uma população estrangeira, como também pelo facto de se prever a beneficiação da estrada Beja-Lisboa, que mais tornará convidativa a passagem de turistas que se deslocam entre Lisboa e o centro do país, Algarve e Sul de Espanha; (Amorim 1965, 71)*

*. que o problema seja revisto [exigências, por parte dos alemães, de serviços domésticos], tanto mais que a população alemã virá a ter, inevitavelmente, em cada edifício, uma oferta de serviços que substituem o das criadas, dado que 75% dos agregados familiares portugueses é constituído por agregados em que as mulheres agradavelmente se oferecem para a prestação de serviços domésticos remunerados, que substituem perfeitamente, em relação aos agregados alemães, os serviços das criadas<sup>17</sup>; (Amorim 1965, 73)*

14. Amorim, Francisco P; et al., “Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base.” CANIFA (1965): 70.

15. Ibidem, 71.

16. Ibidem, 71.

17. Ibidem, 73.

*. recomenda-se à Comissão Luso-Alemã a revisão do problema [exigências, por parte dos alemães, de serviços domésticos], chamando a atenção para o facto de que este estará resolvido se, nas habitações, não forem incluídas instalações para criadas<sup>18</sup>; (Amorim 1965, 73)*

*. que a Comissão Luso-Alemã elabore um pequeno código de comportamento que sirva de guia à população alemã no estabelecimento de um clima de entendimento com a população portuguesa<sup>19</sup>; (Amorim 1965, 74)*

*. que seja chamada a atenção das entidades competentes para o facto de, em Beja, existir apenas um hotel, que não tem nenhum quarto com instalação sanitária, e para o facto de, em todo o distrito, apenas existirem, nos estabelecimentos hoteleiros, 32 quartos com banho, o que nos parece manifestamente insuficiente, não só para satisfazer as necessidades actuais como as resultantes da instalação e funcionamento da Base Aérea n.º 11, a que se juntam o aumento de turistas que se procura, por todos os meios, fomentar e que há-de ser preciso, também, alójara<sup>20</sup>. (Amorim 1965, 75)*

18. Amorim, Francisco P.; et al., "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base." CANIFA (1965): 73.

19. Ibidem, 74.

20. Ibidem, 75.



Fig. 20 - Praça da República, Beja. Anterior a 1940.



Fig. 21 - Bairro dos Alemães, Beja 2019

### 3. O PLANO DO BAIRRO

#### 3.1. ESTRUTURA E ZONEAMENTO

#### 3.2. EQUIPAMENTOS

CONSTRUÍDOS

NÃO CONSTRUÍDOS

## ESTRUTURA E ZONEAMENTO

Para resolver satisfatoriamente o plano da Base Aérea n.º 11 foi necessário começar por estudar o programa fornecido pela administração e prever a forma como a vida dos novos habitantes se desenrolaria quanto às actividades próprias e à relação com a população autóctone de Beja. Foi, então, necessário investigar as características, a composição e os hábitos dos futuros habitantes da cidade à data.

Foi possível à equipa de planeamento, constituída pelos arquitectos Jácome da Costa, Alfredo Campos Matos e José Luis Zuquete (entre outros, de especialidades distintas), visitar, na Alemanha, importantes e recentes bairros económicos – alguns deles planeados para funcionários do Ministério da Defesa Alemão –, embora não tenha havido oportunidade para conhecer os hábitos da população. A visita incidiu, principalmente, sobre aspectos de construção e execução do edificado.

Quanto à região de Beja, não estavam em curso estudos urbanísticos – de enquadramento regional e local – que servissem de apoio à equipa de estudo. Felizmente, esta era suficientemente diversificada, uma vez constituída por arquitectos, um engenheiro, um arquitecto paisagista, um sociólogo, um urbanista, um economista e projectistas de várias especialidades (esgotos, águas, electricidade, arruamentos, edifícios públicos e habitações), de forma a existir coordenação dos principais aspectos e interesses, bem como consideração pelos mesmos. O plano director do Bairro Residencial da Base Aérea n.º 11 contou com alguns atrasos devido a causas impeditivas, nomeadamente demoradas conversações com os Serviços Centrais de Ligação Alemã em Portugal (SCLAP), com o intuito de definir o programa, e com a alteração da extensão do estudo, onde se detectou uma especial necessidade de estruturar uma zona de expansão e outra para o alojamento dos membros das Forças Armadas Portuguesas.

Parte do bairro (uma vez que não foi construído na totalidade) encontra-se implantado na encosta da elevação, a poente da cidade de Beja. O terreno apresenta uma linha de inflexão com declive superior a 5%. Nas zonas mais baixas o declive é pouco acentuado. A linha de água principal que atravessa o terreno corre paralelamente à radial Oeste



Fig. 22 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR

Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

da cidade. O local de implantação era constituído pelos conhecidos “barros pretos”<sup>21</sup> de Beja, não calcários, sobre dioritos e gabros. De textura argilosa, caracterizam-se por serem relativamente profundos e por terem capacidade de uso sem riscos de erosão. Anteriormente à construção do bairro, os terrenos eram de sequeiro (até 1964), totalmente aplicados à seara e apenas arborizados por oliveiras nos seus limites. O sector panorâmico considerado de maior interesse foi o Noroeste e Oeste. Procurou-se tirar algum partido dos enfiamentos visuais, com interesse paisagístico pela profundidade a que davam lugar, em contraste com os primeiros planos tipicamente urbanos, de forma a permitir acompanhar visualmente, a quem percorresse o local do futuro bairro, o desenrolar cénico do aglomerado urbano, no cimo da colina. (Almeida 1970, 118)

Como referido anteriormente, as obras do aeroporto tiveram início em 1963, o que gerou uma crise de habitação e, conseqüentemente, uma subida de preços de arrendamento e uma excessiva ocupação das construções existentes – aproximadamente 0,7 divisão por habitante. O aumento populacional previsível que se deu em 1964 foi muito importante para pensar a “cidade nova”. Era possível prever um aumento de cerca de 19000 habitantes, aproximadamente, até 1970, ou seja, uma duplicação em dez anos. Esta duplicação traria alterações fundamentais na estrutura física e social da cidade de Beja. Houve, assim, necessidade de projectar todas as infraestruturas com uma escala adequada e de forma a não interferir com o progresso urbanístico. A principal possibilidade de expansão era a Sul e a poente do aglomerado urbano de Beja. Foi imperativo alargar no sentido Este-Oeste a estrutura urbana e criar possibilidades de expansão para o futuro. Era importante que o bairro não constituísse uma barreira entre a cidade preexistente e futuras expansões, pelo que se desaconselhou a sua localização a Sul. Sob o ponto de vista climático, a sua implantação a Sul era favorável (na encosta poente). A área total de equipamentos do plano foi compreendida por 14 hectares, sendo que seis estavam destinados ao estádio e zonas desportivas, para um total de nove mil habitantes, no máximo.

21. Barros pretos de dioritos e gabros são terrenos de grande potencial agrícola, caracterizados pela existência de extensas zonas planas, sujeitos a muitos anos de cultura arvens e de sequeiro, podendo conter teor de azoto orgânico. Almeida, Luís A. Valente; Rui Pinto Ricardo; Mireille Rouy, “O Azoto Orgânico em barros pretos de Beja.” Instituto Superior de Agronomia (1970): 118-125.

1.	<b>CONSTRUÇÃO DE VIVENDAS</b> para cerca de 5500 pessoas (aproximadamente 92 pessoas por hectare)	60 hectares
2.	<b>ÁREAS ARBORIZADAS</b>	Área útil necessária 40 hectares Área total destinada a arruamentos e circulação 15% de 9,5 hectares Áreas ajardinadas 8% de 9,5 hectares
3.	<b>CENTRO ESCOLAR</b> (1000 estudantes) <b>JARDIM ESCOLA</b> (200 crianças)	10000 m <sup>2</sup> 1000 m <sup>2</sup>
4.	<b>INSTALAÇÕES DESTINADAS ÀS ACTIVIDADES DESPORTIVAS</b>	Ginásio 500 m <sup>2</sup> Piscina 3300 m <sup>2</sup> Estádio 15000 m <sup>2</sup> 4 Campos de Ténis 1600 m <sup>2</sup>
5.	<b>CENTRO SOCIAL</b>	Edifício Social (Clube) 4000 m <sup>2</sup> Restaurante e Cafeteria (300 pessoas) 1600 m <sup>2</sup> Hotel (20 camas) 800 m <sup>2</sup> Cinema (500 lugares com palco) 1000 m <sup>2</sup>
5.	<b>CENTRO COMERCIAL</b> (norma geral de 20 lojas de 50 m <sup>2</sup> cada)	Supermercado 350 m <sup>2</sup> Padaria / Pastelaria 120 m <sup>2</sup> Drograria / Perfumaria 120 m <sup>2</sup> Tabacaria / Papelaria 80 m <sup>2</sup> Loja de modas e retrosaria 120 m <sup>2</sup> Cabeleireiro 150 m <sup>2</sup> Sapataria / Conserto de calçado 100 m <sup>2</sup> Florista 80 m <sup>2</sup> Correios 120 m <sup>2</sup> Banco 120 m <sup>2</sup> Agência de tinturaria 80 m <sup>2</sup> Mais 100 % de terreno 1000 m <sup>2</sup>
6.	<b>IGREJAS</b>	Igreja Católica (400 lugares) 400 m <sup>2</sup> Igreja Protestante (600 lugares) 600 m <sup>2</sup> 2 Edifícios Paroquiais com 2 casas cada mais terrenos 400 m <sup>2</sup> / 1200 m <sup>2</sup> Área de comunicação e circulação e áreas ajardinadas de 4% 1600 m <sup>2</sup>
7.	<b>HOSPITAL MILITAR</b> (200 camas)	200 m <sup>2</sup> por cama 40000 m <sup>2</sup> Campo de aterragem de helicópteros 10000 m <sup>2</sup> Área ajardinada - 50 m <sup>2</sup> / cama 10000 m <sup>2</sup>
8.	<b>ÁREAS RESERVADAS</b>	Área reservada no plano para um possível aumento da população a alojar 15 hectares



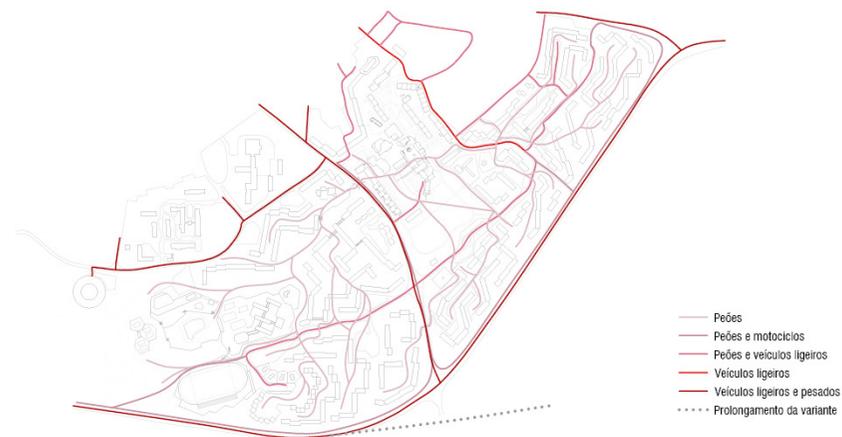
*Como elemento preponderante na estruturação do bairro avulta a localização do seu centro e procura-se tirar partido da proximidade entre o centro do bairro e a zona central da cidade. Os dois centros poderão completar-se<sup>22</sup>.*

(Lobo 1965)

Conforme as implicações devido à implantação do bairro, como a construção de passagens desniveladas para peões (inferiores e superiores) e a construção de uma nova alternativa à estrada nacional, as principais acções constavam no seguinte: redução ao máximo dos arruamentos para automóveis; circulação interna do bairro limitada aos caminhos pedonais; caminhos pedonais cobertos, sob palas ou nas arcadas dos edifícios; adensamento de construção de 150 para 185 habitantes por hectare e, desta forma, adoptar a construção de edifícios em banda; e atravessamento dos edifícios em banda por passagens para peões. Estas opções foram tomadas tendo em conta condicionamentos funcionais de ordem social, económica, climática e de segurança. As passagens para peões superiores seriam um benefício evidente para a segurança de todos no bairro, com especial atenção para as crianças no seu deslocamento casa/escola e vice-versa.

O tecido urbano seria constituído por densas faixas urbanas que contornavam espaços livres para repouso e recreio das populações residentes. Nestes espaços seriam localizados alguns elementos de interesse cultural (obras de artistas plásticos), peças de equipamento para recreio infantil, áreas arborizadas para criar sombras e clareiras (espaços de estar, de repouso e de jogos), tal como acontecera no bairro de Olivais Sul.

22. Matos, Alfredo Campos; et al., "Plano Director." CANIFA (1965): 40.



**CIRCULAÇÃO**  
Fig. 24 ESCALA 1:15000



**EDIFÍCIOS DE INTERESSE COLECTIVO  
E ZONAS DE INFLUÊNCIA**  
Fig. 25 ESCALA 1:15000

Os prédios habitacionais foram caracterizados pela predominância de dois, três e quatro pisos úteis com existência de caves para arrumação. Estava ainda proposta uma pequena percentagem de moradias e um edifício de maior altura no centro do bairro, onde se pretendia concentrar a construção e aumentar a densidade populacional. Quanto aos edifícios comerciais e de equipamento público, procurou-se tirar deles o melhor partido arquitectónico, através de um jogo de volumes com interesse e variedade no seu conjunto. Relativamente ao desenvolvimento dos estudos ao nível arquitectónico, observa-se que o plano é dividido em pequenos conjuntos que seriam projectados por diferentes arquitectos (como acontece no bairro de Hansaviertel, em Berlim), juntamente com a colaboração do sector de planeamento urbanístico, de forma a garantir a coordenação e harmonia do conjunto.

O bairro seria composto por sectores diferenciados, de forma a que quem lá habitasse pudesse rapidamente encontrar o seu caminho e reconhecer o seu ambiente e a sua casa. Quanto à habitação, estavam previstos blocos de dois, três e quatro pisos, moradias e uma torre com dez pisos úteis. Esta torre, por sua vez, integra-se no Centro Cívico do bairro e procurou-se conjugá-la plástica e funcionalmente com os volumes dos edifícios de equipamento.



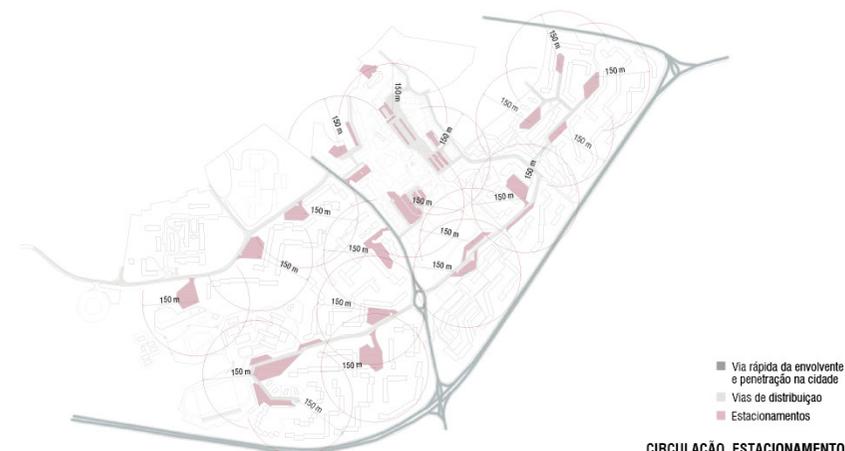
NÚMERO DE PISOS  
Fig. 26 ESCALA 1:15000



RECOLHA DE LIXOS  
Fig. 27 ESCALA 1:15000

O plano do bairro encontra-se dividido em quatro polos distintos, mas intimamente ligados. Estes intitulam-se de “Centro Cívico”, “Zona Central do Sector Norte”, “Zona Central do Sector Sul” e “Zona Norte junto à Mata”, tendo uma distribuição de equipamentos relacionada com o local de implantação e a proximidade relativamente ao aglomerado urbano da cidade de Beja.

De acordo com o *Plano Director*, o Centro Cívico inclui um banco; correios, telégrafo e telefone; hotel residencial e restaurante agregado; cafetaria e pastelaria; casa alemã (com cervejaria, *weinstube* – bar, *bowling* e mesas de bilhar); cinema e centro cultural; igreja católica; hotel da cidade e comércio de ligação, não discriminado, além de um parque que funciona como espaço verde e de recreio. A Zona Central do Sector Norte alberga o grupo escolar alemão, com jardim infantil, ensino primário e secundário; igreja protestante e comércio com duas ou três lojas de consumo diário em edifícios habitacionais. A Zona Central do Sector Sul é semelhante ao à do Sector Norte, com a diferença do grupo escolar que é destinado ao ensino português, apenas com escola primária e jardim infantil, apenas. Também apresenta um núcleo de pequeno comércio, juntamente com outras instalações de interesse público, não especificadas. Por fim, a Zona Norte junto à Mata é um grande espaço destinado ao desporto, com estádio, piscina, minigolfe, campos de ténis e um centro de convivência e recreio para a população alemã (clube). O programa caracterizado como “isolado” é constituído pelo posto de seccionamento, junto ao parque; captação; transformadores; depósitos agrupados para lixo; posto de vendas do jardim (quiosque) e mobiliário urbano.



CIRCULAÇÃO, ESTACIONAMENTO  
 E ZONAS DE INFLUÊNCIA

Fig. 28 ESCALA 1:15000



CENTROS DE INTERESSE

Fig. 29 ESCALA 1:15000

É notória a proximidade que se estabeleceu através do desenho das variadas zonas do plano com o centro da cidade de Beja, fomentando a possibilidade de contacto e intercâmbio entre as populações do bairro e a preexistente. Ao centro ergue-se uma mancha verde que, pela sua posição, proporcionaria uma acessibilidade facilitada a toda a população que procurasse um parque público de utilização generalizada e liberto dos enquadramentos urbanos. O clube (incluído na Zona Norte junto à Mata) foi projectado junto a um pequeno bosque, onde se poderia instalar algum equipamento desportivo, com a facilidade de poder também servir o Grupo Escolar Alemão, de forma a adaptá-lo para recreio e educação física – campos de *basketball*, *volleyball* e hóquei. Fora do horário escolar, este equipamento poderia ser usufruído pela restante população.

A composição do conjunto procura concentrar os edifícios de habitação junto ao centro e com bons acessos. Na base do esquema proposto na década de sessenta está a distribuição de parques de estacionamento cobertos, um mínimo possível de vias para veículos motorizados e uma rodovia para peões e ciclistas (caminho indispensável para manter a coesão do conjunto do bairro). Os caminhos pedonais foram organizados de forma a permitirem uma escolha – atravessamentos de zonas arborizadas ou passagem junto e sob as construções, para uma boa protecção contra as adversidades do clima. Teve-se também em consideração as cortinas verdes para protecção dos ventos predominantes. Entre a zona central do bairro e o comércio principal preexistente previu-se um lote que ficaria reservado para a construção de um hotel da cidade, com acessos e facilidades de estacionamento. Para reduzir ao máximo o comprimento dos percursos de peões em que se admitiriam acessos de viaturas estudou-se a posição dos postos de recolha de lixo, de forma a terem fácil acesso para os utentes e permitirem aos carros que fizessem a recolha um percurso relativamente curto, contudo, servindo devidamente todo o bairro. Os caminhos pedonais que serviriam para a recolha de lixo estavam previstos com uma largura mínima de três metros. Deu-se uma grande importância ao caminho que ligava o Grupo Escolar ao Centro Cívico, de modo a que os alunos - crianças, na sua maioria - o pudessem fazer sem perigo iminente.

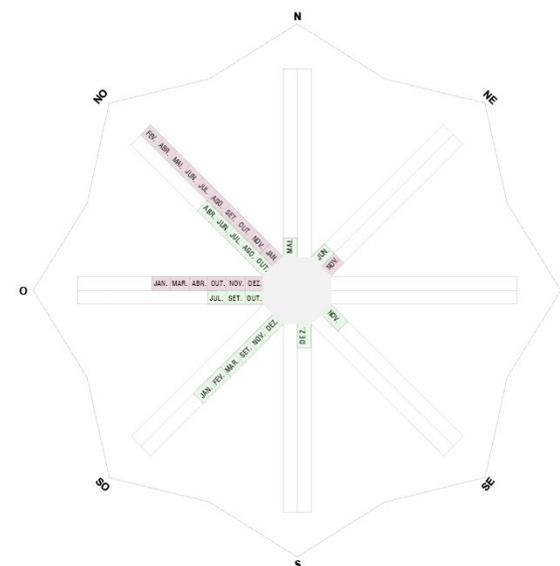
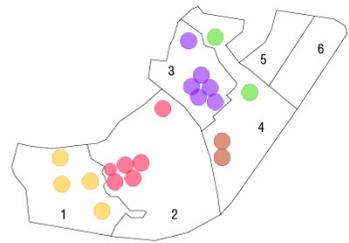


Fig. 30 - Diagrama do regime de ventos

- Ventos dominantes
  - SO - 6 meses
  - NO - 5 meses
- Ventos reinantes
  - NO - 10 meses

O vento reinante é aquele que sopra com grande frequência, isto é, na maior parte do tempo.  
 O vento dominante é aquele que exerce a maior força, quase sempre na mesma direcção.

**DOMINÂNCIA = FREQUÊNCIA x VELOCIDADE<sup>2</sup>**



**ÁREAS E PORCENTAGENS**

Habituação	48,5 %
Equipamento	16,0 %
Zona Verde	27,5 %
Vias e estacionamento	8,0 %

**DENSIDADE HABITACIONAL**

a	7,9 ha 320 fogos 1420 hab. / ha
b	2,5 ha 122 fogos 500 hab. / ha
c	2,4 ha 166 fogos 440 hab. / ha
d	3,3 ha 214 fogos 642 hab. / ha
e	2,7 ha 132 fogos 654 hab. / ha
f	240 hab. / ha 0,6 ha 8 moradas 44 hab. / ha
g	80 hab. / ha 6,4 ha 306 fogos 1155 hab. / ha
h	4,1 ha 159 fogos 720 hab. / ha
i	6,3 ha 302 fogos 1197 hab. / ha
j	3,4 ha 142 fogos 685 hab. / ha
l	8,4 ha 320 fogos 1586 hab. / ha
m	3 ha 50 moradas 300 hab. / ha

Fig. 31  
 ESCALA 1:5000

**PLANTA ESQUEMA - POLOS**

- 1 - Zona Central do Sector Norte
- 2 - Zona Norte junto à Mata
- 3 - Centro Cívico
- 4 - Zona Central do Sector Sul
- 5 - Zona reservada à expansão da cidade e à instalação das forças armadas portuguesas
- 6 - Área reservada à expansão da zona residencial da base aérea n.º 11

**PLANTA DE ZONAS**

- HCL - Habitação Colectiva
- HMI - Habitação - Moradas Isoladas
- HMA - Habitação - Moradas Agrupadas
- HC - Habitação com Comércio
- E - Moradas Existentes
- IC - Interesse Colectivo
- RD - Recreio e Desporto
- EVP - Espaço Verde - Parque
- EVA - Espaço Verde - Alameda
- EVM - Espaço Verde - Mata
- ZP - Zona de Protecção

O mobiliário urbano corresponderia a todas as peças que completassem o tratamento exterior dos espaços entre os edifícios - candeeiros de iluminação, recipientes para lixo, bancos e fontenários, estacionamento para automóveis, palas de protecção para peões, marcos de correio e, também, elementos culturais de interesse plástico, como esculturas, painéis de azulejo, taças de água, equipamento infantil e iluminação artística. Dada a preocupação de facilitar o contacto entre as duas populações em confronto, houve a necessidade de interligar a zona comercial preexistente na cidade com o novo centro comercial a criar. Este centro constituiria, por si só, um polo de convívio. A existência de edifícios de recreio e cultura neste centro, juntamente com a sugestão de criar um edifício destinado a exposições e reuniões de tipo cultural, com o objectivo de o ligar funcionalmente ao edifício destinado ao cinema, viria completar a exequibilidade do critério de aproximação das populações, facilitando, noutro sentido, uma marcação volumétrica capaz de simbolizar tão importante sector da unidade. A observação da planta do plano torna imediatamente patente a diferenciação que se conseguiu entre quatro zonas estreitamente contíguas – a rua comercial; a praça de carácter comercial e recreativo; a praça de carácter cívico e cultural e a zona de transição entre o centro e a cidade. A noção de “rua comercial” implica o interesse do ponto de vista funcional e psicológico como conceito tradicional, presente em todas os centros das cidades.

As zonas em que ficaria dividido o território delimitado pelo perímetro urbano, de acordo com o regulamento, seriam as seguintes: recreio e desporto (RD); espaço verde – mata (EVM); espaço verde – alameda (EVA); espaço verde – parque (EVP); zona de protecção (ZP); habitação colectiva (HCL); habitação em moradias agrupadas (HMA); habitações em moradias isoladas ou geminadas (HMI); moradias existentes (E); interesse colectivo (IC).

<b>EQUIPAMENTOS</b>	Centro (incluindo estacionamento adjacente)	3,4 hectares
	Igreja Protestante	0,4 hectares
	Pequeno Comércio junto ao Grupo Escolar Alemão	0,2 hectares
	Pequeno Comércio junto ao Grupo Escolar Português	0,2 hectares
	Grupo Escolar Alemão (excluindo a zona desportiva)	2,2 hectares
	Grupo Escolar Português	0,8 hectares
	Clube	1,0 hectare
	Zona Desportiva (piscina, ténis, anexos do Grupo Escolar Alemão)	3,5 hectares
<b>ZONAS</b>	Estádio	2,4 hectares
	Mata	7,7 hectares
	Parque	4,2 hectares
	Alameda	2,9 hectares
	Zona de Protecção	2,6 hectares
	Circulação e estacionamento	5,6 hectares

Também houve requisitos a considerar inerentes ao regulamento, neste caso de zoneamento:

*. Na faixa que constitui a zona rural de protecção não serão permitidos quaisquer desenvolvimentos urbanos, a não ser construções relativas a actividades agrícolas, extracções de materiais, abastecimento de água e fornecimento de energia eléctrica<sup>23</sup>. (Lobo 1965, 69)*

*. A zona de “recreio e desporto” é destinada à localização de áreas livres e campos de jogos, piscinas e outras instalações similares<sup>24</sup>. (Lobo 1965, 70)*

*. A zona “espaço verde – mata” é destinada a repouso e recreio da população, não sendo de autorizar quaisquer construções, mesmo destinadas a equipamento próprio de uma zona verde que possam prejudicar a criação de um ambiente de informalidade, contrastando com as restantes ambiências urbanas<sup>25</sup>. (Lobo 1965, 71)*

*. A zona “espaço verde – alameda” é destinada a criar espaços livres, espaços arborizados e áreas de equipamento infantil<sup>26</sup>. (Lobo 1965, 71)*

*. A zona “espaço verde – parque” é destinada a criar um espaço ajardinado para repouso, recreio e convívio da população, sendo permitidas pequenas construções referentes à manutenção das zonas verdes, posto de venda de refrescos, equipamento infantil e outras construções similares<sup>27</sup>. (Lobo 1965, 71)*

*. A zona de “habitação colectiva” destina-se à construção de edifícios de dois, três e quatro pisos úteis para habitação e possibilidade de aproveitamento da cave para arrecadações ou utilizações similares. O espaço entre habitações será do domínio público e nele se deverá executar todo o mobiliário urbano apropriado. A densidade habitacional não deverá exceder os 200 habitantes por hectare<sup>28</sup>. (Lobo 1965, 72)*

*. A zona de “habitação em moradias agrupadas” será destinada à construção de moradias em banda contínua, com o máximo de dois pisos habitacionais, mais o aproveitamento da cave ou sótão, e poderão prever-se pequenos jardins individuais separados por sebes<sup>29</sup>. (Lobo 1965, 72)*

*. A zona de “habitação e moradias isoladas ou geminadas” destina-se à construção de moradias isoladas ou geminadas podendo ter logradouro envolvente privativo e garagem individual. A densidade de habitação desta zona não deverá ultrapassar 100 habitantes por hectare e um número máximo de dois pisos<sup>30</sup>. (Lobo 1965, 73)*

***Se assim não acontecesse, perder-se-ia a necessária harmonia do conjunto, o todo não seria identificável, seria destruída a sua personalidade, da maior importância como base de uma métrica natural para uma mentalização subconsciente das populações num sentido de equilíbrio e de segurança psicossocial<sup>31</sup>.***

(Lobo 1965)

23. Matos, Alfredo Campos; et al., “Plano Director.” CANIFA (1965): 69.

24. Ibidem, 70.

25. Ibidem, 71.

26. Ibidem, 71.

27. Ibidem, 71.

28. Ibidem, 72.

29. Matos, Alfredo Campos; et al., “Plano Director.” CANIFA (1965): 72.

30. Ibidem, 73.

31. Ibidem, 51.



Fig. 32 - Fotografia aérea, Beja, 2020  
Fonte: Rui Silvestre

## EQUIPAMENTOS

### TORRE PARA SOLTEIROS

Arquitecto João Rosa Mendes – CONSTRUÍDO

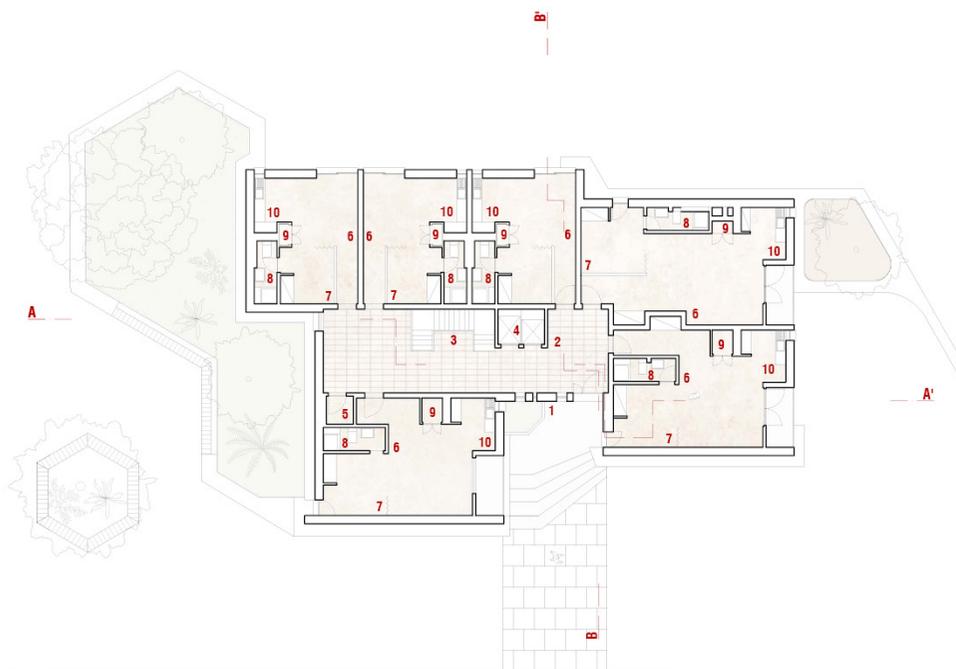
Durante a execução do plano para o Bairro dos Alemães, houve a necessidade de pensar num edifício de apartamentos de divisões reduzidas, com a finalidade de servirem para militares em trânsito ou, como o nome indica, para solteiros. Esta torre, com dez pisos úteis, apresenta seis apartamentos de tipologia T0 por piso, de formas rectangulares, compostos por uma pequena entrada que comunica com o espaço principal – sala de estar e jantar, juntamente com o espaço de cozinhar -, quarto (separado da sala por uma cortina), instalação sanitária e um pequeno arrumo. Três dos seis apartamentos (por andar) apresentam ainda uma pequena marquise, protegida pelas portadas castanhas que se observam do lado Sul do edifício. Assim também é o apartamento destinado ao porteiro, que fica no piso da cave. Este inclui, além desta casa, arrecadações, depósito para o lixo, caldeiras, quadro eléctrico, transformadores e acesso aos elevadores. O átrio de cada piso faz a distribuição directamente para cada um dos seis apartamentos e inclui, além do corpo de escadas, dois elevadores e um acesso para a queda do lixo.

A torre comunica directamente com a praça, como elemento preponderante daquela zona, e apresenta-se bastante degradada devido à falta de manutenção e à presença enormíssima de aves que a habitam. Este edifício foi o alvo principal do laboratório que aconteceu em Beja, em 2018, e, consoante o seu estudo, foi possível concluir que há um potencial enorme para a sua ocupação, quer permanente ou apenas temporária. No piso superior existe um terraço que estabelece relações visuais com a cidade de Beja e a planície alentejana.



Fig. 33 - Fotografia aérea - Torre, 2020

Fonte: Rui Silvestre



PLANTA DO PISO 0



ESCALA 1:250

Fig. 34

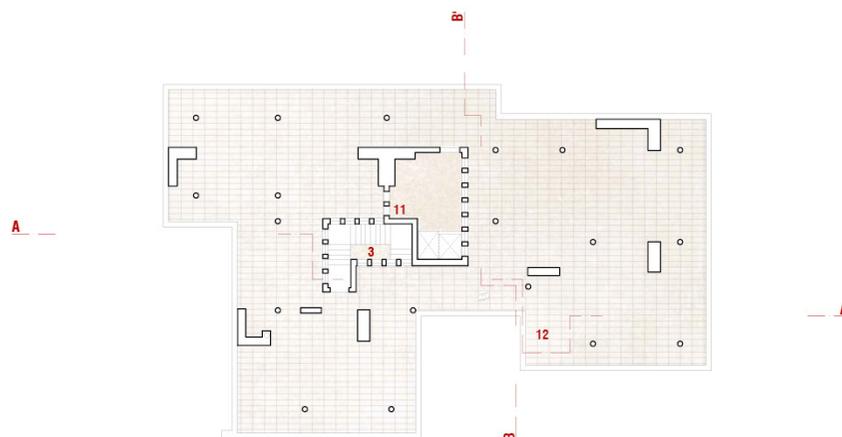
- 1 - Entrada
- 2 - Atrio
- 3 - Caixa de Escadas
- 4 - Elevadores
- 5 - Queda do lixo
- 6 - Sala de estar e espaço de refeição
- 7 - Quarto
- 8 - Armário do esquentador e arrumo
- 9 - Instalação Sanitária
- 10 - Cozinha
- 11 - Casa das máquinas dos elevadores
- 12 - Terraço



PLANTA DO PISO TIPO (do piso 1 ao 9)



ESCALA 1:250



PLANTA DO TERRAÇO (piso 10)



ESCALA 1:250



ALÇADO PRINCIPAL (poente)

ESCALA 1:250

Fig. 35



ALÇADO LATERAL SUL

ESCALA 1:250



Fig. 36 - Entrada do edifício, 2019

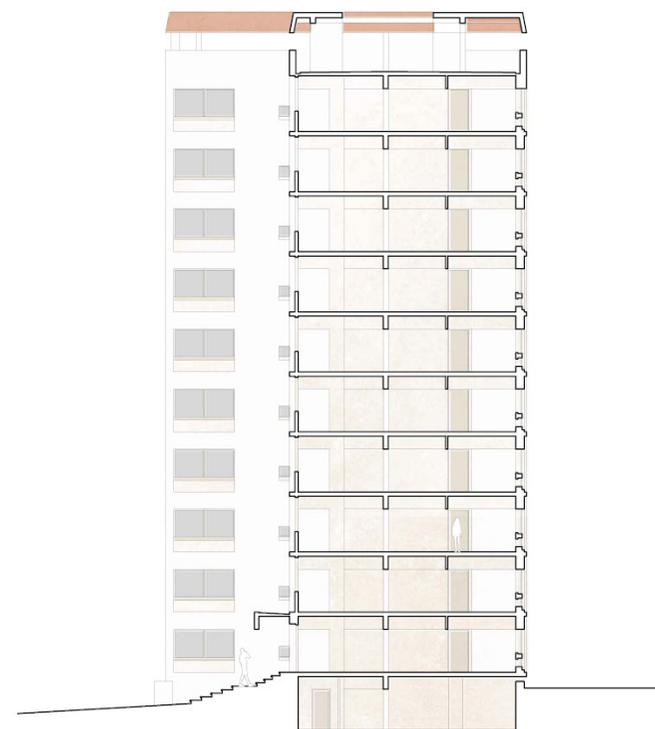


Fig. 37 - Interior de uma habitação, 2018



CORTE AA'  
ESCALA 1:250

Fig. 38



CORTE BB'  
ESCALA 1:250



Fig. 39- Casa Alemã - antigo local de convívio - e Torre para Solteiros ou Militares em Trânsito , 2018

Fig. 40 - Passagem coberta, percurso Torre - Centro Comercial, 2019





Fig. 41 - Torre, 2019

Fig. 42 - Torre, através do limite urbano, 2019



## CASA ALEMÃ

Arquitecto João Rosa Mendes – CONSTRUÍDO

A Casa Alemã assemelha-se a uma casa tipicamente alentejana – monte alentejano – e é um espaço de lazer idealizado para o convívio dos habitantes do bairro dos alemães. Foi desenhada pelo arquitecto João Rosa Mendes e alberga uma cervejaria, uma adega (casa de vinhos), um bar e zonas para jogos de salão, como *bowling* e bilhar. Foi pensado para ser um ponto de encontro, incluído no centro cívico e comercial, junto à “Torre para Solteiros ou militares em trânsito”. A sua galeria de distribuição fica sensivelmente no centro do edifício e permite o acesso a todos os espaços recreativos. Há três entradas principais e os espaços mais isolados dentro da Casa Alemã são a sala de bilhar e a “adega”, que possivelmente também funcionou como discoteca. Actualmente, não funciona com o objectivo para o qual foi projectada nem apresenta pistas de *bowling*. Contudo, houve a oportunidade de a habitar durante os dias em que ocorreu o laboratório “Torre para Solteiros”, em Junho de 2018, como local de trabalho – espaço pertencente à Força Aérea Portuguesa.

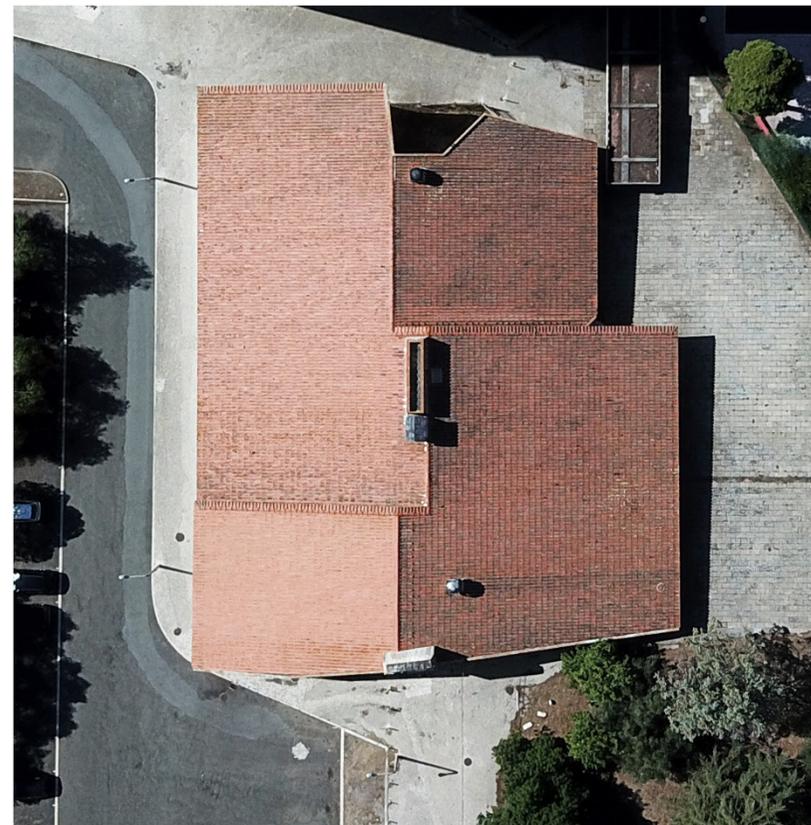
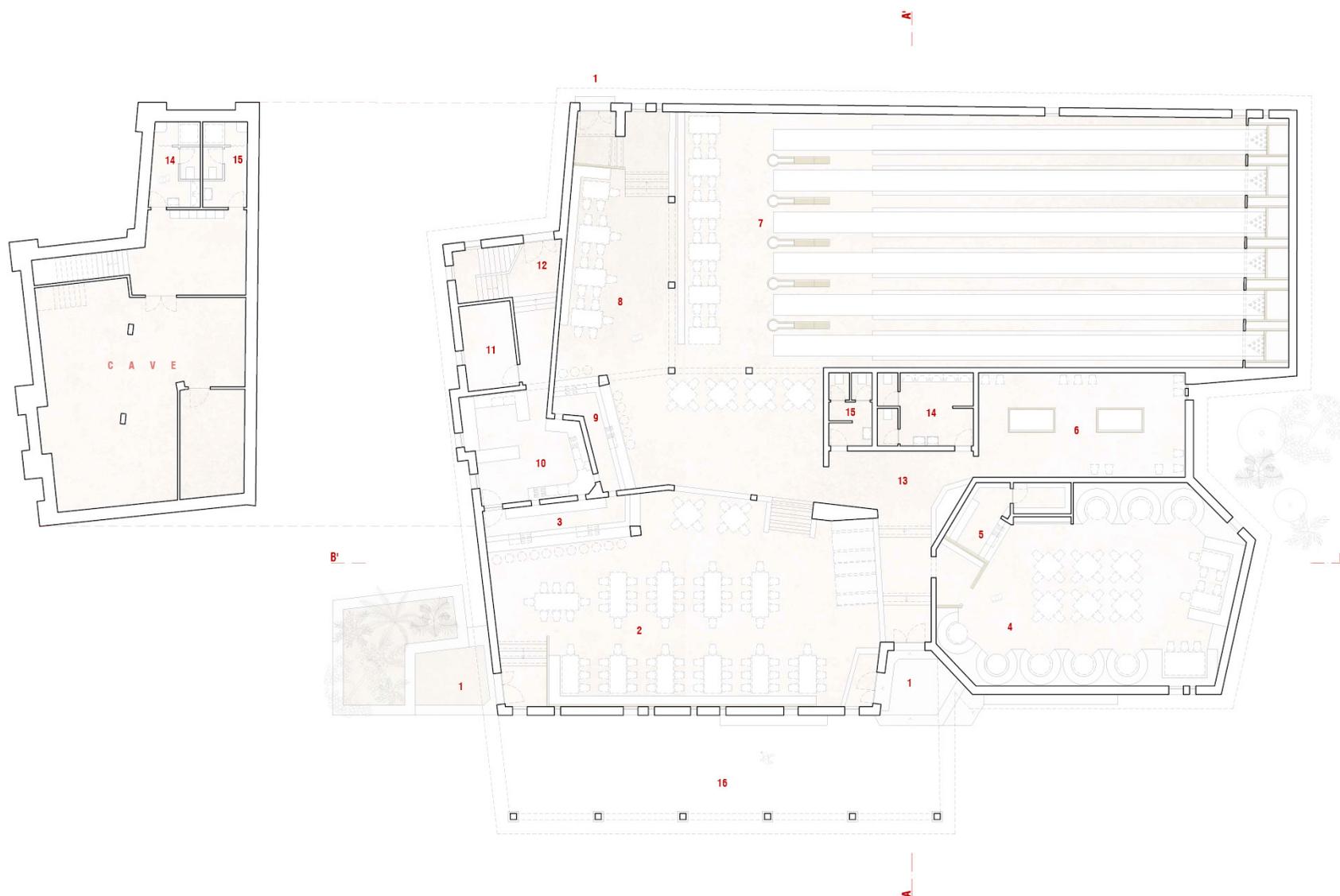


Fig. 43 - Fotografia aérea - Casa Alemã, 2020

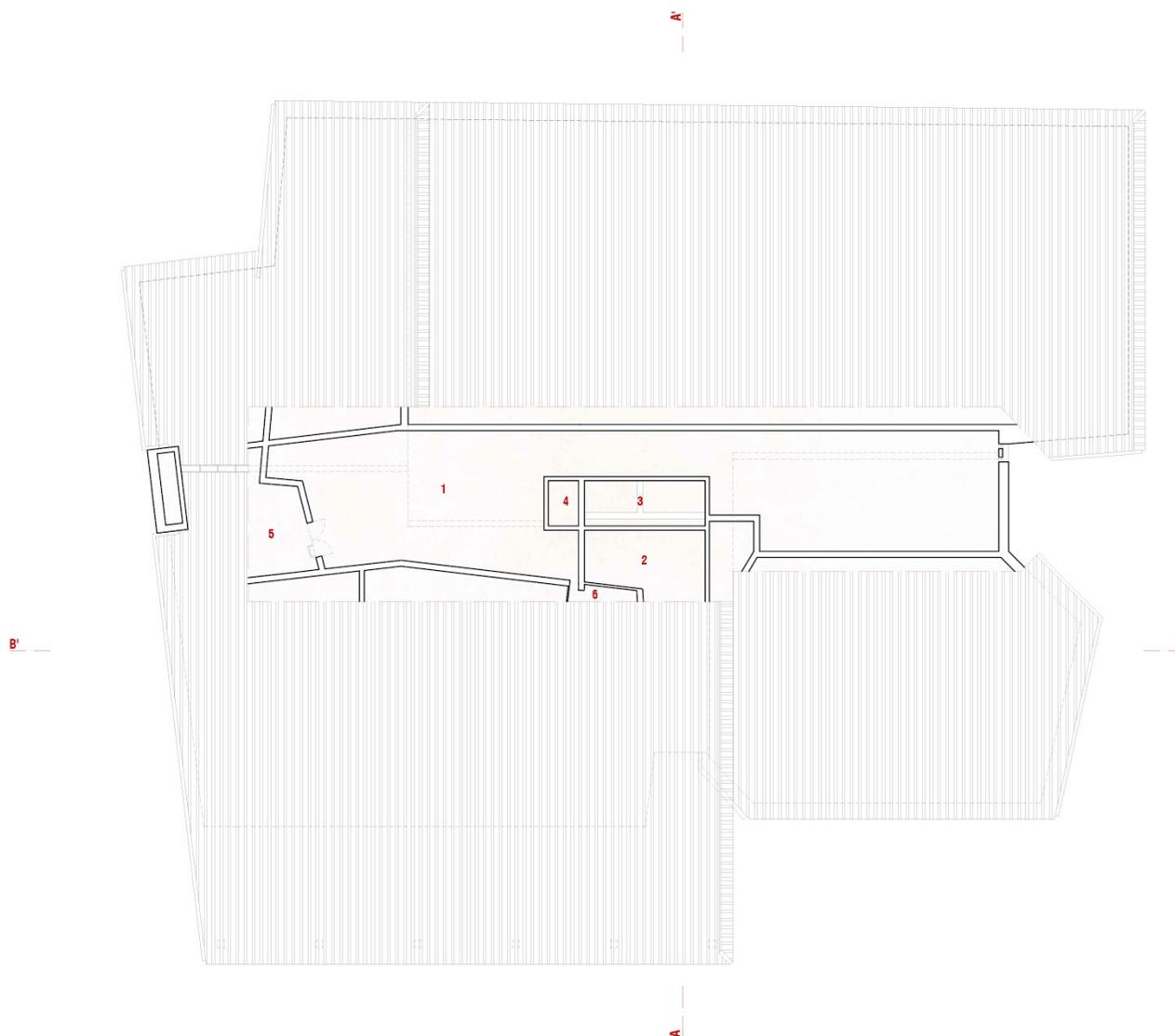
Fonte: Rui Silvestre



PLANTA DA CAVE  
PLANTA DO PISO 0

ESCALA 1:200  
Fig. 44

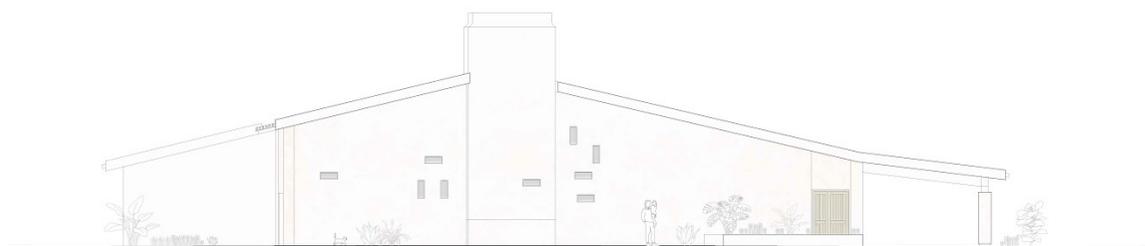
- 1 - Entradas principais
- 2 - Cervejaria
- 3 - Balcão da cervejaria
- 4 - Adega / discoteca
- 5 - Balcão da adega / discoteca
- 6 - Sala de bilhar
- 7 - Bowling
- 8 - Bar
- 9 - Balcão do bar
- 10 - Cozinha
- 11 - Administração
- 12 - Entrada de serviço e acesso à cave
- 13 - Galeria de distribuição
- 14 - Instalações Sanitárias Masculinas
- 15 - Instalações Sanitárias Femininas
- 16 - Alpendre



PLANTA DO PISO DA COBERTURA  
E DO ANDAR TÉCNICO

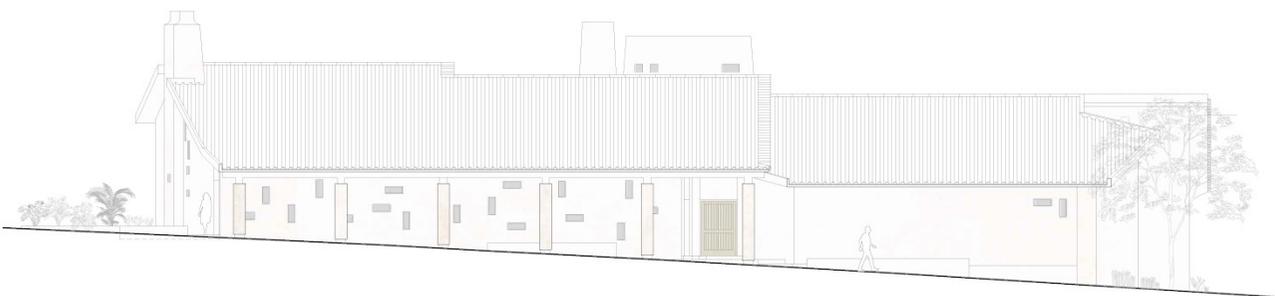
ESCALA 1:200  
Fig. 45

- 1 - Piso para Instalação de Ar Condicionado
- 2 - Vazio da galeria interior
- 3 - Ventilação e iluminação das I. Sanitárias
- 4 - Condução para Ar Condicionado
- 5 - Vazio da cozinha
- 6 - Vazio para condutas do Ar Condicionado



ALÇADO LATERAL ESQUERDO

ESCALA 1:200



ALÇADO PRINCIPAL

ESCALA 1:200

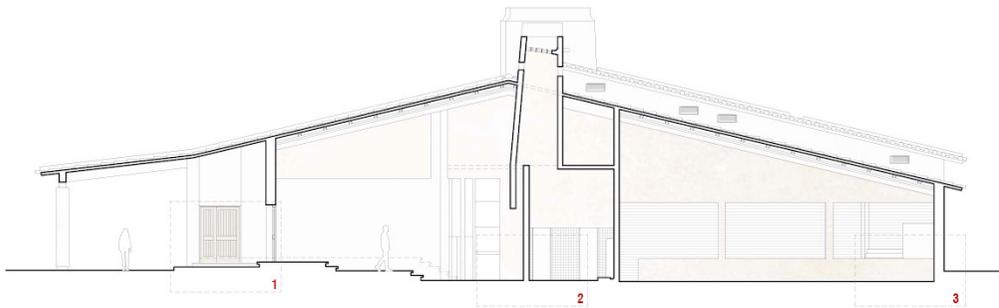
Fig. 46



Fig. 47 - Casa Alemã, 2019

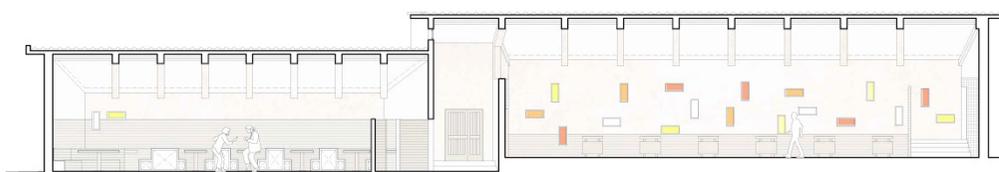
Fig. 48 - Entrada da cervejaria e  
casa de vinho, 2019

Fig. 49 - Pormenor do pilar,  
2019



**CORTE AA' (transversal)**

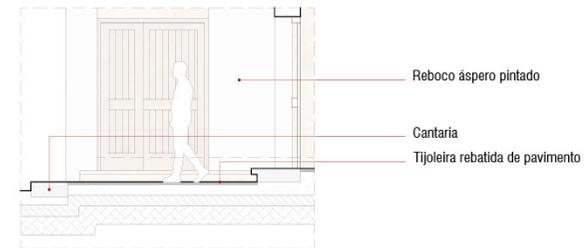
ESCALA 1:200



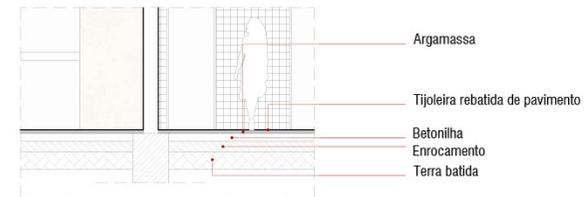
**CORTE BB' (longitudinal)**

ESCALA 1:200

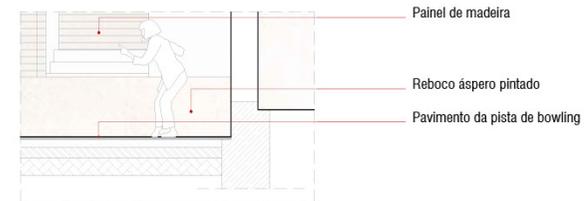
Fig. 50



**1 - Pormenor construtivo**  
 ESCALA 1:75



**2 - Pormenor construtivo**  
 ESCALA 1:75



**3 - Pormenor construtivo**  
 ESCALA 1:75



Fig. 51 - Interior da Casa Alemã - cervejaria, 2018

## CENTRO COMERCIAL

### Arquitecto Alfredo Campos Matos - CONSTRUÍDO

O centro comercial foi posicionado no cerne do centro cívico e comercial, adjacente a uma praça que liga a torre, o restaurante (do hotel), a casa alemã - através das passagens cobertas -, parte dos edifícios habitacionais (bandas do arquitecto Alberto Reaes Pinto) e o cinema e a igreja católica (projectos não construídos desta zona). Divide-se em três volumes, sendo que estes se unem através das coberturas destinadas a passagens cobertas para peões, solução encontrada para atravessamento do bairro de forma arejada e sombreada. Existe também uma rua interior que trespassa um dos volumes para dar acesso ao estacionamento, ao parque (mata), ao hotel e às moradias. Efectivamente, este é o edifício articulador de todo o bairro [actualmente construído].

O seu projecto albergava, no piso térreo, espaços distintos para lojas e serviços: moda, sapataria; leitaria; cabeleireiro; barbeiro; lavandaria; cafetaria; pastelaria; drogaria; correios; banco; supermercado; papelaria e tabacaria. O piso superior foi aproveitado para habitações de tipologia T3, com uma instalação sanitária, sala de estar, cozinha e um terraço consideravelmente grande. Actualmente, as habitações continuam a ser utilizadas com a função para a qual foram concebidas, ao contrário das lojas, que são hoje espaços administrativos da B.A. n.º 11 e salas para actividades da escola adjacente a este centro.

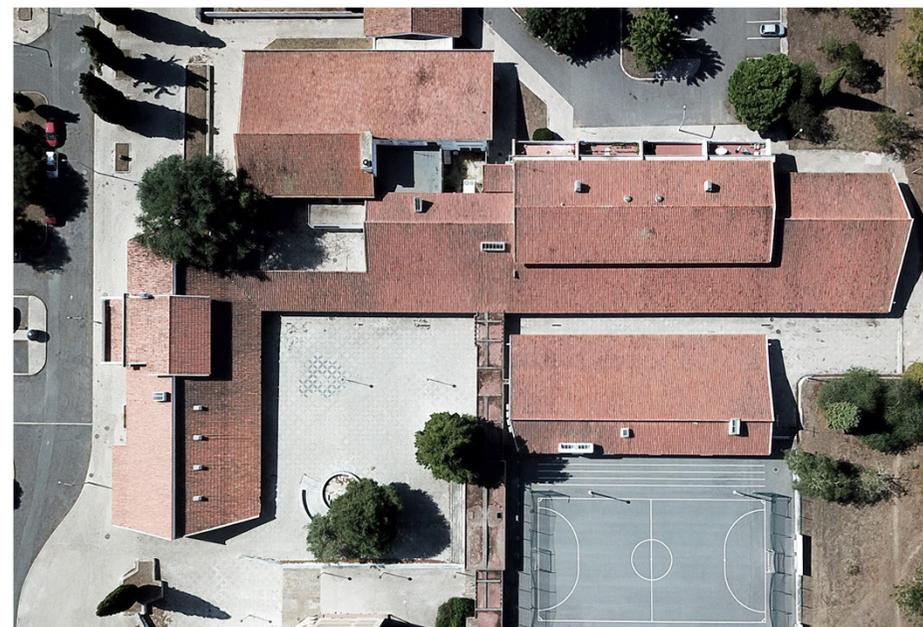


Fig. 52 - Fotografia aérea - Centro Comercial, 2020

Fonte: Rui Silvestre



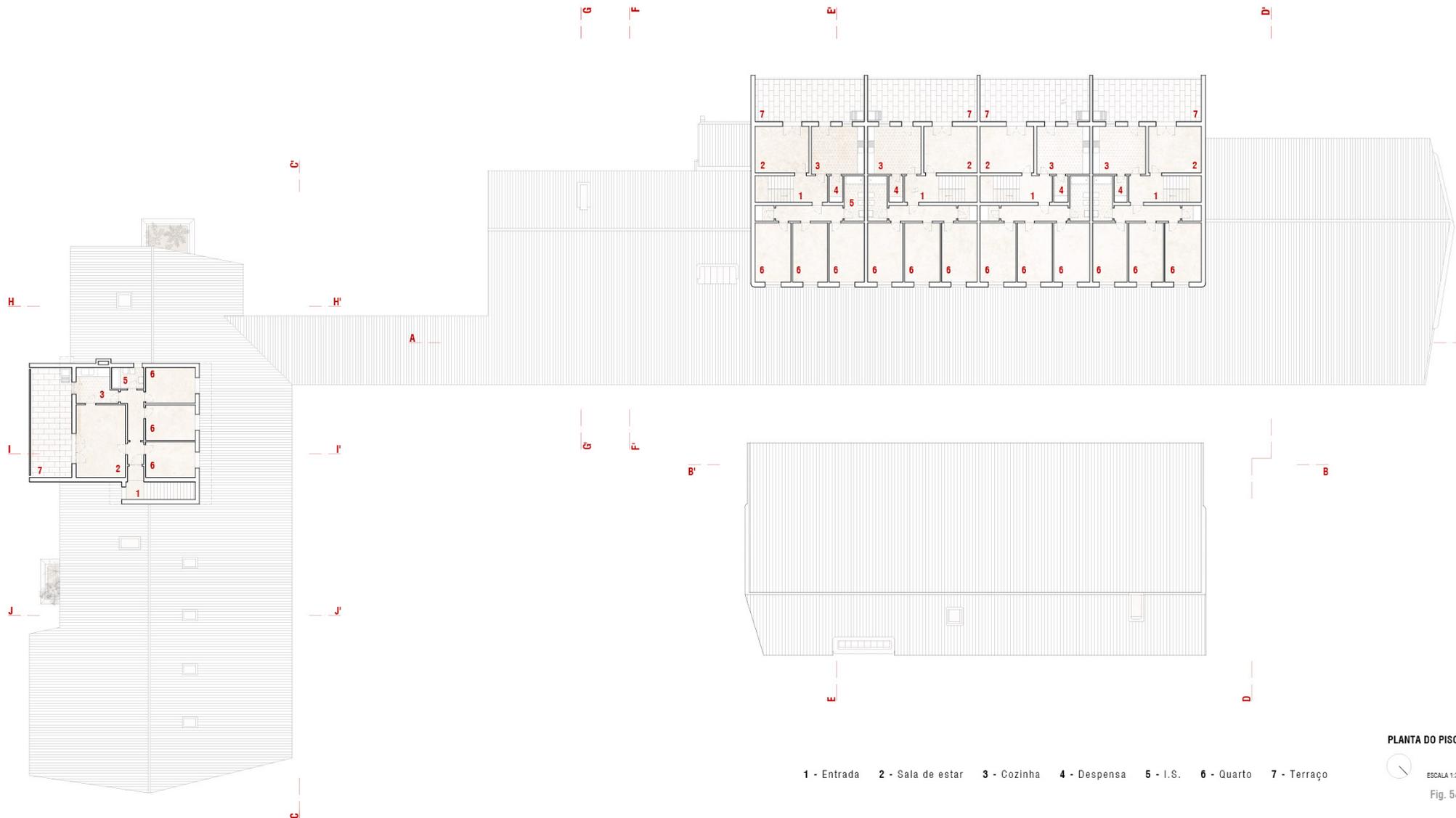
ESTUDO DE ALÇADO (AA') - GALERIA  
ESCALA 1:300



PLANTA DO PISO 0  
ESCALA 1:300  
Fig. 53



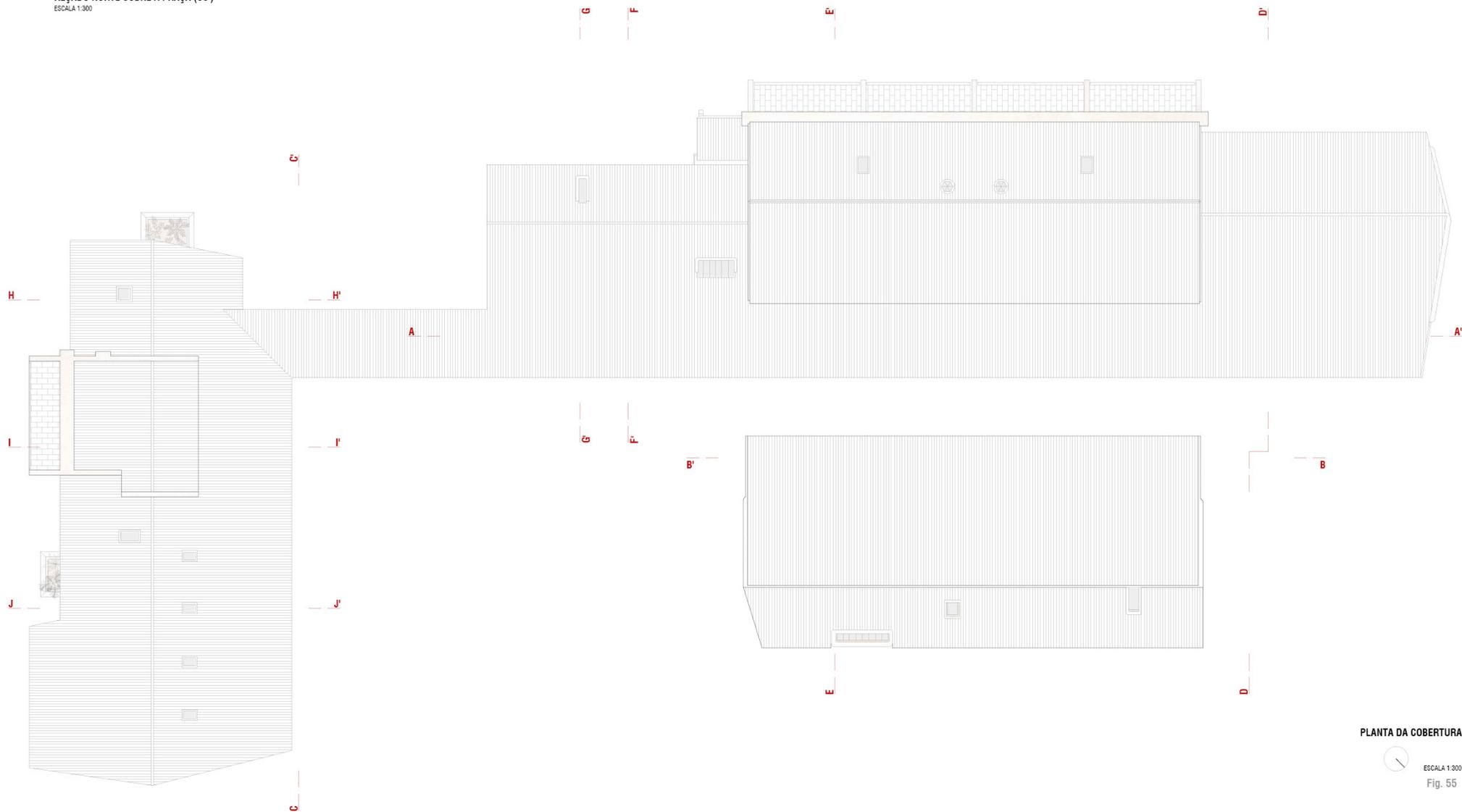
ESTUDO DE ALÇADO (BB') - GALERIA  
 ESCALA 1:300



PLANTA DO PISO 1  
 ESCALA 1:300  
 Fig. 54



ALÇADO NORTE SOBRE A PRAÇA (CC')  
 ESCALA 1:300



PLANTA DA COBERTURA

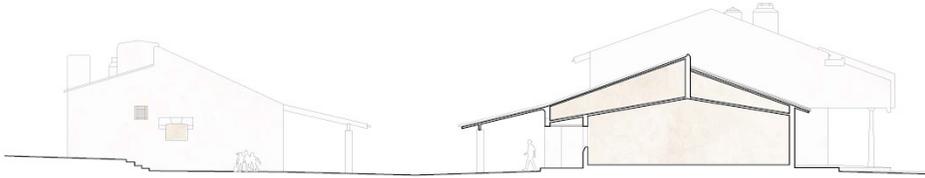
ESCALA 1:300  
 Fig. 55



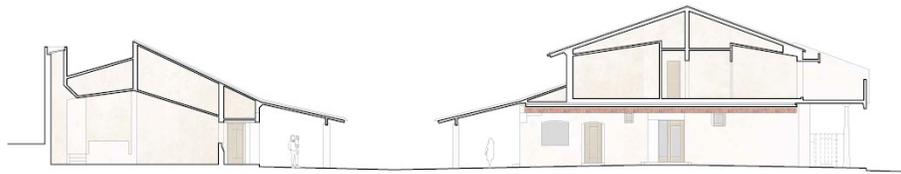
Fig. 56 - Rua Interior, 2019

Fig. 57 - Pormenor da rua interior, 2019

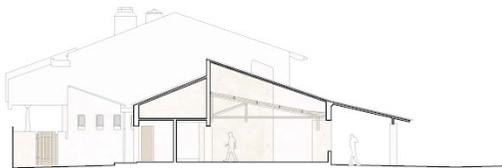
Fig. 58 - Galeria do centro comercial, 2019



**CORTE DD'**  
 ESCALA 1:300

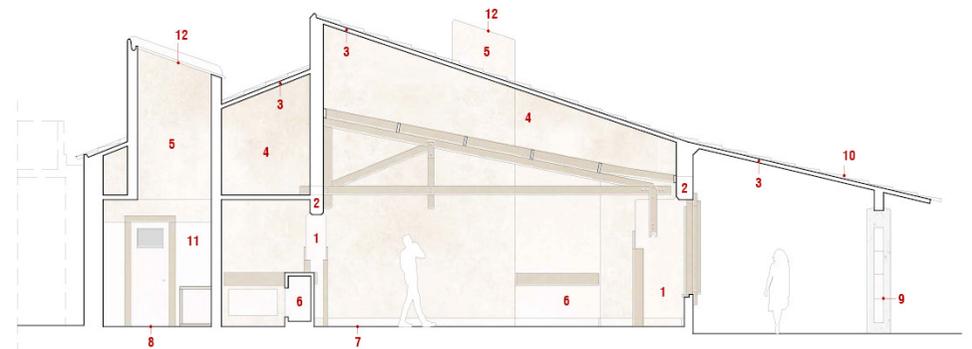


**CORTE EE'**  
 ESCALA 1:300



**CORTE FF'**  
 ESCALA 1:300

- 1 - Pilar de betão descofrado
- 2 - Viga de betão descofrado
- 3 - Laje
- 4 - Caixa de ar
- 5 - Lanterna
- 6 - Balcão de betão descofrado
- 7 - Pavimento de tijoleira
- 8 - Pavimento de mosaico hidráulico
- 9 - Pilar de betão descofrado revestido a cantaria
- 10 - Telha
- 11 - Revestimento acrílico
- 12 - Cabalho de ferro metalizado basculante

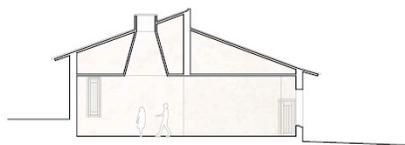


**CORTE GG' (PORMENOR)**  
 ESCALA 1:100

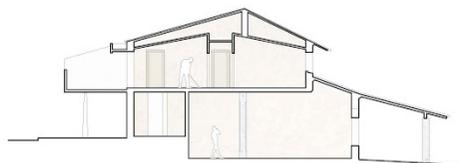
Fig. 59



Fig. 60 - Vista da praça do centro comercial e cívico, 2019  
Fig. 61 - Galeria do Centro Comercial, 2019

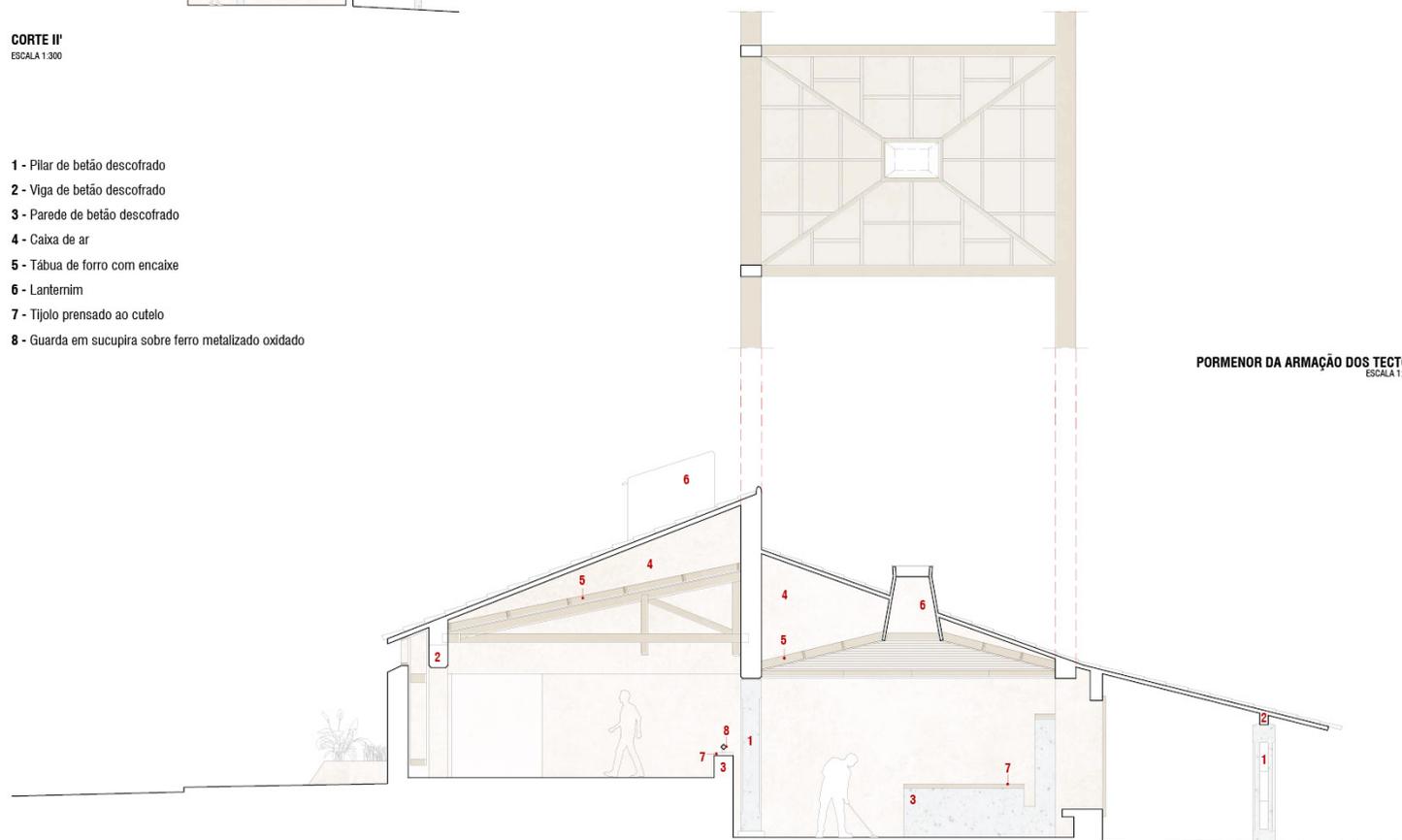


**CORTE HH'**  
ESCALA 1:300



**CORTE II'**  
ESCALA 1:300

- 1 - Pilar de betão descofrado
- 2 - Viga de betão descofrado
- 3 - Parede de betão descofrado
- 4 - Caixa de ar
- 5 - Tábua de forro com encaixe
- 6 - Lanternim
- 7 - Tijolo prensado ao cutelo
- 8 - Guarda em sucupira sobre ferro metalizado oxidado



**PORMENOR DA ARMAÇÃO DOS TEGOS**  
ESCALA 1:100

**CORTE JJ' (PORMENOR)**  
ESCALA 1:100



Fig. 63 - Edifício do centro comercial, 2019



Fig. 64 - Perspectiva do centro comercial, 2019



Fig. 65 - Lojas  
do centro  
comercial, 2019

## HOTEL E RESTAURANTE

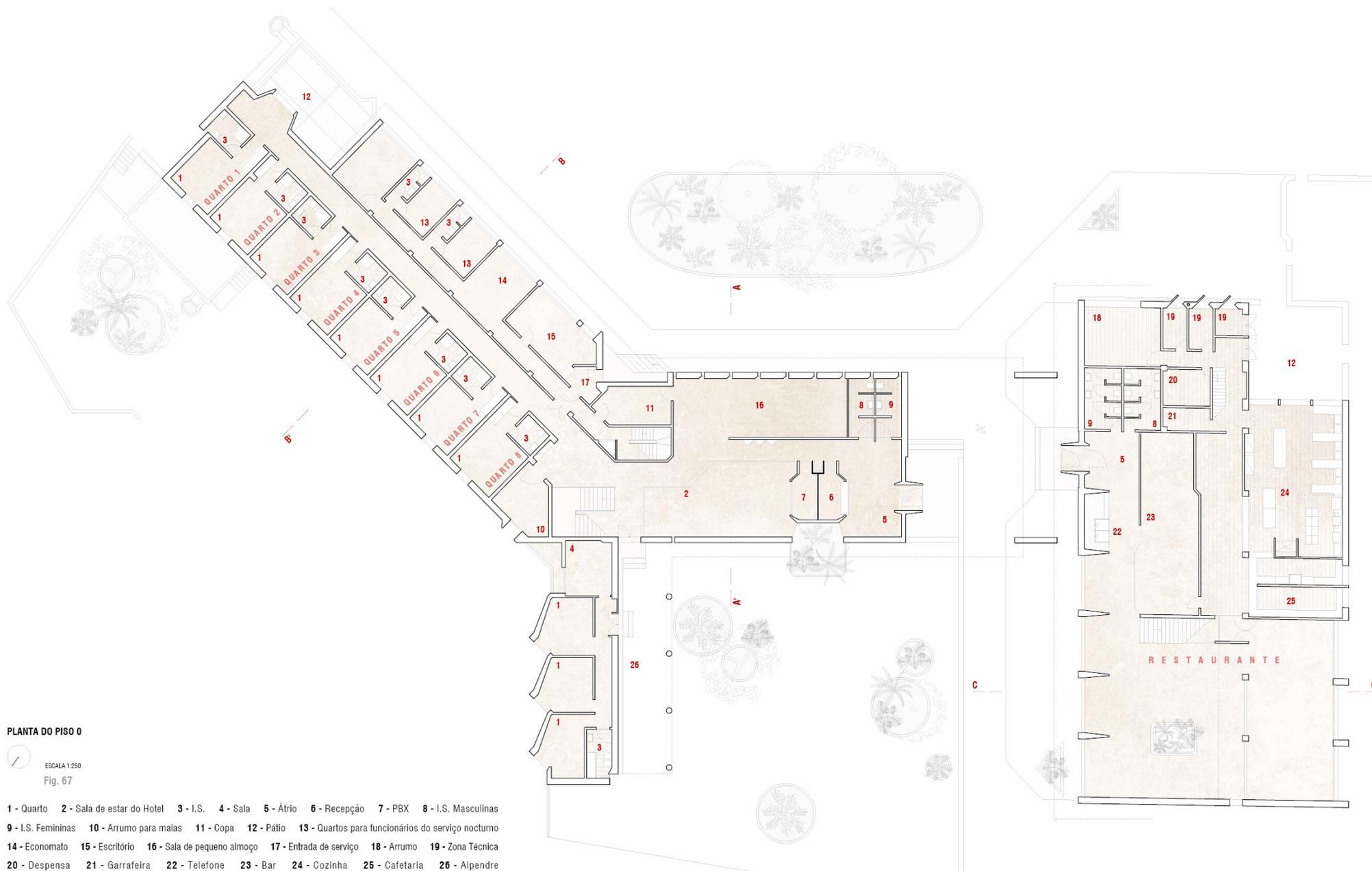
Arquitecto Francisco Keil do Amaral - CONSTRUÍDO

Implantado no limite com o parque (actual mata), o hotel liga-se, através da sua passagem coberta, ao restaurante – incluído num dos volumes do centro comercial, de Alfredo Campos Matos. Apresenta uma torção – volume dos quartos – que possibilita uma vista desafogada de edifícios e permite a relação visual com a natureza. A "torre", ao centro, pequeno volume que emerge do resto do edifício, permite a comunicação entre o piso térreo e os superiores – outro piso de quartos e o piso da lavandaria, respectivamente por ordem ascendente -, estabelecendo uma outra relação visual, desta vez com a Torre para Solteiros, elemento definidor do bairro, actualmente, pela sua dimensão.



Fig. 66 - Fotografia aérea - Hotel e Restaurante, 2020

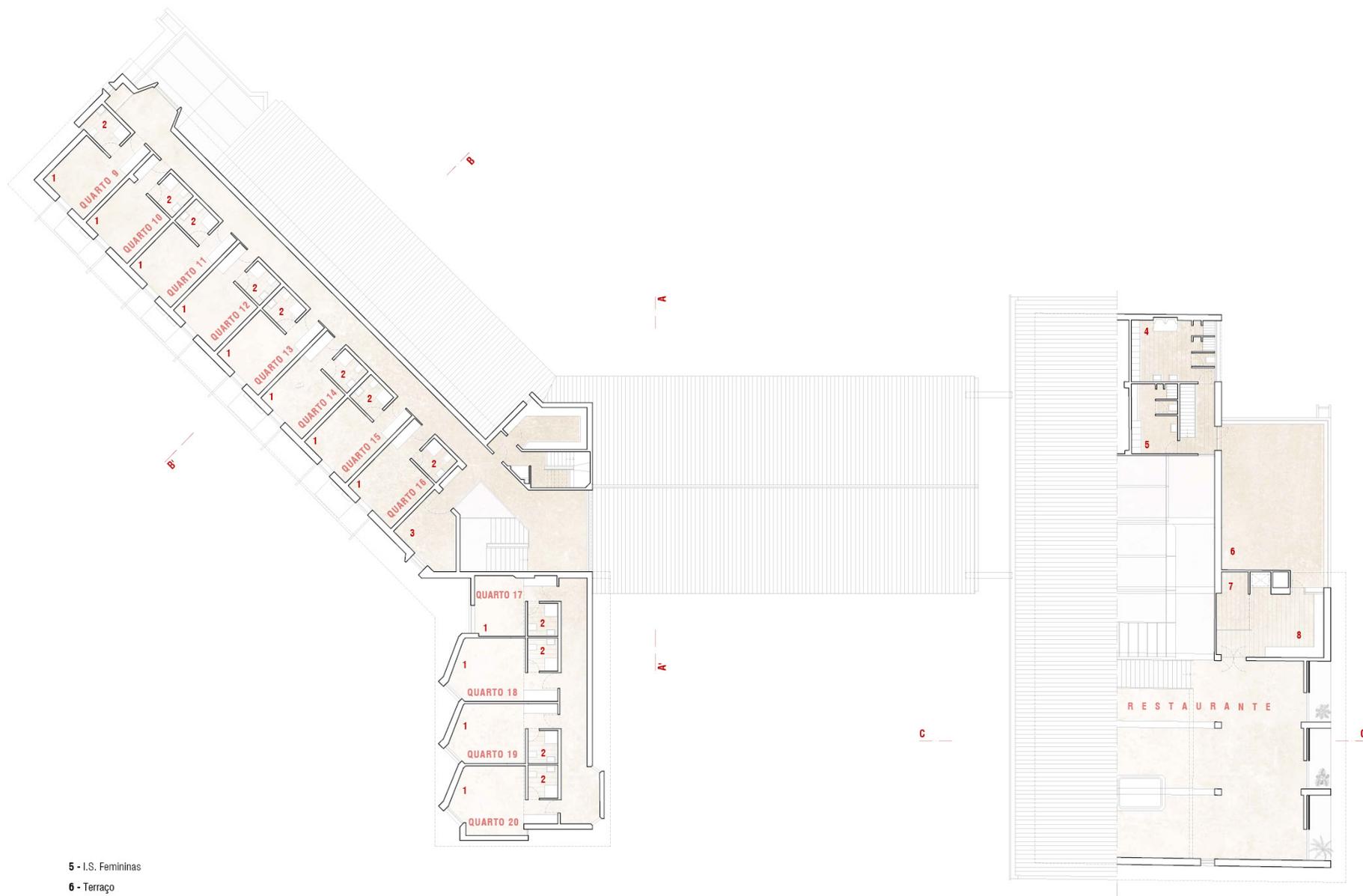
Fonte: Rui Silvestre



PLANTA DO PISO 0

ESCALA 1:250  
 Fig. 67

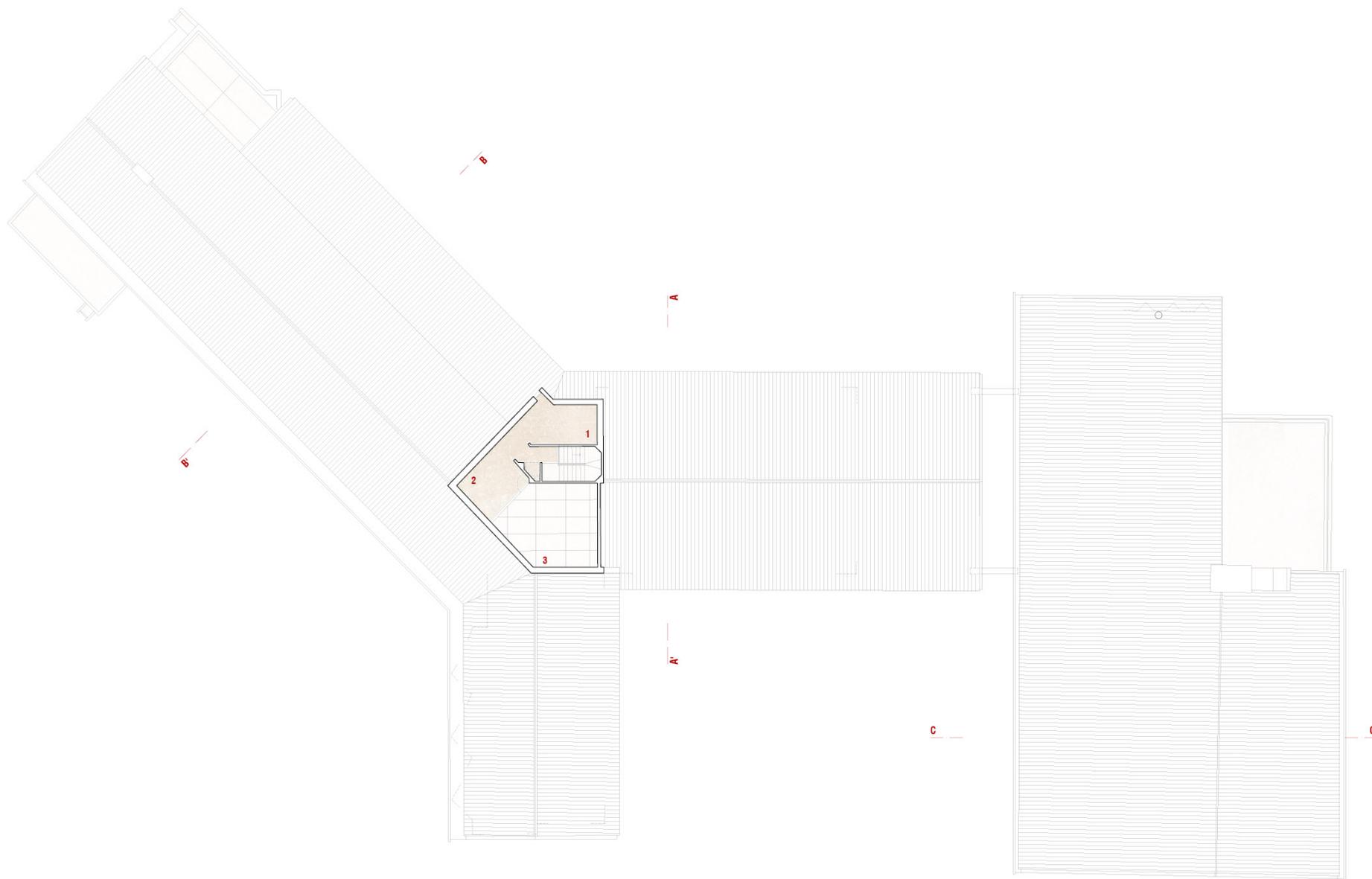
- 1 - Quarto    2 - Sala de estar do Hotel    3 - I.S.    4 - Sala    5 - Átrio    6 - Recepção    7 - PBX    8 - I.S. Masculinas
- 9 - I.S. Femininas    10 - Arrumo para malas    11 - Copa    12 - Pátio    13 - Quartos para funcionários do serviço nocturno
- 14 - Economato    15 - Escritório    16 - Sala de pequeno almoço    17 - Entrada de serviço    18 - Arrumo    19 - Zona Técnica
- 20 - Despensa    21 - Garrafeira    22 - Telefone    23 - Bar    24 - Cozinha    25 - Cafeteria    26 - Alpendre



PLANTA DO PISO 1

ESCALA 1:250  
Fig. 68

- 1 - Quarto
- 2 - I.S.
- 3 - Arrumo para malas
- 4 - I.S. Masculinas
- 5 - I.S. Femininas
- 6 - Terraço
- 7 - Ar condicionado
- 8 - Espaço de distribuição



**PLANTA DA COBERTURA**

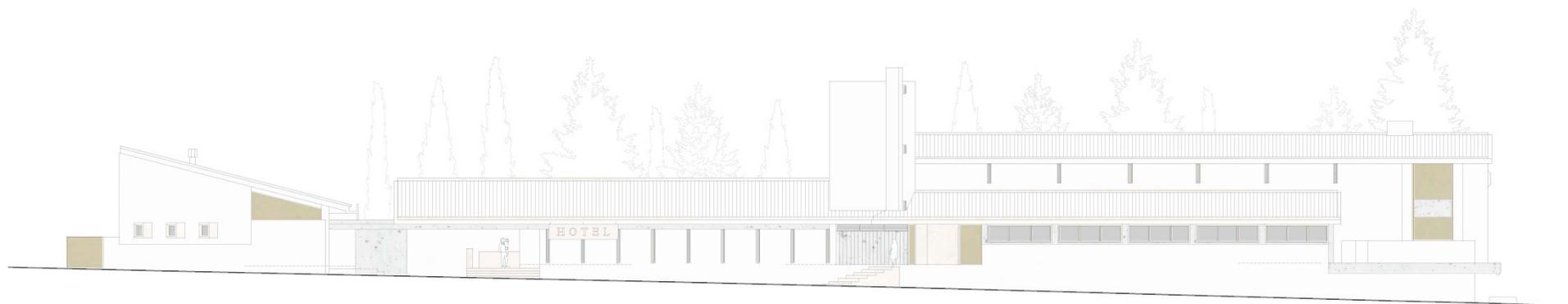
ESCALA 1:250  
Fig. 69

- 1 - Lavandaria
- 2 - Espaço para engomar
- 3 - Estendal

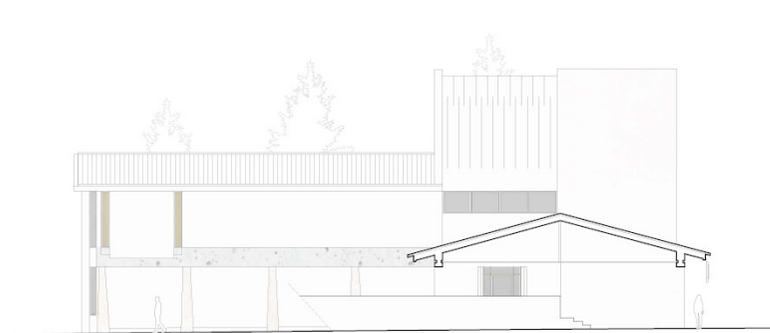


Fig. 70 - Hotel, 2019

Fig. 71 - Espaço exterior do hotel, 2019



ALÇADO NORTE (HOTEL)  
ESCALA 1:250



ALÇADO NORDESTE (HOTEL)  
ESCALA 1:250

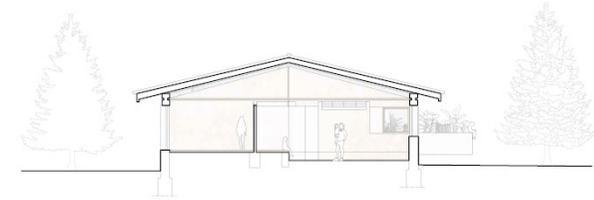
Fig. 72



ALÇADO SUDESTE (HOTEL)  
ESCALA 1:250



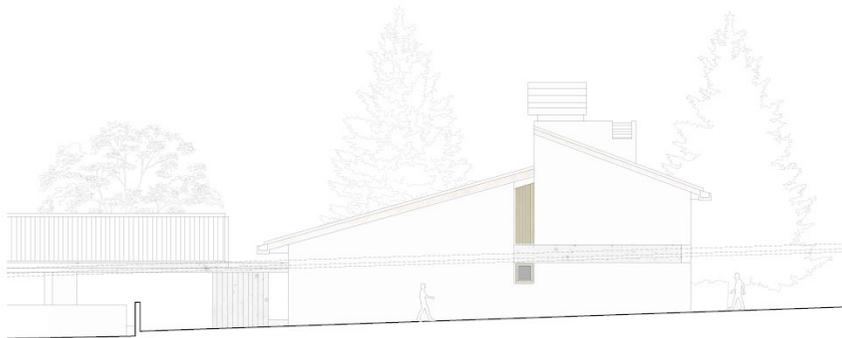
ALÇADO SUDOESTE (RESTAURANTE)  
ESCALA 1:250



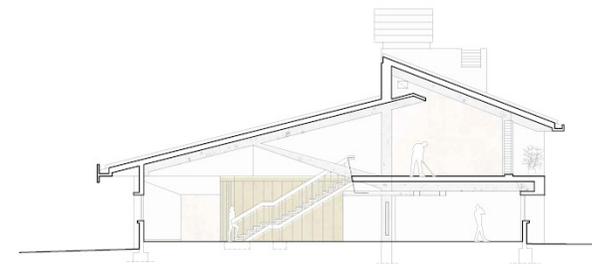
CORTE AA  
ESCALA 1:250



CORTE BB  
ESCALA 1:250



ALÇADO SUDESTE (RESTAURANTE)  
ESCALA 1:250



CORTE CC  
ESCALA 1:250



Fig. 74 - Pormenor dos pilares do hotel, 2019



Fig. 75 - Pormenor do muro exterior do hotel, 2019

### POSTO DE SECCIONAMENTO DA CEAL

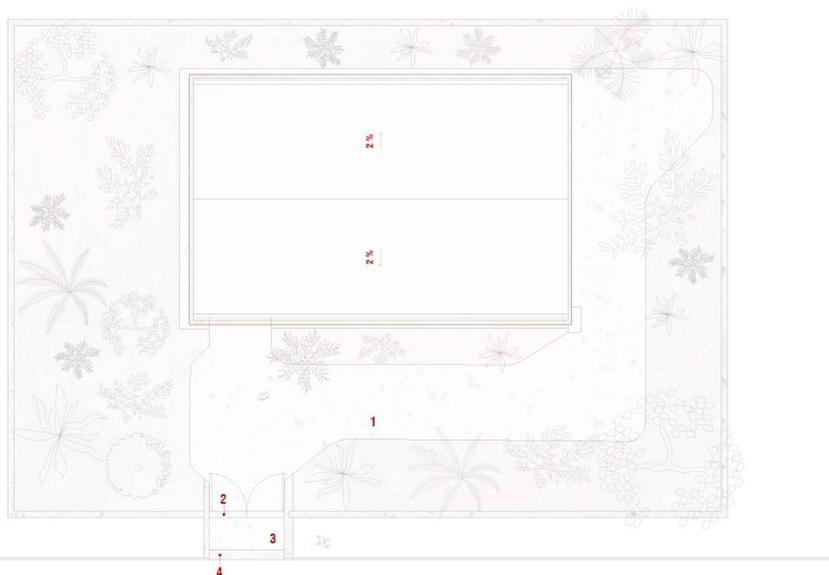
Autor desconhecido – CONSTRUÍDO

Incluído no perímetro do parque, este foi um projecto para as novas instalações da Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve. Estas incluem um armazém, além do espaço necessário para captação, chegada e reserva de electricidade; bateria; caleiras; bacias e canais, desenhados conforme os pormenores do fornecedor do equipamento. O edifício está limitado por um pequeno jardim murado, que se integra na actual mata.



Fig. 76 - Fotografia aérea - Posto de Seccionamento da C.E.A.L., 2020

Fonte: Rui Silvestre

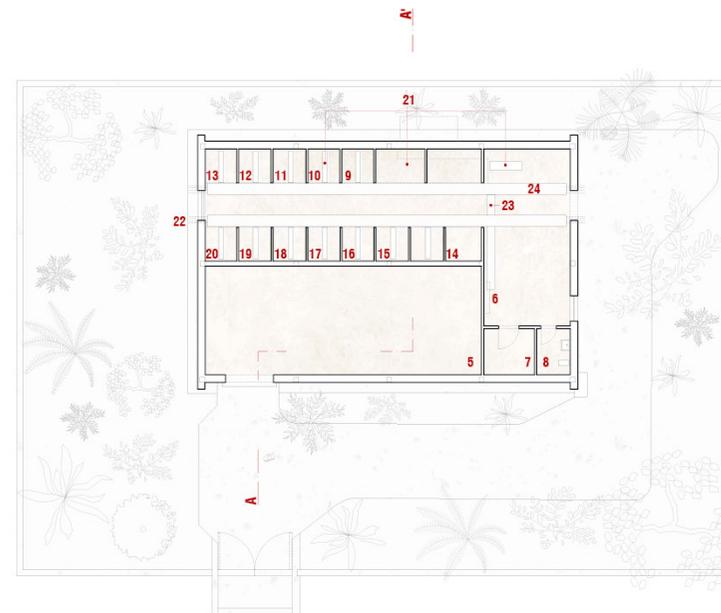


V A R I A N T E À E S T R A D A N A C I O N A L N . ° 1 2 2

**PLANTA DE COBERTURA**

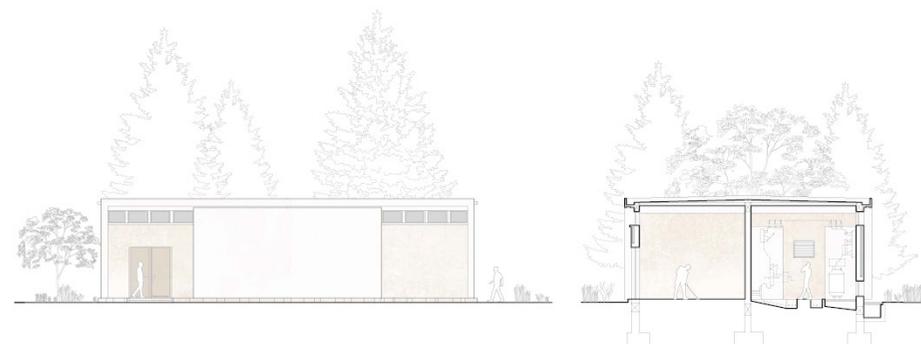
ESCALA 1:250  
 Fig. 77

- |                                  |                      |  |
|----------------------------------|----------------------|--|
| 1 - Macadame betuminoso          | 9 - Canal Beja 1     | 17 - Canal Chegada 3                         |
| 2 - Soleira                      | 10 - Canal Beja 2    | 18 - Canal Alvernoa (localidade do concelho) |
| 3 - Calçada de cubos             | 11 - Canal Beja 3    | 19 - Captação                                |
| 4 - Soleira de pedra arredondada | 12 - Canal Beja 4    | 20 - Canal Salvada (localidade do concelho)  |
| 5 - Armazém                      | 13 - Canal Beja 5    | 21 - Bacias e canais                         |
| 6 - Comando                      | 14 - Reserva         | 22 - Manilhas (4 com $\varnothing$ 0.12m)    |
| 7 - Bateria                      | 15 - Canal Chegada 1 | 23 - Caleira 0.30m x 0.30m                   |
| 8 - Instalação Sanitária         | 16 - Canal Chegada 2 | 24 - Caleira 0.60m x 0.60m                   |



**PLANTA DO PISO 0**

ESCALA 1:250



**ALÇADO PRINCIPAL**

ESCALA 1:250

**CORTE AA'**

ESCALA 1:250



Fig. 78 - Parque - actual mata do bairro -, onde está incluído o posto de seccionamento da C.E.A.L., 2019

Fig. 79 - Posto de seccionamento da C.E.A.L., 2019

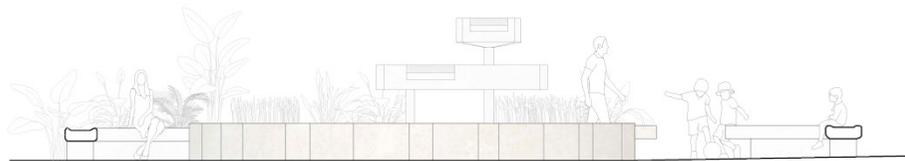
**MOBILIÁRIO URBANO:  
FONTE**

**Autor desconhecido - CONSTRUÍDO**

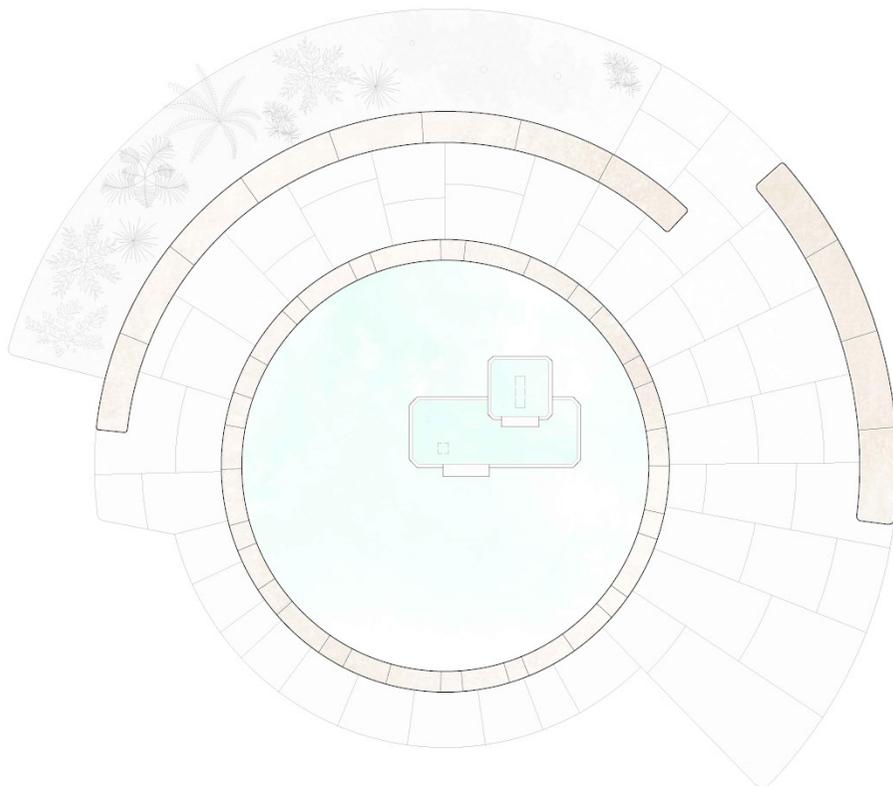
A fonte é o único elemento existente do mobiliário urbano proposto para o bairro e está incluída na praça do centro cívico e comercial, junto ao desnível do muro de contenção da Torre para Solteiros.



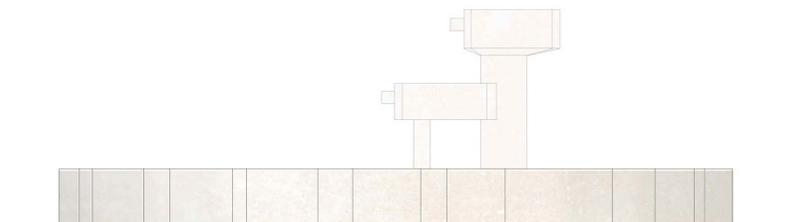
Fig. 80 - Praça do centro cívico e comercial, onde se encontra a fonte, 2019



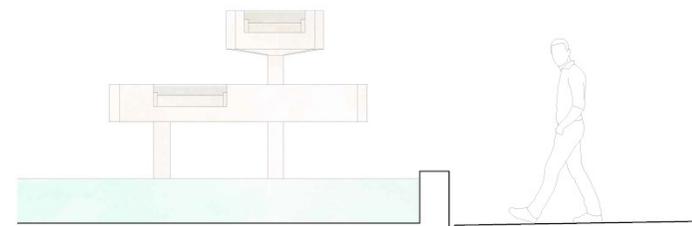
**CORTE E ALÇADO DA FONTE**  
ESCALA 1:75



**PLANTA DA FONTE**  
ESCALA 1:75



**ALÇADO DA FONTE - PORMENOR**  
ESCALA 1:50



**CORTE DA FONTE - PORMENOR**  
ESCALA 1:50



Fig. 82 - Praça - transição da entrada da Torre para o centro comercial, 2019.

**MOBILIÁRIO URBANO:  
BANCO**

**Autor desconhecido - DESTRUÍDO**

Elemento do mobiliário urbano proposto para o bairro, actualmente inexistente, e incluído na praça do centro cívico e comercial, junto à passagem coberta do centro comercial que liga dois volumes – o do banco e o do restaurante.

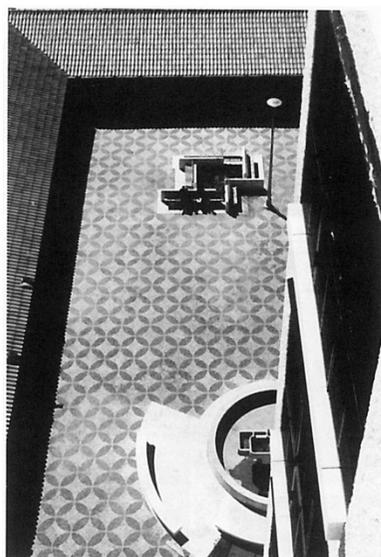
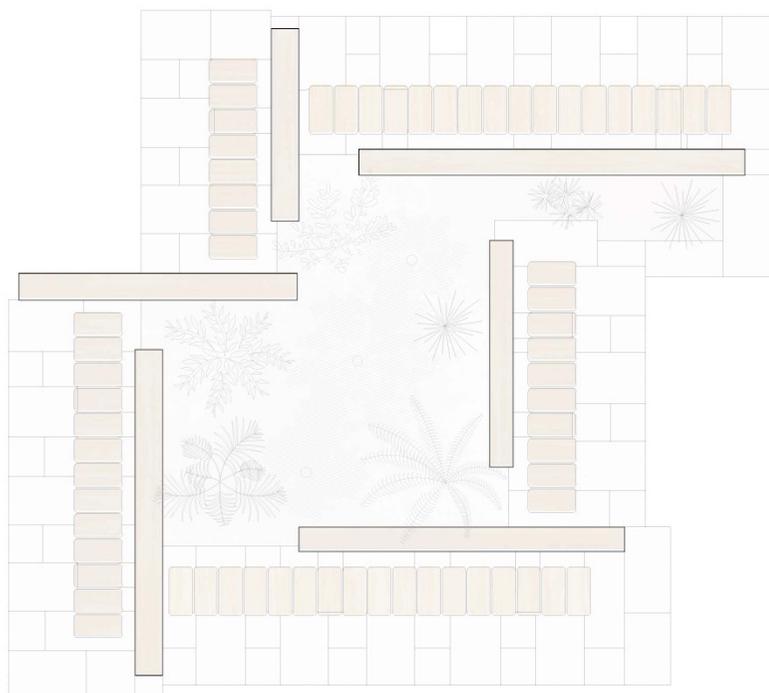


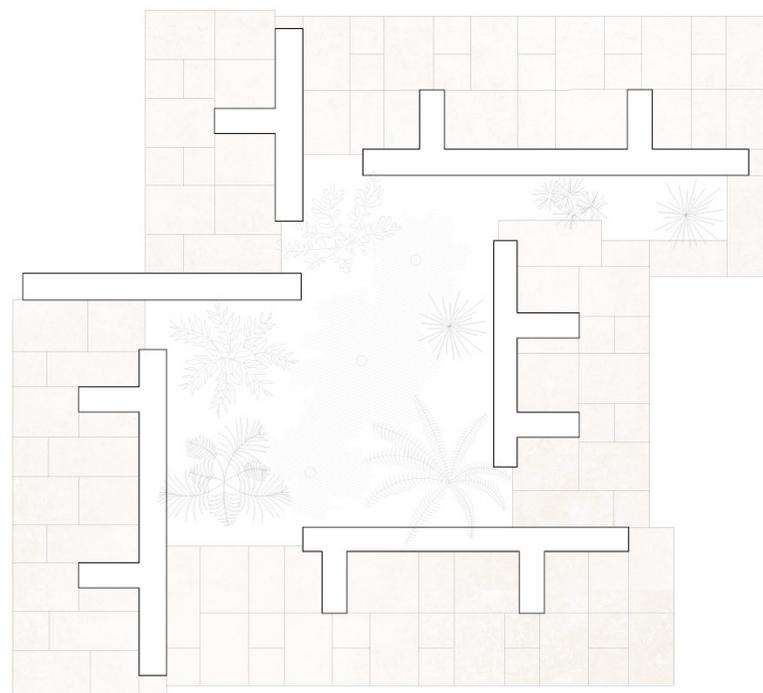
Fig. 83 - Fotografia de Alfredo Campos Matos, década de 1960



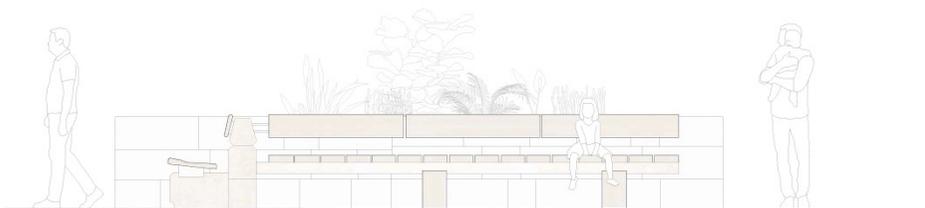
Fig. 84 - Fotografias de Alfredo Campos Matos, década de 1960



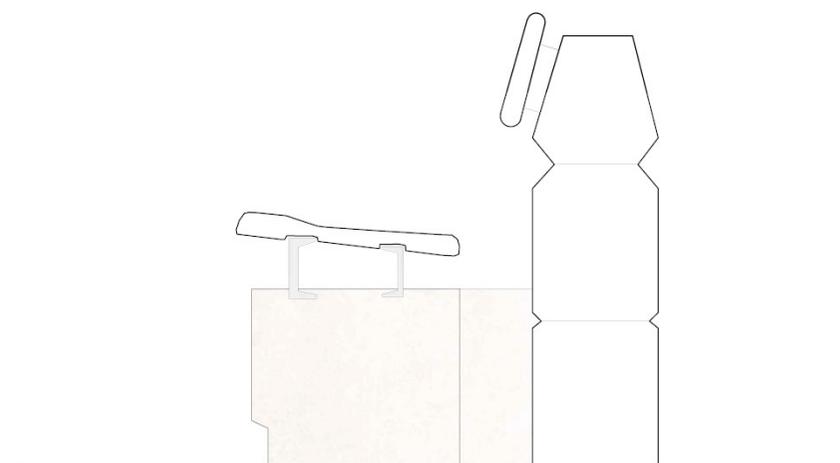
PLANTA DO BANCO - COTA SUPERIOR  
ESCALA 1:50



PLANTA DO BANCO - COTA INFERIOR  
ESCALA 1:50



ALÇADO  
ESCALA 1:50



CORTE - PORMENOR DO BANCO  
ESCALA 1:10

## ESCOLA ALEMÃ - KINDERGARTEN

### Arquitecto José Rafael Botelho - NÃO CONSTRUÍDO

A Escola Alemã de Beja foi pensada para ser um complexo escolar que abrangeia vários níveis de ensino, designadamente um jardim infantil, uma escola primária e um liceu. O seu conjunto integraria serviços de administração, um ginásio, um salão nobre e um conjunto de salas de ensino especial, concedendo ainda dez salas de aula ao jardim infantil, 26 salas de aula à escola primária e 28 salas de aula ao liceu. De forma a adaptar-se à diversidade de ensinamentos, o edifício mostrar-se-ia flexível, tendo sido escolhido um terreno plano e rectangular, com uma ligeira pendente de nascente para poente. Na primeira fase de construção, o complexo contaria com cinco salas de aula dedicadas ao jardim infantil, treze salas dedicadas à escola primária – das vinte e seis no seu conjunto – e quatorze salas de aula destinadas para servir o liceu.

De acordo com o plano geral, a Escola Alemã situa-se a Norte do bairro, entre a zona habitacional e as zonas de recreio e desporto. Particularmente, o jardim infantil localiza-se na extrema direita mais próxima dos conjuntos habitacionais (a Sul) e, na posição oposta (a Norte), pode encontrar-se o ginásio e os campos de jogos, ambos junto do centro desportivo e recreativo. A administração, por sua vez, ocupa o centro geométrico do conjunto, o que possibilitaria uma centralização e a redução dos percursos ao corpo docente de cada grupo escolar. Já entre o jardim infantil (a Sul) e o liceu (a Norte) desenvolvem-se os corpos de aulas da escola primária, organizados em dois grupos: o primeiro, localizado a nascente, que se destinaria aos quatro primeiros anos; e o segundo, situado a poente, que se destinaria aos cinco anos mais adiantados. A nascente do salão de festas, encontram-se as salas de ensino especial, cuja localização pretendia garantir a flexibilidade suficiente a uma possível necessidade de expansão futura, embora esta se considerasse, na altura do projecto, dificultada pelas grandes dimensões das unidades escolares. Num cômputo geral, o complexo teria três entradas: a poente, de forma a servir o liceu e a escola primária (relativo aos últimos anos de ensino), sendo que esta seria a entrada principal; a sul, para o jardim infantil; e a nascente para a escola primária (correspondente aos primeiros anos de ensino).

Quanto à iluminação e ventilação, o desenho das salas de aula foi pensado de forma a que todas possuíssem iluminação natural bilateral e ventilação transversal natural, ou seja, vindas directamente do exterior, abrindo [as salas] directamente para uma zona coberta ao ar livre. Além disso, o conjunto de volumes foi idealizado de forma a criar pátios e espaços exteriores que pudessem beneficiar de sombra a várias horas do dia. Já no que respeita à redução dos custos de construção, os percursos horizontais ficaram pensados em forma de corredor e limitados ao piso térreo, sendo que, por isso, o acesso aos outros pisos tivesse de ser garantido através de circulações verticais. Foi também que, por forma a garantir a segurança, o jardim infantil e os primeiros anos da escola primária ficaram inseridos em edifícios de um só piso, tendo sido reservada a utilização de edifícios em andares aos últimos anos da escola primária e ao liceu. Por seu lado, a concepção dos espaços pedagógicos – designadamente, o jardim infantil, a escola primária e o liceu – teve por base as características dos grupos de idade e de ensino correspondentes. No que diz respeito ao jardim infantil, cada unidade compreendia instalações sanitárias, vestiário e arrumação (ao serviço da sala de aula e do/a docente), em condições de serem permanente e facilmente vigiadas. Relativamente à escola primária, o grupo correspondente aos primeiros quatro anos compreendia salas de aula em núcleos de quatro unidades, dispondo de vestiários nos corredores e instalações sanitárias adjacentes, para rapazes e raparigas, separadamente. Além disso, existiria também um espaço de apoio para cada duas salas de aula, que contaria com equipamentos como lavatório, bancada de atividades livres e armários de arrumação.

Por fim, o grupo correspondente aos últimos anos da escola primária, juntamente com o liceu, seria composto por salas de aula agrupadas em núcleos maiores com vestiários dispostos junto dos acessos e instalações sanitárias junto dos recreios. Designadamente, os espaços de recreio foram pensados para funcionarem enquanto um espaço polivalente, de forma a que pudesse haver actividades lúdicas (como, por exemplo, as de grupo; exercícios de ginástica; jogos; canto; etc.). Aqui, os vários grupos de idades poderiam usufruir de espaços de recreio cobertos e ao livre. O átrio e a entrada principal do liceu seriam, não só, pontos de convergência dos alunos, como

também um espaço de ligação entre as salas de aula de ensino normal e especial, salão nobre e ginásio. As salas para actividades ruidosas – nomeadamente, as de canto coral e o salão de festas – estariam localizadas na periferia, de maneira a não afectar o funcionamento das aulas.

O projecto da Escola Alemã com três níveis de ensino, de José Rafael Botelho, acabou por não ser construído. Foram elaboradas duas versões por este arquitecto, subsistindo os desenhos, memórias descritivas e fotografias das maquetas. Esta memória descritiva diz respeito à segunda versão da Escola Alemã – *Kindergarten*.

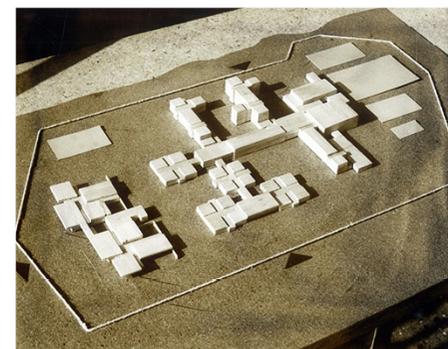


Fig. 86 - Fotografia da maqueta da  
Escola Alemã - Versão 1

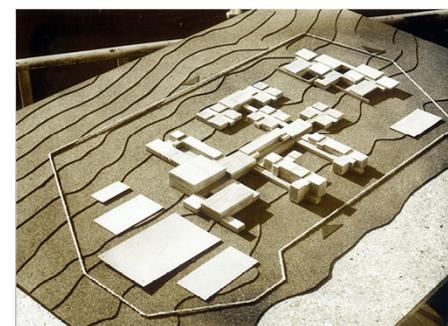
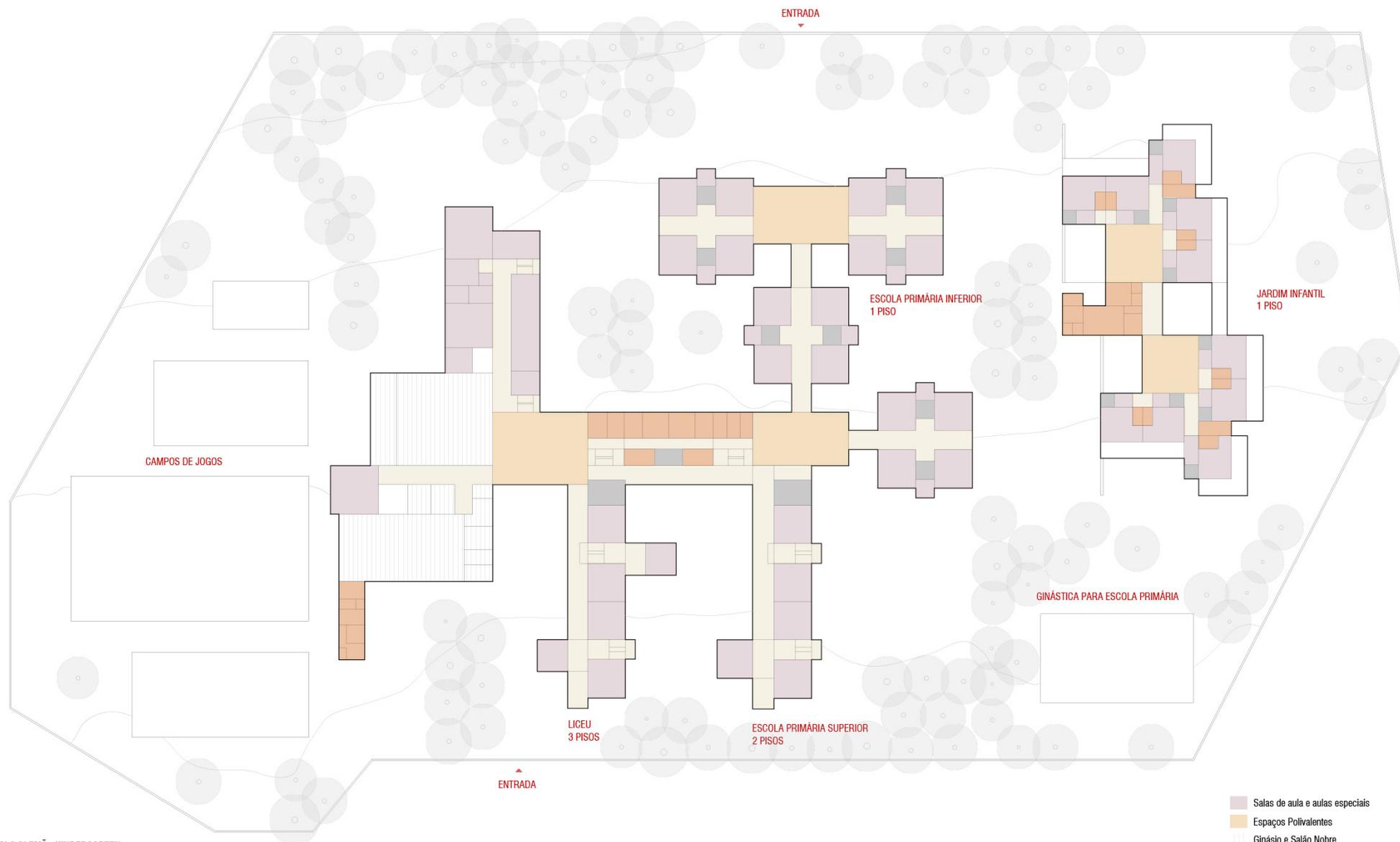


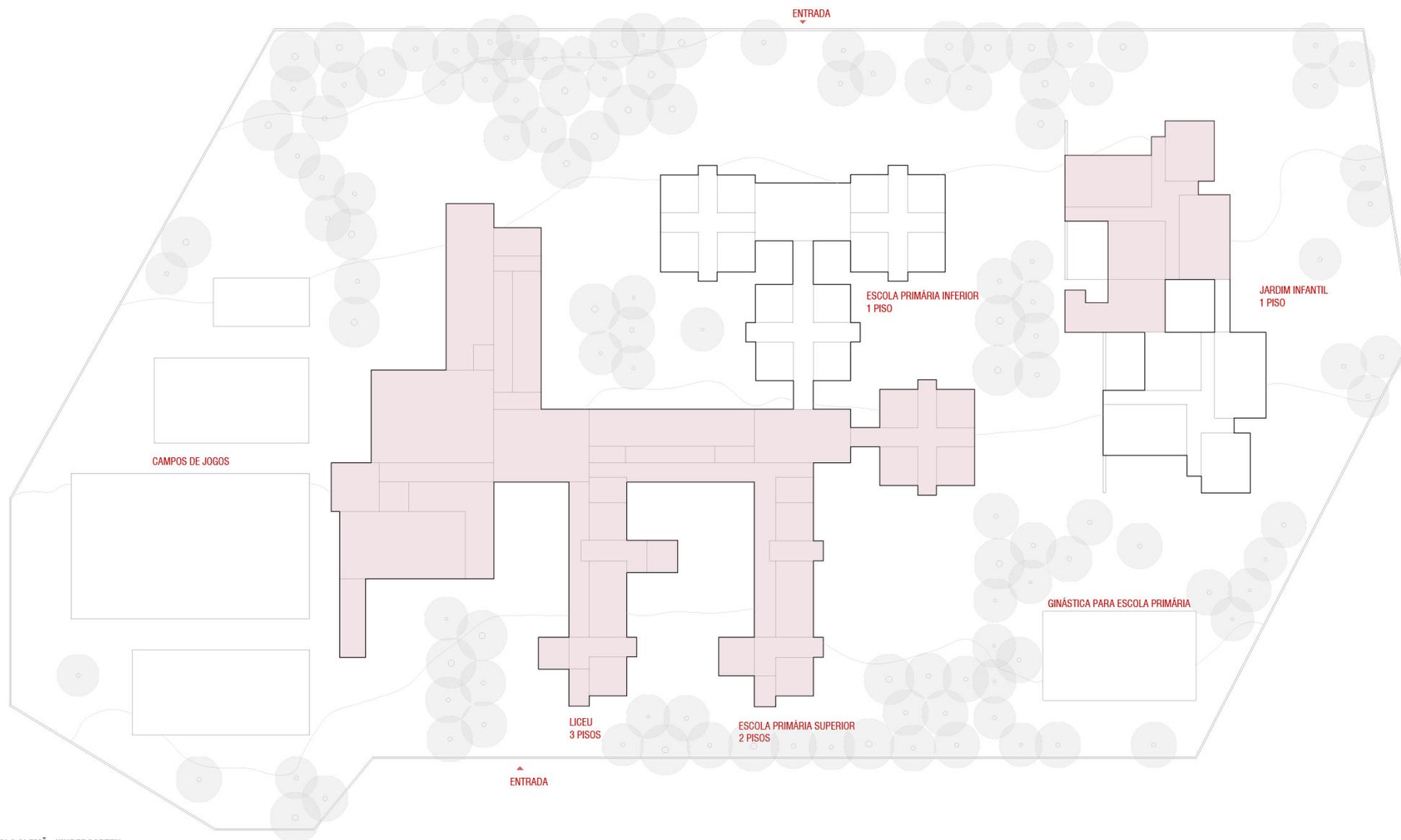
Fig. 87 - Fotografia da maqueta da  
Escola Alemã - Versão 1



ESCOLA ALEMÃ . KINDERGARTEN  
PLANTA PROGRAMÁTICA - VERSÃO 1

ESCALA 1:750 Fig. 88

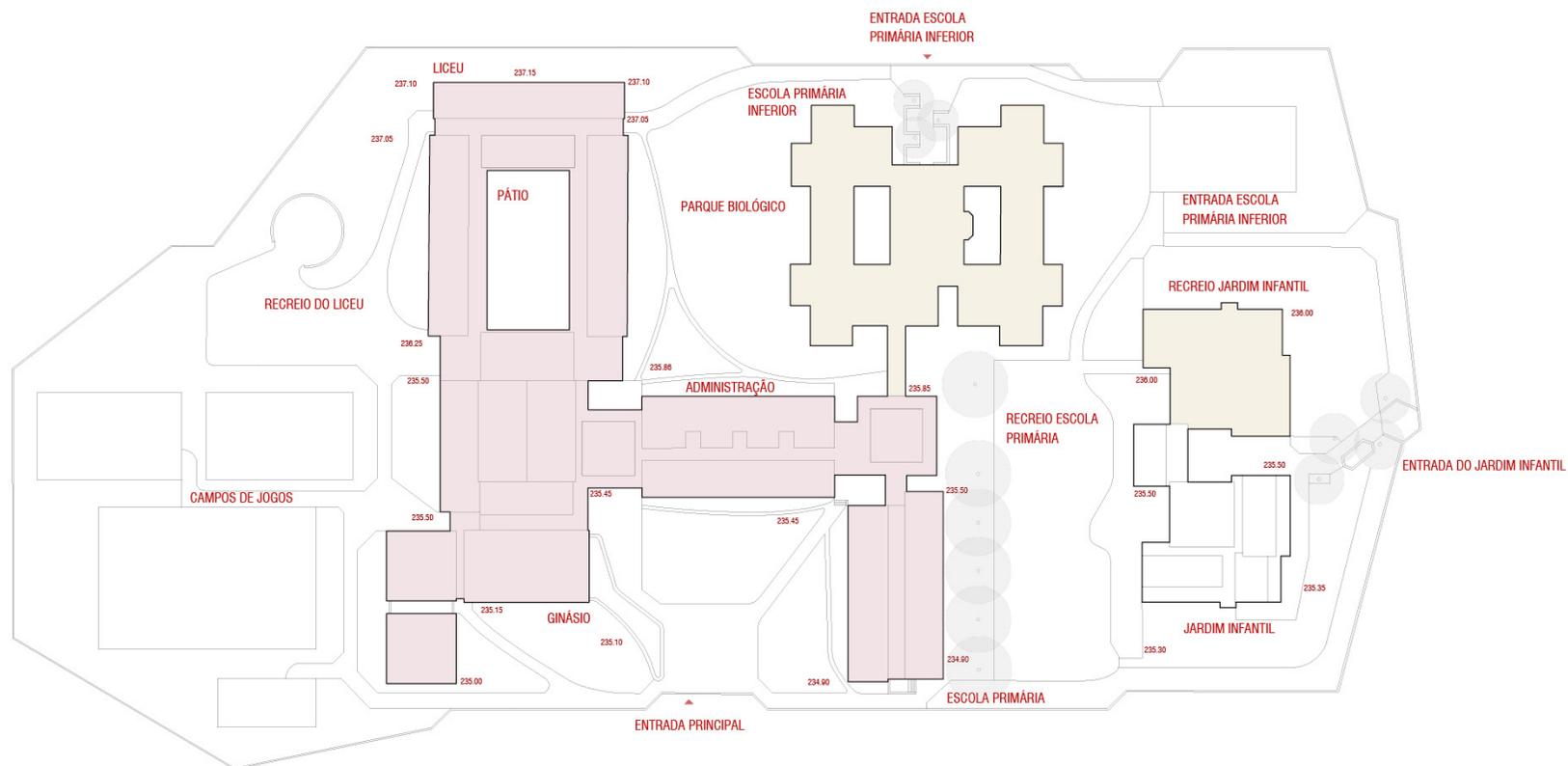
- Salas de aula e aulas especiais
- Espaços Polivalentes
- Ginásio e Salão Nobre
- Circulação, Vestiários e Expositores
- Administração e Serviços
- Instalações Sanitárias



ESCOLA ALEMÃ . KINDERGARTEN  
PLANTA PROGRAMÁTICA - VERSÃO 1



Fig. 89



ESCOLA ALEMÃ . KINDERGARTEN  
PLANTA PROGRAMÁTICA E DE FASES DE CONSTRUÇÃO - VERSÃO 2

ESCALA 1:750 Fig. 90

CONSTRUÇÕES  
1ª. FASE  
2ª. FASE

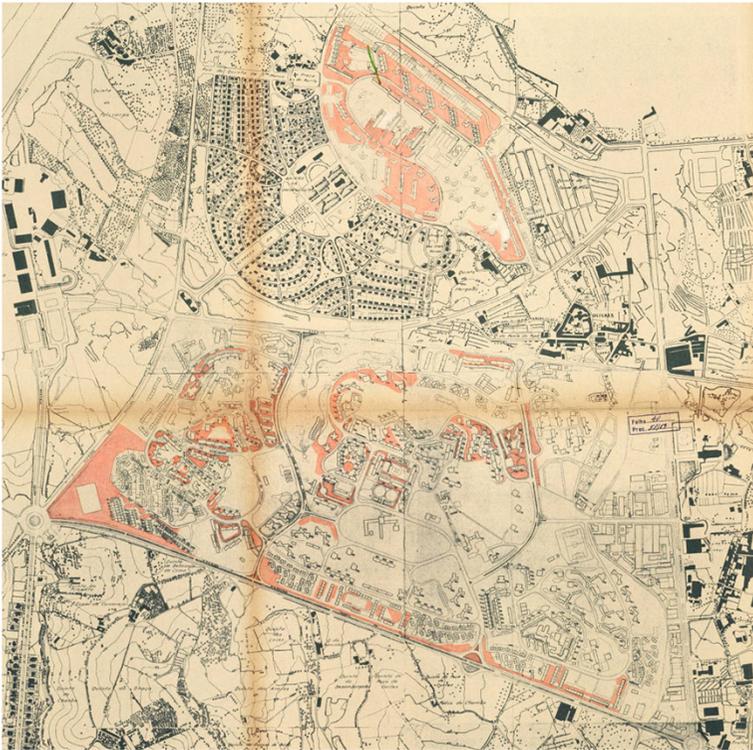


Fig. 91 - Planos de Olivais Norte e Olivais Sul  
Arquivo Municipal de Lisboa

## 4. CASOS DE ESTUDO

4.1. OLIVAIS NORTE, LISBOA

4.2. OLIVAIS SUL, LISBOA

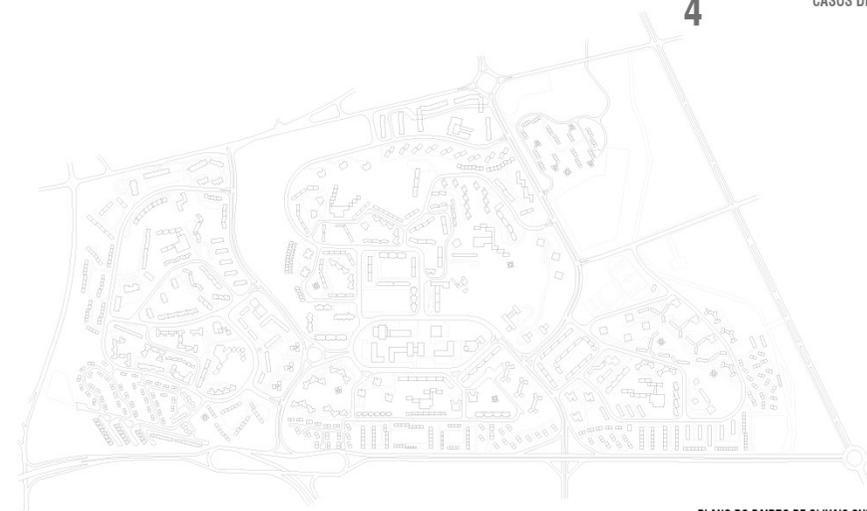
4.3. BAIRRO DE NOVA OEIRAS, OEIRAS

4.4. HANSAVIERTEL, BERLIM

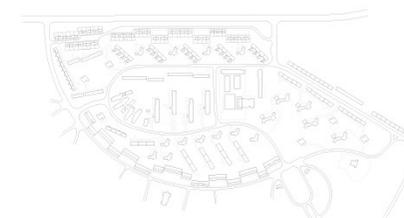
## INTRODUÇÃO

O plano do Bairro Residencial da Base Aérea n.º 11 surge numa altura e num contexto em que as soluções contemporâneas e o pensar a cidade através de zonas é muito frequente. Sobressaem alguns exemplos nacionais e internacionais nos quais se reconhecem algumas referências e semelhanças com o objecto de estudo desta investigação.

A escolha para os seguintes casos de estudo advém das conversas e conferências do laboratório que aconteceu em Beja (em Junho de 2018) e das discussões com os orientadores ao longo deste estudo. São eles os casos dos bairros de Olivais Norte e de Olivais Sul, em Lisboa; o Bairro Residencial de Nova Oeiras, em Oeiras e o bairro de Hansaviertel, em Berlim, visto que existem diversos aspectos que ambos partilham, como por exemplo, as tipologias – torre, banda, moradia -, a qualidade do espaço público ou os caminhos pedonais privilegiados em relação à circulação de veículos motorizados dentro do perímetro dos bairros.



PLANO DO BAIRRO DE OLIVAIS SUL, LISBOA  
ESCALA 1:4250



PLANO DO BAIRRO DE OLIVAIS NORTE, LISBOA  
ESCALA 1:4250



BAIRRO DE NOVA OEIRAS, OEIRAS  
ESCALA 1:4250



PLANO DO BAIRRO DE HANSAVIERTEL, BERLIM  
ESCALA 1:4250

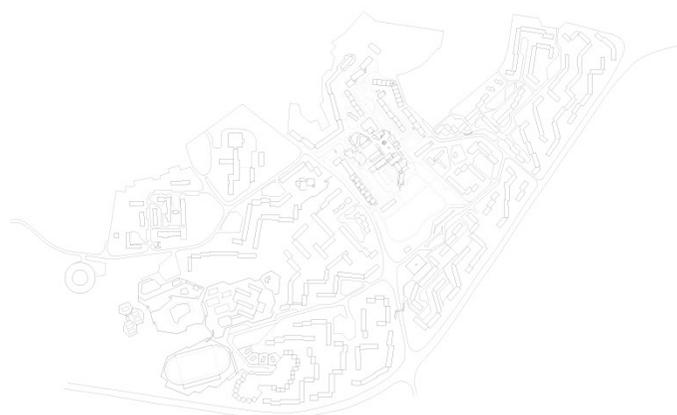


Fig. 92  
PLANO DO BAIRRO DOS ALEMÃES, BEJA  
ESCALA 1:4250

## OLIVAIS NORTE

### OLIVAIS NORTE, LISBOA – 1955-1960

**AUTORES:** Arquitectos Pedro Falcão e Cunha e José Sommer (plano geral)

Arquitectos Pires Martins, Palma Melo, Nuno Teotónio Pereira,  
António Pinto Freitas (arquitectura)

Arquitecto paisagista Álvaro Ponce Dentinho (espaços exteriores)

O Bairro de Olivais Norte corresponde à célula A da unidade de Olivais (as restantes células são relativas ao Bairro de Olivais Sul), abrangendo a área compreendida entre o Bairro da Encarnação, a primeira circular e os arruamentos já existentes na década de cinquenta, terminando na Praça de Moscavide. O primeiro plano data de 1955, embora a construção dos arruamentos tenha sido efectuada em 1957 e a construção dos edifícios pertencentes ao plano em 1960, ano que se refere, também, à ocupação dos mesmos. Antes da construção do bairro de Olivais, no fim da década de 1950, o local era maioritariamente rural. No entanto, os condicionamentos orográficos e as preexistências foram consideradas na elaboração dos planos de urbanização, além do equilíbrio social da célula – condição necessária.

A implantação possibilitou a vida perto do local de trabalho à população que trabalhava na zona industrial da cidade de Lisboa e, a sua estrutura, em termos de desenho, foi produzida de modo a garantir o espaço livre para um grande passeio e jardim colectivo arborizado, exclusivamente percorrível por peões - por arruamentos pedonais que dão acesso ao conjunto de edifícios de interesse geral. As vias de comunicação foram pensadas para, no caso das rodovias principais, fazerem a ligação às grandes artérias da cidade, circunscrevendo o bairro. As restantes vias foram incluídas dentro do limite das principais, sendo as vias de serviço de fácil acesso ao estacionamento para moradores e às zonas de comércio e, no caso das vias para peões, houve a preocupação de reduzir as distâncias a percorrer a pé e de fazer uma ligação a todos os grupos escolares e centros comerciais, estando estes núcleos próximos das habitações.



Fig. 93 - Olivais Norte. Projeto-tipo IIIA. Arquitectos Pires Martins (1914-2000) e Palma de Melo (1922-) © Estúdio Mário Novais

Fig. 94 - Edifício nº 55-55A, da autoria dos Arquitectos Nuno Teotónio Pereira e António Pinto Freitas.



Os blocos habitacionais, ou seja, as habitações de carácter colectivo, foram localizados nas zonas centrais – os blocos mais altos junto ao centro, decrescendo gradualmente as suas alturas para a periferia, de maneira a acompanhar a topografia local. Estes blocos foram pensados com oito pisos, assentes em pilotis e com galerias de distribuição – onde se poderiam instalar, futuramente, escritórios comerciais e industriais ou servir as profissões liberais. Em relação às moradias, a divisão do terreno foi feita em lotes privados, de modo a que cada uma tivesse o seu espaço exterior, dimensionado de acordo com a classe de habitação. Os equipamentos urbanos indispensáveis ao bairro, para um total de, aproximadamente, 8500 habitantes, foram os seguintes: escolar pré-primário e primário; religioso; abastecimento (mercado); desportivo; espaço verde / livre para áreas de jogos e um centro cívico, recreativo e comercial, sendo este o núcleo abrangente dos serviços oficiais necessários à vida no bairro, de uma sala de espetáculos, cafetarias e restaurantes, entre outros estabelecimentos comerciais.

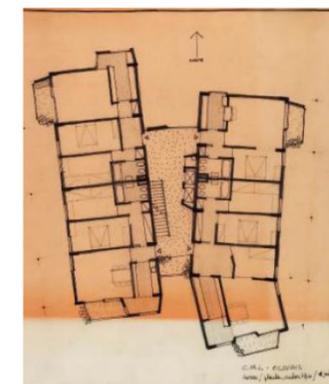
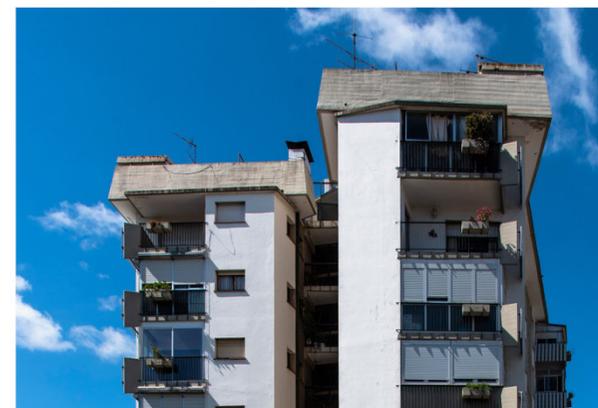
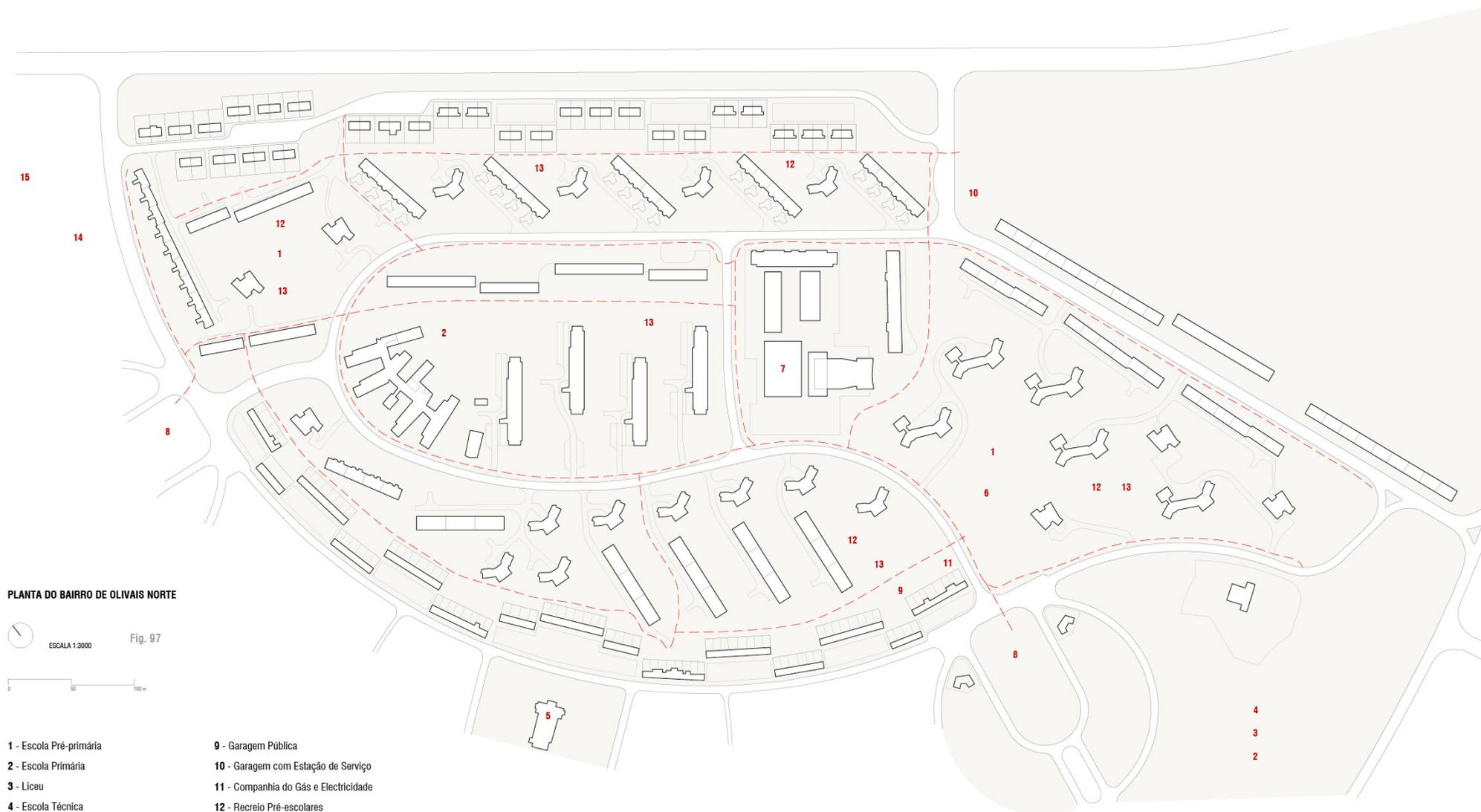
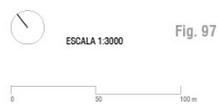


Fig. 95 - Torre nos Olivais Norte,  
Hugo David

Fig. 96 - Torres nos Olivais Norte, de Nuno  
Portas, Nuno Teotónio Pereira e António  
Pinto de Freitas



PLANTA DO BAIRRO DE OLIVAIS NORTE



- |                                    |                                       |
|------------------------------------|---------------------------------------|
| 1 - Escola Pré-primária            | 9 - Garagem Pública                   |
| 2 - Escola Primária                | 10 - Garagem com Estação de Serviço   |
| 3 - Liceu                          | 11 - Companhia do Gás e Electricidade |
| 4 - Escola Técnica                 | 12 - Recreio Pré-escolares            |
| 5 - Igreja Paroquial               | 13 - Recreio Escolares                |
| 6 - Creche / Infantário / Lactário | 14 - Recreio Adolescentes             |
| 7 - Centro Cívico                  | 15 - Recreio Adultos                  |
| 8 - Mercado                        |                                       |

## OLIVAIS SUL

### OLIVAIS SUL, LISBOA – 1961 (plano)

**AUTORES:** José Rafael Botelho, Carlos Duarte (urbanistas)

António Freitas, Celestino da Costa, Mário Bruxelas  
(integraram a equipa mais tarde)

O bairro de Olivais Sul alberga as células B, C, D, E, F e G da unidade de Olivais, estrutura que remete para os princípios da Carta de Atenas, sendo mais evidente a sua organização celular do que no bairro de Olivais Norte. Os principais limites são grandes artérias que se ligam à cidade: Avenida entre aeroportos, que constitui a linha de talvegue (a Norte); Segunda Circular, que corresponde à linha de festo (a Sul); Avenida Infante D. Henrique (a Nascente) e Estrada de Sacavém (a Poente). Anteriormente, o local constituía uma zona rural com características de exploração agrícola, tal como se praticava nos arrabaldes de Lisboa. Ocupado maioritariamente por hortas e campos cerealíferos, a quinta era o tipo de propriedade predominante.

Os primeiros estudos para os Olivais foram feitos entre 1955 e 1962 e o plano de urbanização, de 1961, teve como responsáveis os arquitectos e urbanistas José Rafael Botelho e Carlos Duarte. Depois de estabelecido o plano geral, um grande número de arquitectos interpretou a sua parcela com uma certa liberdade, tal como o caso do bairro de Hansaviertel, em Berlim. O local caracteriza-se pela sua estrutura geológica e pelo polimorfismo acentuado, com diferenças consideráveis de cotas altimétricas. No centro sobressai um planalto - faixa de calcários. Porém, o desenho de implantação respeitou as características da orografia local, com edifícios dispostos ao longo do terreno sem a alteração dos seus aspectos essenciais.

Dado a sua dimensão, com um total de seis células distintas, existe uma distribuição organizada de equipamentos, habitação e espaço verde. As células B e C albergam, além de habitação (na sua maioria), áreas verdes consideráveis, que funcionam também como zonas verdes de protecção; zona de recreio; equipamento escolar, desportivo e equipamento cívico-comercial de interesse local. As células D e E funcionam da mesma maneira que as anteriores, embora não incluam espaços de estar (áreas verdes) com grandes dimensões.

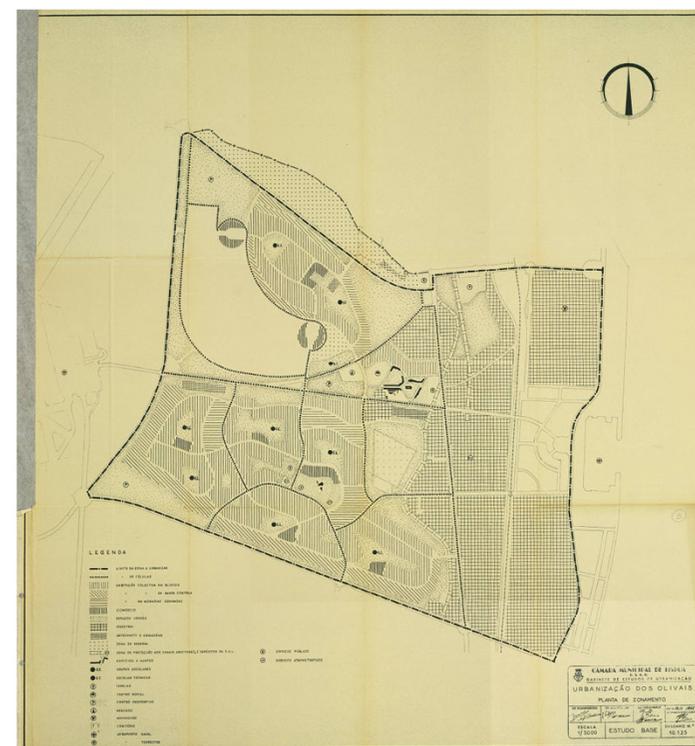


Fig. 98 - Urbanização dos Olivais. Planta de Zoneamento, 1955.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

A célula F contém um pequeno núcleo habitacional destinado a realojamento e o cemitério dos Olivais (na sua maior extensão) juntamente com uma área de reserva que faz fronteira com a zona industrial, com o objectivo de faixa verde de protecção. Por último, a célula G compreende o centro cívico-comercial principal.

Por um lado, e à semelhança do bairro de Olivais Norte, os atravessamentos, impasses e parques de estacionamento de veículos foram pensados de forma a privilegiar o peão, estando os arruamentos de grande dimensão a circunscrever o bairro e os arruamentos de circulação principal dentro do perímetro, coincidentes com a divisão de células, proporcionando desta maneira a não confluência com os percursos rotineiros dos habitantes de Olivais Sul.

De outro ponto de vista, as células foram pensadas tal como o bairro alemão, em Beja – por zonas-, e apresentam as seguintes características:

**Células B e C:** Habitação; áreas verdes consideráveis (zonas verdes de protecção); recreio; desporto; equipamento escolar e equipamento cívico-comercial de interesse local;

**Células D e E:** Habitação; zona verde de protecção; recreio; desporto; equipamento escolar e equipamento cívico-comercial de interesse local;

**Célula F:** pequeno núcleo habitacional destinado a realojamento; cemitério dos Olivais (maior extensão); área de reserva que faz fronteira com a zona industrial com o objectivo de faixa verde de protecção;

**Célula G:** centro cívico-comercial principal.

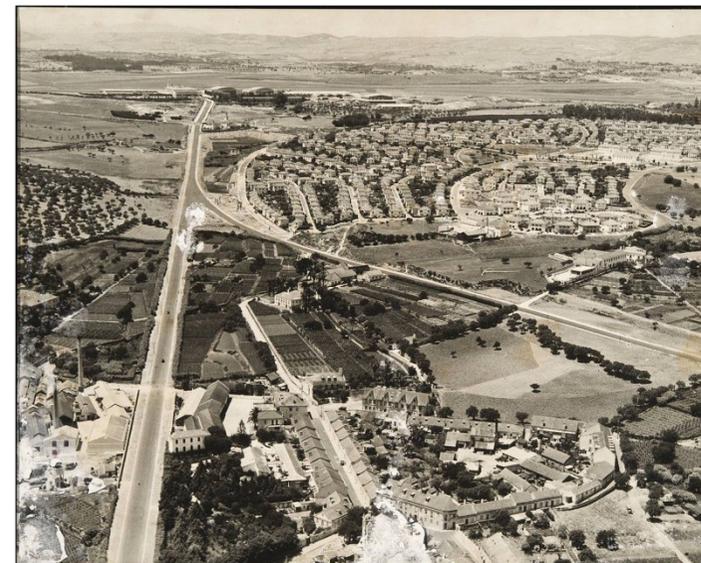
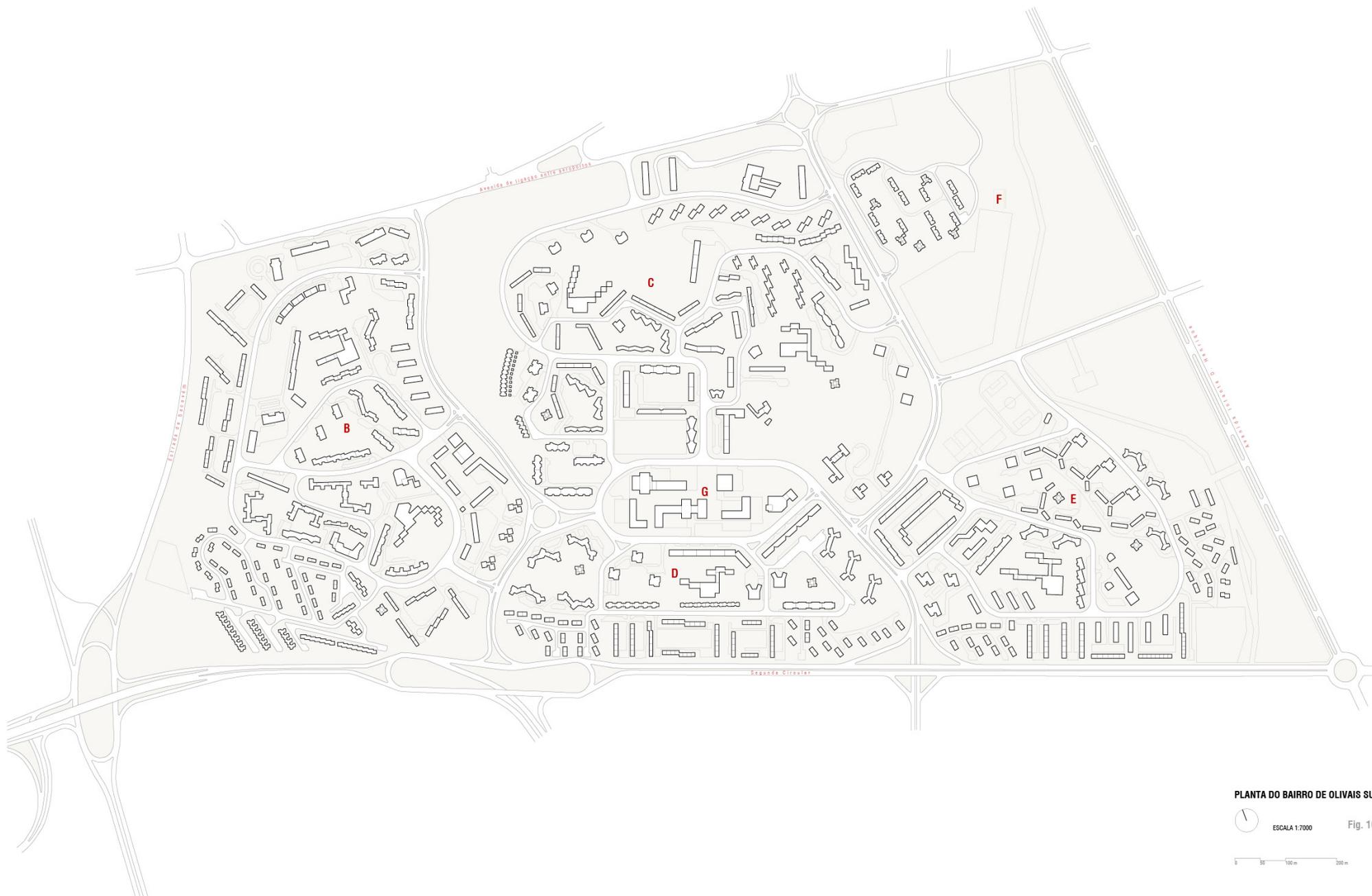


Fig. 99 - Vista aérea dos Olivais ao aeroporto, Lisboa, década de 1950.

Fig. 100 - Blocos habitacionais da célula C - Olivais Sul, 1963, de Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas. Fotografia de Pedro Sadio





## BAIRRO DE NOVA OEIRAS

NOVA OEIRAS, OEIRAS - 1953 (anteplano); 1962-1965 (plano definitivo)

**AUTORES:** Luis Cristino da Silva (coordenação geral)

Pedro Falcão e Cunha (arquitectura)

Gonçalo Ribeiro Telles e Edgar Sampaio Fontes  
(arquitectura paisagista)

O Bairro Residencial de Nova Oeiras (BRNO) é um conjunto arquitectónico, urbanístico e paisagístico de excelência, destacando-se como um dos aglomerados mais emblemáticos do urbanismo do século XX no quadro do modernismo europeu. Essa excepcionalidade valeu-lhe um lugar na lista das obras marcantes do Património Moderno da Península Ibérica, elaborada pelo DOCOMOMO Ibérico, em 2017. Além disso, este bairro já tinha sido proposto para a lista dos sítios candidatos a Património da Humanidade pela UNESCO, em 2015.

Desenvolvido entre as décadas de 1950 e 1960 (maioritariamente), o Plano de Urbanização da Unidade Residencial de Nova Oeiras esteve sob orientação do Arquitecto Luis Cristino da Silva, tendo contado também com a colaboração de Pedro Falcão e Cunha e de Palma de Melo (este último no projecto da Estalagem). O enquadramento paisagístico foi elaborado por Gonçalo Ribeiro Teles e Edgar Sampaio Fontes e os painéis de azulejos na antiga Estalagem são, por sua vez, de Rogério Ribeiro. O Bairro de Nova Oeiras recebeu influências do modernismo e das suas tendências renovadoras. Fala-se aqui, por um lado, das concepções de Le Corbusier, definidas na Carta de Atenas, que propunham espaços humanizados, na década de 1930, *no seu núcleo (com três blocos lineares e seis torres que envolvem uma praça central)*; da *teoria da cidade-jardim de Ebenezer Howard, de 1898, refletida num arco envolvente de vivendas e jardins (moradias e jardins próprios / privados)*<sup>32</sup>, e, por outro, do conceito da área central da "Unidade de Vizinhança" na elaboração do plano do BRNO. Designadamente, "Unidade de Vizinhança" de Clarence Perry (1872-1944), é um modelo urbano que se assemelha ao bairro e é o resultado da união de várias unidades residenciais, pelo que propicia e fomenta a convivência e os contactos sociais entre vizinhos. Esta configuração urbana tem também em conta a distribuição dos

32. Fernandes, José Manuel; et al., "O Livro da Nova Oeiras." Município de Oeiras (2015).



Fig. 102 - Fotografia Aérea do Bairro Residencial de Nova Oeiras, 2009. José Manuel Fernandes Fonte: Arq/a n.º 71 e 72

equipamentos urbanos e as suas relações com os habitantes, tendo sido idealizado como resposta ao crescimento dos grupos secundários (características das grandes áreas urbanas). (Fernandes 2015)

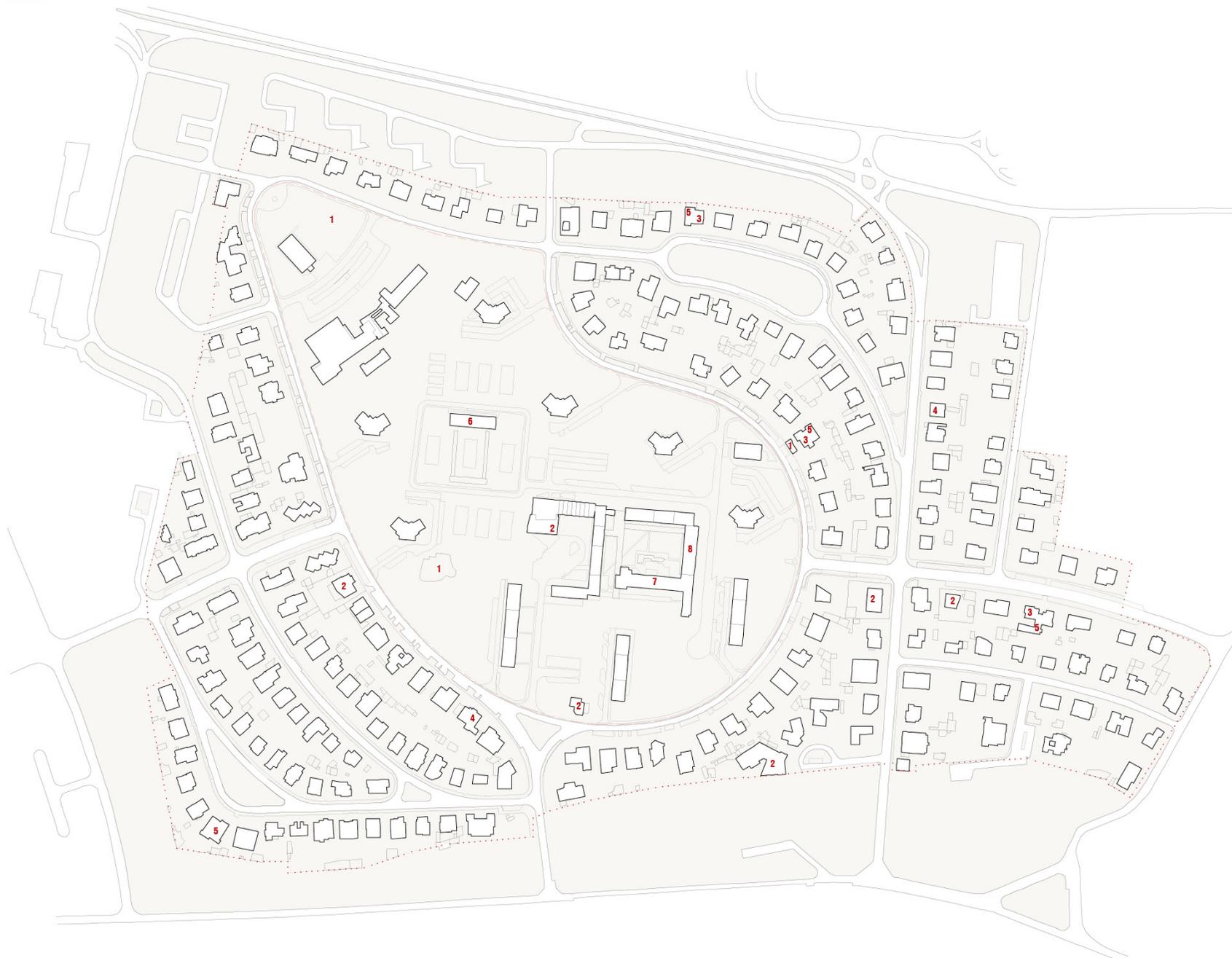
Relativamente à sua localização, Nova Oeiras desenvolve-se em torno da Alameda Conde de Oeiras, que constitui o eixo viário principal e que limita o perímetro da zona verde central, com uma área de 13 hectares. Dentro dos contornos da Alameda, a massa construtiva vai-se espalhando e sendo absorvida pela zona verde envolvente e os arruamentos interiores privilegiam o trânsito pedonal. Aquando da elaboração do plano, o estudo do espaço foi condicionado pelo plano já existente da Quinta dos Lombos, em Carcavelos. Havia já um acesso vindo da marginal e um traçado dos arruamentos construídos, junto à estação de caminhos-de-ferro de Oeiras. A urbanização, por seu lado, abrangia uma área de 420 mil metros quadrados. Actualmente, ela é composta pelos seguintes elementos: seis torres de dez pisos e planta triangular; três blocos de três andares, assentes em *pilotis*; um centro cívico e comercial, com lojas no piso térreo e habitação nos superiores e cerca de 250 moradias unifamiliares com logradouro, fora do miolo definido pela Alameda. Projectado em 1956, o plano de arranjo paisagístico foi o responsável por plantar 790 árvores, entre as quais se destacam carvalhos, oliveiras, ulmeiros, choupos brancos, freixos, olaias, medronheiros, pinheiros mansos e alfarrobeiras. Nesse vasto arvoredor vivem, hoje, cerca de trinta espécies de aves.

Foi já em 1961 que a construção do núcleo-base ficou concluída, composta pelo centro comercial, pelos blocos e pelas torres. No ano seguinte, o plano inicial sofreu alterações, ficando aí prevista a construção de uma mega-torre de 20 pisos no local onde hoje se situa a igreja. Este projecto remetia para o da torre do Areiro – também da autoria do arquitecto Cristino da Silva –, pelas semelhanças que os dois partilhavam entre si. A torre acabou, porém, por não ser construída. Posteriormente a essa fase inicial, foram construídas novas infraestruturas como o CETO (Clube Escola de Ténis de Oeiras), a Igreja de Santo António, o Centro Paroquial e as Capelas Mortuárias, e também uma escola secundária, actualmente designada Centro de Juventude de Oeiras. Em 1982, a Estalagem Nova Oeiras (parte integrante do Centro Comercial), foi adquirida pela Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, que nela instalou o Centro Nuno Belmar da Costa.



Fig. 103 - Bairro Residencial de Nova Oeiras

Fonte: Câmara Municipal de Oeiras



PLANTA DO BAIRRO RESIDENCIAL DE  
NOVA OEIRAS



- 1 - Parques e Jardins
- 2 - Edifícios de Serviços e Administração  
Cinema (no plano)
- 3 - Escolas do Ensino Básico - 1.º Ciclo
- 4 - Lar da 3.ª idade
- 5 - Jardim de Infância
- 6 - Desporto
- 7 - Escola Especial
- 8 - Correios

## HANSAVIERTEL

### HANSAVIERTEL, BERLIM - 1957 - 1960

A partir do século XIX, Berlim passou por quatro períodos de desenvolvimento urbanístico, depois de um conjunto de iniciativas de construção em massa serem promovidas na capital alemã. *Kaiserzeit*, em alemão, foi o primeiro destes períodos, cuja expressão se fez sentir de duas formas: nas regiões centrais, construíram-se blocos de apartamentos (*Mietskasernen*), e, nos subúrbios, ergueram-se *villas*. O segundo período, que teve lugar na fase entre Guerras (referente ao termo alemão *Siedlungen*<sup>33</sup>), fez-se sentir maioritariamente pelo crescimento da arquitectura moderna. Já no pós-Guerra, dá-se o terceiro período de desenvolvimento urbanístico, sendo o seu marco principal a divisão da Berlim capitalista (pertencente à República Federal da Alemanha, ou RFA) e da socialista (pertencente à República Democrática Alemã, ou RDA). Finalmente, na quarta fase de desenvolvimento, pertencente ao período da reunificação da Alemanha, em 1990, procedeu-se à construção dos vazios urbanos. Designadamente, daqui destaca-se o terceiro período de desenvolvimento urbanístico, pelo facto de ter sido nele que teve lugar a primeira exposição internacional de arquitectura após a Segunda Guerra Mundial – a Interbau. Contemporânea à construção de Brasília, esta exposição ocorreu no ano de 1957, entre o Parque Tiergarten e o Rio Spree, com o objetivo de dar a conhecer ao mundo a cultura da Alemanha Ocidental (RFA). Nela, a arquitectura e o urbanismo modernos foram abordados em termos de habitação social.

Na Interbau, o projecto para Hansaviertel – o bairro oitocentista outrora destruído na Segunda Guerra Mundial - foi alvo de concurso. O objectivo seria reconstruir o bairro, entre 1957 e 1960, como uma área residencial moderna, a partir da negação da cidade tardo-oitocentista e da sua estrutura de parcelamento em pequenos lotes. Depois da premiação de projectos anteriores, concluiu-se que o cenário da arquitectura habitacional moderna não tinha sido realmente demonstrado, pelo que continuavam ausentes tipologias essenciais como torres, bandas e conjuntos de casas-pátio. E, de facto, o modelo do projecto para o Hansaviertel queria-se moderno, livre e

33. *Siedlung* (termo alemão) designa um certo tipo de conjunto habitacional que incorpora, além das unidades de habitação, os mais variados equipamentos públicos e colectivos – escolas, creches, comércio e espaços de lazer.



Fig. 105 - Obra de Oscar Niemeyer. Fotografia de Iñigo Pedrueza

Fonte: elgiroscopo.es

Fig. 106 - Interior de um apartamento do bloco de habitação desenhado por Alvar Aalto.

Fotografia de Iñigo Pedrueza

Fonte: elgiroscopo.es

democrático, tal como a Interbau queria e pensava a cidade. Deste modo, foi reivindicada uma diversificação tipológica que, por um lado, demonstrasse as diferentes possibilidades de habitar numa cidade moderna, e, por outro, possibilitasse a acomodação de uma maior variedade funcional, através da implantação de equipamentos urbanos, como comércio, escola, biblioteca, igrejas e jardim de infância.

Neste contexto, a proposta para Hansaviertel acabou por se diferenciar da cidade ideal da arquitectura moderna, passando a incorporar um conjunto de tipos arquitectónicos diversos no seu plano urbanístico, em vez de apoiar a hegemonia de uma única tipologia. Aqui, residências unifamiliares de um ou dois pisos, torres de dezassete andares (no máximo) e bandas de três a quatro ou de oito a dez pisos foram colocadas lado a lado com comércio, escola, teatro, museu, estação de metro, biblioteca e igrejas – ao contrário do que aconteceria num planeamento baseado na Carta de Atenas. Além disso, o bairro passou a oferecer amplos espaços verdes, avenidas largas e abertas, parques e também espaços comuns nos 36 blocos de edifícios lá existentes. Assim, o projecto de Hansaviertel não só acabou por explorar e adquirir um sentido de conjunto, como também pôde expressar a multiplicidade da cultura urbana e as diferentes possibilidades de se habitar uma cidade moderna, tornando a variedade, a heterogeneidade e a riqueza da vida na cidade as suas pedras basilares.

Participaram, na Interbau, mais de cinquenta arquitectos de treze países diferentes. Entre eles, Oscar Niemeyer, Alvar Aalto, Walter Gropius, Arne Jacobsen e Luciano Baldessari projectaram edifícios de habitação para o bairro de Hansaviertel, desde torres a moradias, passando pelas bandas (grande maioria dos projectos).



Fig. 107 - Bloco dos arquitectos Fritz Jaenecke e Sten Samuelson  
Fotografia de Iñigo Pedrueza  
Fonte: elgiroscopo.es



Fig. 108 - Bloco de habitação de Walter Gropius  
Fotografia de Iñigo Pedrueza  
Fonte: elgiroscopo.es

**LAGEPLAN DES SÜDLICHEN HANSVIERTEL**  
PLANTA DO BAIRRO DE HANSVIERTEL



Fig. 109



*Die Architekten und ihre Bauten*  
*Os Arquitectos e os seus Edifícios*

- 1 - Hans Christian Müller
- 2 - Günther Gottwald
- 3 - Wassili Luckhardt e Hubert Hoffmann
- 4 - Paul Schneider Esleben
- 5 - Bezirksamt Tiergarten, Amt Für Hochbau
- 6 - Willy Kreuer
- 7 - Ernst Zinsser u. Hansrudolf Piarre
- 8 - Luciano Baldessari
- 9 - Johannes Hendrik Van Den Broek u. Jacob Berend Bakema
- 10 - Gustav Hassenpflug
- 11 - Raymond Lopez u. Eugène Beaudouin
- 12 - Hans Schwippert
- 13 - Werner Düttmann
- 14 - Otto H. Senn
- 15 - Kay Fisker
- 16 - Max Taut
- 17 - Franz Schuster
- 18 - Egon Eiermann
- 19 - Oscar Niemeyer
- 20 - Fritz Jaenecke u. Sten Samuelson
- 21 - Werner Düttmann
- 22 - Alvar Aalto
- 23 - Pierre Vago
- 24 - Walter Gropius, Tac u. Wils Ebert
- 25 - Klaus Müller-Rehm u. Gerhard Siegmann
- 26 - Ludwig Lemmer
- 27 - Paul G. R. Baumgarten
- 28 - Eduard Ludwig
- 29 - Arne Jacobsen
- 30 - Gerhard Weber
- 31 - Alois Giefer e Hermann Mäckler
- 32 - Johannes Krahn
- 33 - Sergius Ruegenberg e Wolff Von Möllendorf
- 34 - Sep Ruf
- 35 - Günther Honow

- Wohnungen (22), 4 Geschosse - Habitação, edifício de 4 pisos
- Wohnungen (32), 4 Geschosse - Habitação, edifício de 4 pisos
- Wohnungen (28), 4 Geschosse - Habitação, edifício de 4 pisos
- Wohnungen (20), 4 Geschosse - Habitação, edifício de 4 pisos
- Kindertagesstätte - Creche
- Kath; Kirche St. Ansgar - Catedral; igreja St. Ansgar
- Kino; Restaurant u. Läden - Cinema; Restaurante e Loja
- Wohnungen (131), 17 Geschosse - Habitação, 17 Pisos
- Wohnungen (73), 16 Geschosse - Habitação, 16 Pisos
- Wohnungen (76), 16 Geschosse - Habitação, 16 Pisos
- Wohnungen (87), 16 Geschosse - Habitação, 16 Pisos
- Wohnungen (61), 16 Geschosse - Habitação, 16 Pisos
- Akademie der Künste - Academia de Artes
- Wohnungen (16), 4 Geschosse - Habitação, 4 Pisos
- Wohnungen (16), 3-4 Geschosse - Habitação, 3-4 Pisos
- Wohnungen (19), 3-4 Geschosse - Habitação, 3-4 Pisos
- Wohnungen (21), 3 Geschosse - Habitação, 3 Pisos
- Wohnungen (96), 8 Geschosse; Post - Habitação, 8 Pisos; Correios
- Wohnungen (78), 7 Geschosse - Habitação, 7 Pisos
- Wohnungen (69), 10 Geschosse; Läden - Habitação, 10 Pisos; Loja
- Bücherei - Biblioteca
- Wohnungen (78), 8 Geschosse - Habitação, 8 Pisos
- Wohnungen (59), 9 Geschosse - Habitação, 9 Pisos
- Wohnungen (67), 9 Geschosse - Habitação, 9 Pisos
- Wohnungen (164), 16 Geschosse - Habitação, 16 Pisos
- Ev. Kaiser - Friedrich - Gedächtniskirche - Igreja Memorial
- Wohnungen (8), 3 Geschosse - Habitação, 3 Pisos
- Einfamilienhäuser (5), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso
- Einfamilienhäuser (4), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso
- Einfamilienhäuser (2), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso
- Einfamilienhäuser (3), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso
- Einfamilienhäuser (3), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso
- Einfamilienhäuser (1), 2 Geschosse - Habitação, 2 Pisos
- Einfamilienhäuser (2), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso
- Einfamilienhäuser (1), 1 Geschoss - Habitação, 1 Piso

## CONSIDERAÇÕES

Após o tratamento e análise de informações e, principalmente, de desenhos sobre os bairros em estudo neste capítulo (e o Bairro dos Alemães), é possível estabelecer relações entre os diferentes casos em diversos aspectos. Iniciando o balanço pelo ponto de vista mais abrangente, entende-se que o bairro de Olivais Norte, o de Olivais Sul e o Residencial de Nova Oeiras, tal como o Bairro dos Alemães apresentam características que remetem para a cidade-jardim, modelo concebido por Ebenezer Howard no final do século XIX, sendo que o Bairro Residencial de Nova Oeiras partilha da mesma maneira os princípios da Unidade de Vizinhança – é possível imaginar similarmente o mesmo conceito no bairro alemão. O caso de Hansaviertel foi o único destes que não respeitou os ideais da Carta de Atenas, de Le Corbusier, havendo uma liberdade total para pensar a cidade. Por esta razão, Hansaviertel não apresenta projecto de zoneamento como os outros bairros aqui estudados.

Quanto à morfologia urbana, os conjuntos arquitectónicos são bastante distintos. Neste enquadramento, os bairros de Beja e de Olivais Norte podem-se considerar como orgânicos. O mesmo já não acontece em Olivais Sul, possivelmente por ser de uma dimensão completamente discrepante – a sua malha é irregular. Em Nova Oeiras o núcleo central remete para uma planta radiocêntrica, onde a “raquete” é o centro e, no exemplo alemão, observa-se um ponto médio adjacente às vias radiais que o atravessam, isto é, apresenta uma malha radial que liga ao observatório da cidade em forma de coluna – Siegestsäule – a Sudeste do bairro. Todos os bairros têm um acesso privilegiado pensado ao nível do peão, sendo atravessados por vias para veículos motorizados apenas uma ou duas vezes. O espaço verde é o grande protagonista destes locais, posto que são frequentemente acompanhados de caminhos pedonais e acesso a estacionamento. O espaço público existe numa grande quantidade e qualidade, pois é, em todos os casos, destinado ao passeio dos seus habitantes e, por vezes, também ao recreio e à protecção, como em Olivais Sul. No plano do Bairro dos Alemães existem inúmeros atravessamentos interiores, apesar de não serem sempre acompanhados de espaço verde, mas que permitem a todo o momento o trânsito pedonal pelo conjunto inteiro.

Todos planeados no mesmo período – finais da década de 1950 e década de 1960 -, apresentam tipologias e equipamentos públicos semelhantes. Em Olivais Norte encontramos blocos habitacionais assentes em *pilotis* – torres e bandas – e moradias; e, no que respeita a infraestruturas: escolas pré-primária e primária; igreja; mercado; zonas de comércio e de desporto, acompanhados pelo espaço verde livre. Em Olivais Sul a organização faz-se através de blocos isolados – torres e bandas – e moradias, e há um centro cívico e comercial (assim como no caso de Beja); escolas; zonas verdes de protecção; núcleos de habitação para realojamento; cemitério e zonas para a prática de desportos. Nova Oeiras dispõe de parques e jardins; serviços e administração; escolas ao nível do ensino básico e especial; lar de idosos; lojas incluídas num centro comercial; zonas e edifícios destinados ao desporto e correios. Já o bairro de Hansaviertel apresenta, ao nível da habitação, moradias de um ou dois pisos, bandas e torres que, além de habitação, podiam albergar, similarmente, lojas ou serviços (como correios, por exemplo) – uma aproximação às unidades de habitação. Este bairro também conta com escola primária; creche; igrejas; biblioteca; academia de artes; cinema e restaurante. De alguma forma, o sentido de urbanidade neste conjunto não foi bem conseguido. Ainda assim, continua a ser uma referência por ser um bairro tão variado no que diz respeito à arquitectura e contexto em que foi pensado, com um vasto leque de arquitectos de nacionalidades e culturas diferentes.

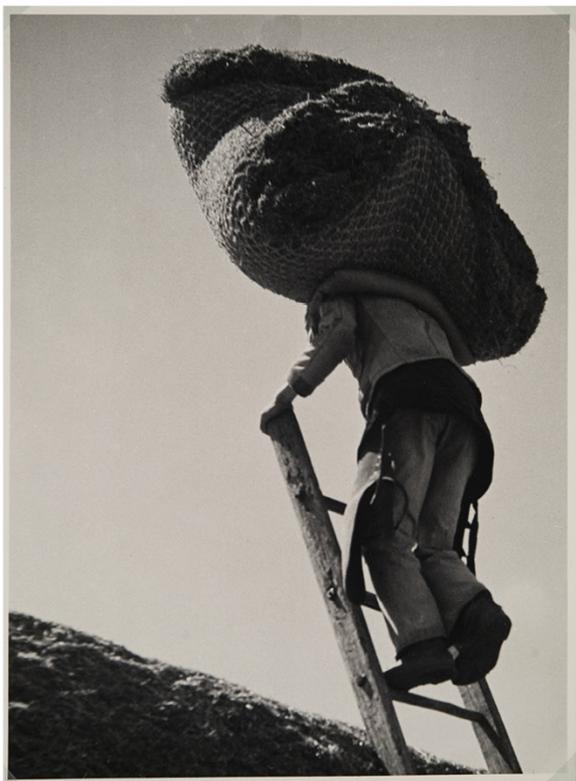


Fig. 110 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bairro dos Alemães é um dos projectos mais icónicos de Beja, embora seja pouco conhecido fora da cidade, pouco divulgado e pouco estudado. Para ser um projecto desta notoriedade contribui o facto de ser um bairro [na altura em que foi pensado] estrangeiro à cidade – ao centro histórico de Beja e aos seus habitantes, a vários níveis -, e também porque o seu plano, juntamente com a base aérea, foi, muito provavelmente, o maior daquele território, desde a década de 1960. A torre permanece como a imagem do bairro, apesar de não ser usufruída pela comunidade da cidade. Independentemente da relevância do projecto para a compreensão da arquitectura e do espaço urbano, é necessário ter em conta que se mantém incompleto (e já com um elemento destruído). Existem alguns equipamentos públicos e edifícios de habitação; porém, também há espaços que permanecem livres, apesar do crescimento natural da cidade – consequência da evolução e do crescimento populacional.

A participação no laboratório de arquitectura resultou numa abordagem que partiu das ligações cobertas do bairro – que interligam grande parte dos equipamentos públicos -, que possibilitam a sombra durante todo o dia, característica própria do Alentejo, e também em privilegiar o visitante, no que respeita ao domínio do território, ou seja, relações visuais a partir do topo da torre, onde se tem uma perspectiva da cidade de Beja, da planície alentejana e do bairro propriamente dito. Este foi o momento que constituiu uma aproximação ao objecto de estudo, ainda que de uma maneira passageira e elementar.

No que diz respeito ao contexto territorial e socioeconómico de Beja na década de 1960, apoiado pelos relatórios da CANIFA sobre as implicações da construção de uma base aérea naquele território, verificou-se que era relevante responder à crise de habitação no concelho de Beja devido ao número elevado de habitantes – a média não chegava a uma divisão por habitante -, e contrariar a inexistência de espaços verdes de qualidade na cidade. Assim, foi necessário reflectir sobre as infraestruturas e os equipamentos que tornariam habitável e confortável o novo bairro – para os novos habitantes alemães e portugueses. Os exemplos da época privilegiavam o peão acima de tudo e os bairros eram dotados de uma imensa zona verde pensada para protecção, passeio, desporto, recreio ou lazer.

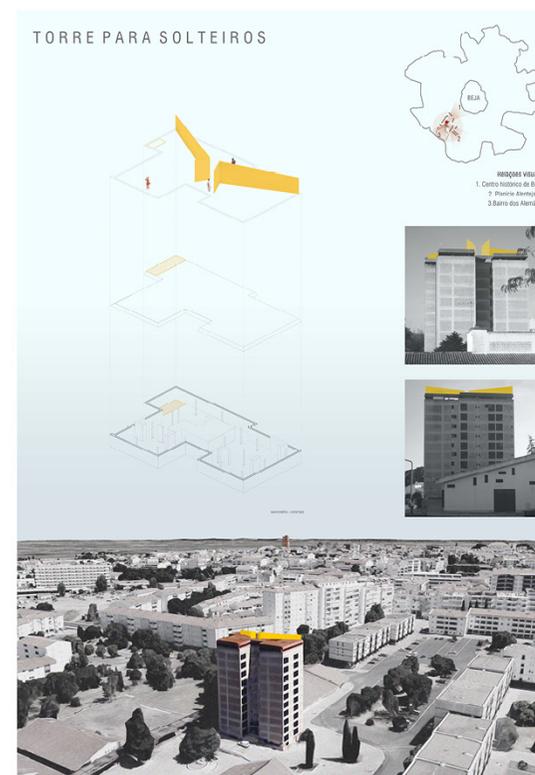


Fig. 111 - Painel da apresentação final do Laboratório Torre para Solteiros.  
Trabalho de Beatriz Rodrigues, Catarina Pinho e Henrique Henriques

Em relação às características do bairro, observa-se que as suas tipologias são a torre, as bandas e as moradias, interligadas, por vezes, através de praças; a sua malha urbana é orgânica; e existe apenas um atravessamento por uma via para veículos motorizados, sendo todo o resto percorível a pé por meio de arruamentos interiores que possibilitam também o acesso aos estacionamento. O plano apresenta zonas muito distintas e respeita, em certa medida, alguns princípios do Movimento Moderno: o seu próprio modo de planeamento (zoneamento muito claro); a inserção de vazios urbanos conjugados com áreas verdes e espaços amplos para livre circulação; a *Promenade Architecturale* por se poder percorrer todo o bairro de um modo cénico; a abertura na relação entre o individual e o colectivo, entre o público e o privado e as funções do bairro predeterminadas. Contudo, a escala da cidade de Beja foi respeitada, bem como o tipo de materiais usados nas construções do bairro – além da torre, com 11 pisos, os restantes não ultrapassam os 4 pisos (bandas de habitação). A equipa de arquitectos do bairro planeou edifícios que apontariam para uma coesão em relação à arquitectura do centro histórico de Beja, misturando alguns princípios germânicos com elementos vernaculares portugueses, o que conferiu originalidade e um sabor local àquele conjunto arquitectónico.

O processo de investigação incluiu a realização e o desenvolvimento de uma base gráfica sobre o bairro (em geral) e os projectos dos equipamentos (mais detalhada) - através do redesenho, juntamente com um levantamento fotográfico nos casos das obras construídas. Este processo, que resultou em todas as peças desenhadas apresentadas neste documento (pela autora) foi essencial para a elaboração de uma base gráfica única e, agora, indispensável para futuras abordagens a este bairro.

A metodologia, que passou pelos levantamentos gráfico e fotográfico, da análise crítica e da interpretação da situação actual do Bairro dos Alemães proporcionou a consciência acerca do desinteresse pelo conjunto arquitectónico e pelo abandono de parte deste, além da permanência esporádica no local. No âmbito da responsabilidade social dos arquitectos, é necessário preservar a memória de um plano para um novo habitar da cidade de Beja, assim como consciencializar que este património se encontra desaproveitado, devoluto e em

degradação. Apesar de o plano não ter sido edificado na sua totalidade tem lugar na cultura arquitectónica, pois trata-se de um exemplo de qualidade invulgar na arquitectura modernista portuguesa, assinado por nomes importantes da época. Interessa que seja conservado, que volte a ser vivido e que não seja descaracterizado nem esquecido.

De acordo com o Lidador Notícias, jornal digital de informação geral direccionado para o distrito de Beja, “o Bairro da Força Aérea tem mais de duas centenas de apartamentos desabitados”<sup>34</sup>, apesar de a Força Aérea (FA) assumir que a torre é o único edifício devoluto há mais de uma década. Existe um total de 330 habitações construídas, apoiadas pelos *arruamentos, parques de estacionamento, zonas verdes e diversas instalações de apoio social*<sup>35</sup>. Actualmente, todo o bairro está sob a posse da FA, que não se mostra disponível para ceder parte do espaço desabitado aos sectores da sociedade civil de Beja que carecem de habitação, como por exemplo o Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), a PSP, o Hospital e a própria Câmara Municipal (CMB). A torre, por si só, poderia resolver diversos problemas desta crise habitacional, enquanto as residências para estudantes do IPBeja não são suficientes, assim como a fixação na cidade por parte dos profissionais de saúde, que não acontece facilmente devido a esta premissa. Numa altura em que há muitas expectativas para a melhoria daquela parte da cidade, mais propriamente sobre a torre devido ao espaço inutilizado, quer pela CMB, quer por empresários – que se interessam pela sua recuperação -, seria fundamental pensar numa ocupação, permanente ou temporária, de forma a reactivar o bairro, ou pelo menos alguns edifícios, de forma a que aquele sítio ganhe outra dinâmica, diferente da actual – instalações para mero usufruto da FA. Assim, também seria pertinente englobar uma possível intervenção das ligações que o bairro apresenta (através de passagens cobertas ou pavimentadas), na medida em que poderia consolidar o seu perímetro e criar acessos directos, ao nível do peão, aos pontos de interesse da envolvente – como a actual mata, as zonas comerciais, equipamentos desportivos, escolas, incluindo o Instituto Politécnico -, de modo a que o espaço seja realmente um bairro, confortável e dinâmico. É urgente o direito à cidade!

34. *in* Lidador Notícias, 17 de Dezembro de 2018

35. *in* Lidador Notícias, 17 de Dezembro de 2018



Fig. 112 - Maqueta à escala 1:2500 - MDF e cartão branco  
Proposta de ligações consoante as existentes - a nova ligação interliga a mata ao centro cívico (construído) e possibilita a existência de programa de âmbito cultural ou de lazer na clareira existente, como por exemplo, um anfiteatro ao ar livre como espaço multifunções (projectão / eventos)

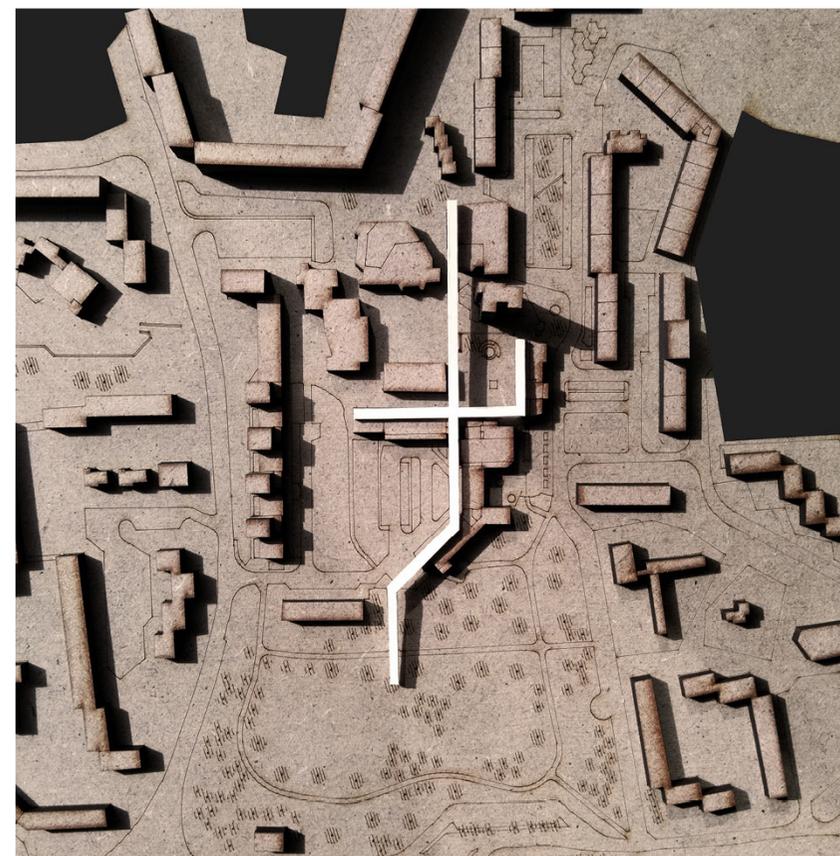


Fig. 113 - Maqueta à escala 1:2500 - MDF e cartão branco - Centro Cívico



Fig. 114 - *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

## 6. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

ÍNDICE DE FIGURAS

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Luís V.; Rui P. Ricardo; Mireille Rouy. "O Azoto Orgânico em Barros Pretos de Beja." Instituto Superior de Agronomia (1970): 118-125.
- Amaral, Francisco Keil; José Antunes da Silva; Raúl Hestnes Ferreira. *Keil do Amaral: Arquitecto 1910-1975*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1992.
- Amaral, Francisco Keil; et al. *Arquitectura Popular em Portugal*. 3.<sup>a</sup> ed. 3 vols. Vol. 3. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.
- Amorim, Fernando P.; et al. "Relatório acerca das implicações de ordem socioeconómicas que resultarão da instalação na região de Beja da Base Aérea n.º 11 e na cidade de Beja da instalação do pessoal alemão e português necessário ao funcionamento da mesma Base." CANIFA (1965).
- Ascher, François. *Novos Princípios do Urbanismo: Seguido de Novos Compromissos Urbanos – um Léxico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- Benévolo, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- Cândido, Cláudia Valdete. "Arquitectura e urbanismo: o Bairro Residencial de Nova Oeiras." Universidade Lusíada de Lisboa (2019)
- Carvalho, Ricardo. *A Cidade Social: Impasse, Desenvolvimento, Fragmento*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2016.
- Carvalho, Ricardo; Filipa Ramalhe. *Colóquio Internacional: Habitar, Pensar, Investigar, Fazer*. Lisboa: EDUAL, 2013.
- Castellano, Pedro Sória. "Movimento Moderno e pós-Modernismo: As naturezas sobrepostas de Berlim." Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2009)
- Eskinazi, Mara Oliveira. "A Interbau e a Requalificação do Oitocentista Hansaviertel em Berlim – 1957." *Docomomo* (2007)
- Fonseca, Ana Mónica. *A Força das Armas: O Apoio Federal da República Federal da Alemanha ao Estado Novo (1958-1968)*. Editado por Coleção Biblioteca Diplomática – série D, e Ministério dos Negócios Estrangeiros, Portugal. Lisboa: IDI-MNE, 2007. Europress, Lda.
- Frampton, Kenneth. *História Crítica da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Fernandes, José Manuel; et. al. *O livro da Nova Oeiras*. Oeiras: Município de Nova Oeiras, 2015.
- Hall, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Tradução por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1986.
- Matos, Alfredo Campos. *Vinte e Cinco Estudos de Arquitectura*. Edição de Autor, 2017.
- Matos, Alfredo Campos; et al. "Plano Director." CANIFA (1965).
- Mendes, Filipe Martins. "De Leste a Ocidente, Duas Reconstruções: A Reconstrução das Cidades na Alemanha após 1945." Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009.
- Pevsner, Nikolaus. *Panorama da Arquitectura Ocidental*. Tradução por José Netto, e Silvana Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.
- Távora, Fernando. *Da Organização do Espaço*. 6.<sup>a</sup> ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006.
- Tostões, Ana; et al. *Equipamentos II. Ocio, Deporte, Comercio, Transporte y Turismo, 1925-1965*. Registro Docomomo Ibérico. Fundación Caja de Arquitectos, 2011.
- Tostões, Ana; João Afonso; et al. *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.
- Ana Mónica Fonseca. "Dez anos de Relações Luso-Alemãs: 1958-1968" *Relações Internacionais*, 11 (2006): 47-60.
- José Manuel Fernandes. "Recuperação Urbanística, Paisagística e Arquitectónica do Bairro de Nova Oeiras" *Arq/a*, 71-72 (2009): 38-41.
- João Espinho; José Ferrolho. "Memórias de um Bairro" *Diário do Alentejo* (2011): 14-15.
- "Olivais-Norte" *Arquitectura*, 81 (1964): 5-11.
- "Habitagens em Torre em Olivais Sul" *Arquitectura*, 110 (1969): 175-177.
- "Urbanização de Olivais Sul" *Boletim QTH* 1, 1 (1964): 11-27.

#### ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo da Câmara Municipal de Beja  
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa  
Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa  
Diário do Alentejo  
Lidador Notícias  
Biblioteca Francisco Keil do Amaral  
Biblioteca Jorge Araújo, Universidade de Évora  
Arquivo da Base Aérea n.º 11, Beja

#### LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

**BA11** – Base Aérea n.º 11  
**CANIFA** - Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas  
**CEAL** – Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve  
**CMB** – Câmara Municipal de Beja  
**FA** – Força Aérea  
**IPBEJA** – Instituto Politécnico de Beja  
**I.S.** – Instalação Sanitária  
**NATO** – North Atlantic Treaty Organization  
**PBX** – Private Branch Exchange  
**PSP** – Polícia de Segurança Pública  
**RDA** – República Democrática Alemã  
**RFA** – República Federal da Alemanha  
**SCLAP** - Serviços Centrais de Ligação Alemã em Portugal  
**ZRB** – Zona Residencial de Beja

ÍNDICE DE FIGURAS



1. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



2. Cartaz do Laboratório de Arquitectura "Torre para Solteiros". Beja, 2018.  
 Fonte: RM Arquitectura



3. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



4. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



5. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



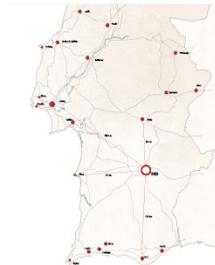
6. *Zonas Ecológicas.*  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



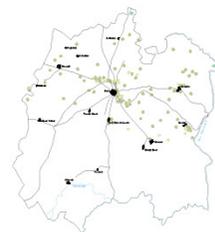
7. *Fotografia Aérea.* Década de 1930  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



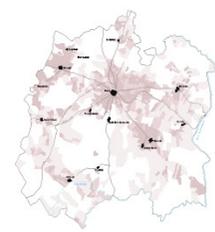
8. *Ortofotomapa da Cidade de Beja,* 2019. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Google Earth



9. *Polos de interesse urbano e turístico,* 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



10. *Distribuição das qualidades culturais no concelho de Beja,* 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



11. *Planta da densidade predial no concelho de Beja,* 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



12. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



13. *Planta de Beja - 2018,* 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Câmara Municipal de Beja



14. *Avião 20 + 99, Base Aérea n.º 11,* Beja.  
 MÜHLBÖCK COLLECTION



15. *Avião 20 + 99, como monumento à entrada da base aérea, com pintura cinzenta e nariz preto, desde 1993.* Base Área n.º 11, Beja, 2010.  
 MARKUN ALTMANN



16. *Pormenor de um edifício da Base Aérea n.º 11,* Beja, 2019  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



17. *Edifício da Base Aérea n.º 11,* Beja, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



18. *Embaixador Vasco Futecher Pereira, embaixador de Bona com o Chanceler Willy Brandt.* 1974.  
 AUTOR DESCONHECIDO



19. *Ortofotomapa da cidade de Beja, envolvente e relação com o aeroporto,* 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Google Earth



20. Praça da República. Anterior a 1940.  
 AUTOR DESCONHECIDO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



21. Bairro dos Alemães, Beja 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



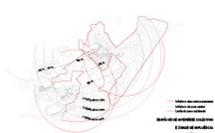
22. Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60. ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



23. Planta Geral do Plano do Bairro dos Alemães, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



24. Esquema de Circulação, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



25. Esquema de edifícios de interesse colectivo e zonas de influência, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



26. Esquema de número de pavimentos, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



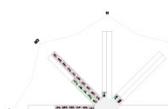
27. Esquema de recolha de lixos, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



28. Esquema de circulação, estacionamento e zonas de influência, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



29. Esquema de centros de interesse, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



30. Diagrama do regime de ventos, 2019. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



31. Planta de zonas relativas ao plano, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



32. Fotografia aérea do Bairro, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Rui Silvestre



33. Fotografia aérea da Torre para Solteiros, Beja, 2020.  
 Edição: CATARINA PINHO  
 Fonte: Rui Silvestre



34. Plantas da Torre para Solteiros, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



35. Alçados da Torre para Solteiros, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



36. Bairro dos Alemães, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



37. Bairro dos Alemães, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



38. Alçados da Torre para Solteiros, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



39. Bairro dos Alemães, 2018.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



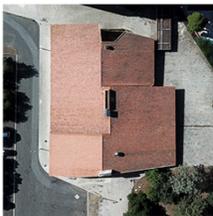
40. Bairro dos Alemães, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



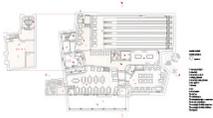
41. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



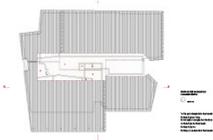
42. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



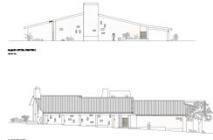
43. *Fotografia aérea da Casa Alemã*, Beja, 2020. Edição: CATARINA PINHO  
 Fonte: Rui Silvestre



44. *Plantas do piso 0 e cave da Casa Alemã*, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



45. *Planta da cobertura e piso técnico da Casa Alemã*, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



46. *Alçados da Casa Alemã*, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



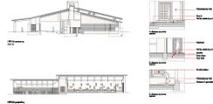
47. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



48. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



49. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



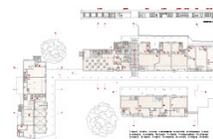
50. *Cortes e pormenores construtivos da Casa Alemã*, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



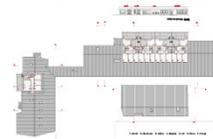
51. *Torre para Solteiros*, 2018.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



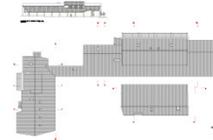
52. *Fotografia aérea do Centro Comercial*, Beja, 2020.  
 Edição: CATARINA PINHO  
 Fonte: Rui Silvestre



53. *Planta do piso 0 e alçado do centro comercial*, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



54. *Planta do piso 1 e alçado do centro comercial*, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



55. *Planta da cobertura e alçado do centro comercial*, 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



56. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



57. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



58. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



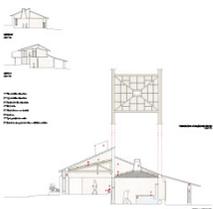
59. *Cortes do centro comercial*, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Arquivo Municipal de Beja



60. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



61. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



62. *Cortes do centro comercial*, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



63. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



64. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



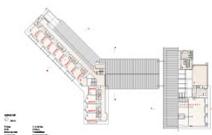
65. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



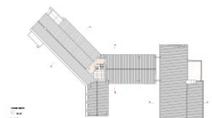
66. *Fotografia aérea do Hotel e Restaurante*, Beja, 2020.  
Edição: CATARINA PINHO  
Fonte: Rui Silvestre



67. *Planta do piso 0 do Hotel e Restaurante*, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



68. *Planta do piso 1 do Hotel e Restaurante*, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



69. *Planta do piso 2 e cobertura do Hotel e Restaurante*, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



70. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



71. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



72. *Alçados do Hotel e Restaurante*, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



73. *Alçados e Cortes do Hotel e Restaurante*, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



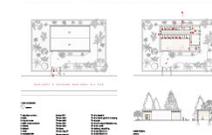
74. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



75. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



76. *Fotografia aérea do Posto de Seccionamento da CEAL*, Beja, 2020. Edição: CATARINA PINHO  
Fonte: Rui Silvestre



77. *Plantas, corte e alçado do Posto de Seccionamento da CEAL*, 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



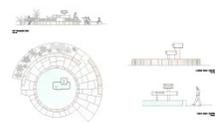
78. *Bairro dos Alemães*, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



79. Bairro dos Alemães, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



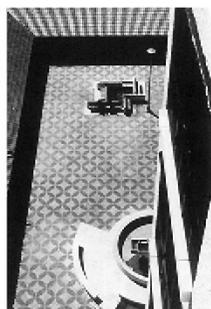
80. Fotografia da praça central e da fonte,  
Beja, 2019. Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



81. Planta, corte e alçados da Fonte,  
2020. Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



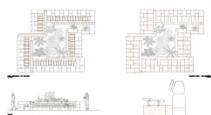
82. Bairro dos Alemães, 2019.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Catarina Pinho



83. Fotografia do período de  
construção do Bairro dos Alemães.  
ALFREDO CAMPOS MATOS  
Fonte: "Arquitectura - 25 estudos",  
de Alfredo Campos Matos



84. Fotografias do período de  
construção do Bairro dos Alemães.  
ALFREDO CAMPOS MATOS  
Fonte: "Arquitectura - 25 estudos",  
de Alfredo Campos Matos



85. Plantas, corte e alçado do Banco,  
2020. Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



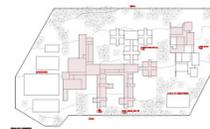
86. Fotografias da maquete da  
Escola Alemã.  
Fonte: Arquitecto Pedro Botelho



87. Fotografias da maquete da  
Escola Alemã.  
Fonte: Arquitecto Pedro Botelho



88. Planta programática da primeira  
versão da Escola Alemã, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquitecto Pedro Botelho



89. Planta de fases de construção da  
primeira versão da Escola Alemã, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquitecto Pedro Botelho



90. Planta de fases de construção da  
segunda versão da Escola Alemã, 2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquitecto Pedro Botelho



91. Planos gerais de Olivais Norte e  
Olivais Sul, 1970.  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



92. Conjunto dos casos de estudo,  
2020.  
Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



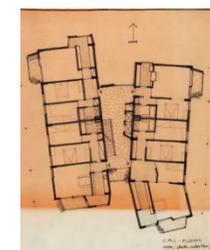
93. Olivais Norte. Projecto-tipo IIIA.  
ESTÚDIO MÁRIO NOVAIS  
Fonte: gulbenkian.pt



94. Edifício nº 55-55A, da autoria  
dos Arquitetos Nuno Teotónio  
Pereira e António Pinto Freitas.  
AUTOR DESCONHECIDO  
Fonte: bairrojardim.weebly.com



95. Torre nos Olivais Norte.  
HUGO DAVID  
Fonte: www.trienaldelisboa.com



96. Torres nos Olivais Norte.  
NUNO PORTAS, NUNO TEOTÓNIO  
PEREIRA E ANTÓNIO PINTO DE  
FREITAS  
Fonte: housingarchive.wordpress.com



97. Plano do Bairro de Olivais  
Norte. Autoria: CATARINA PINHO  
Fonte: Revista Arquitectura n.º 81



98. *Urbanização dos Olivais. Planta de Zoneamento, 1955.*  
 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



99. *Vista aérea dos Olivais ao aeroporto, Lisboa, década de 1950.*  
 C.M.L./D.E.P.  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



100. *Blocos habitacionais da célula C - Olivais Sul, 1963, de Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas. PEDRO SADIO*  
 Fonte: 2016.openhouselisboa.com



101. *Plano do Bairro de Olivais Sul.*  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: *Boletim GTH, vol. 1, n.º 1*



102. *Fotografia Aérea do Bairro Residencial de Nova Oeiras, 2009.*  
 JOSÉ MANUEL FERNANDES  
 Fonte: Arq/a n.º 71 e 72



103. *Bairro Residencial de Nova Oeiras. AUTOR DESCONHECIDO*  
 Fonte: Câmara Municipal de Oeiras



104. *Planta do Bairro de Nova Oeiras.* Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Câmara Municipal de Oeiras



105. *Obra de Oscar Niemeyer, Hansaviertel, Berlim.*  
 IÑIGO PEDRUEZA  
 Fonte: elgiroscopo.es



106. *Interior de uno de los apartamentos del bloque de Aalto. Su huella particular se nota en la foto de la época.* Hansaviertel, Berlim. IÑIGO PEDRUEZA  
 Fonte: elgiroscopo.es



107. *Bloque de los arquitectos Fritz Jaenecke y el sueco Sten Samuelson, Hansaviertel, Berlim.*  
 IÑIGO PEDRUEZA  
 Fonte: elgiroscopo.es



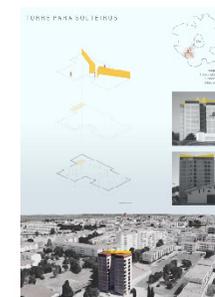
108. *Bloque de apartamentos de Walter Gropius, Hansaviertel, Berlim.*  
 IÑIGO PEDRUEZA  
 Fonte: elgiroscopo.es



109. *Plano do Bairro de Hansaviertel, Berlim.* 2020. Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: digibib.hs-nb.de



110. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



111. *Painel da apresentação final do Laboratório Torre para Solteiros.*  
 Autoria: BEATRIZ RODRIGUES, CATARINA PINHO E HENRIQUE HENRIQUES  
 Fonte: Beatriz Rodrigues, Catarina Pinho e Henrique Henriques



112. *Fotografia da maquete à escola 1:2500.* 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



113. *Fotografia da maquete à escola 1:2500.* 2020.  
 Autoria: CATARINA PINHO  
 Fonte: Catarina Pinho



114. *Série Cidades - Beja, décadas de 40, 50 e 60.* ARTUR PASTOR  
 Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa



*Quando é que um edifício é mais real?  
Quando é apenas um punhado de ideias? Um rabisco grosseiro?  
Serão os muitos lençóis municipais impressos em linho?  
Quando os ossos estão de pé?  
Quando o revestimento está feito?  
Quando os donos o ocupam?  
Quando se incendia?  
Ou quando os primeiros donos saem?  
Não é real ao explodir?  
É menos real crivado de balas?*

In Guedes, Amâncio – "The practice of architecture". Institute of South African Architects' Conference,  
Cape Town, 27th April – 1st May 1964 – Institute of South African Architects, 1964. p.12.